GAUDEO

John Carter Brown.

C

m

489 Le Clerc 27/

Gent. Rich

p. 30 /.

CARAMURÚ.
POEMA EPICO
DO
DESCUBRIMENTO
DA
BAHIA,
COMPOSTO
POR

Fr. JOSÉ DE SANTA RITA
DURÃO,

Da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural da Cata-Preta nas Minas Geraes.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M. DCC. LXXXI.
Com licença da Real Meza Censoria.

JOHN CARTER BROWN.

Et quoniam Deus ora movet, ſequar ora
moventem.
Rite Deum.

Ovid. Metamorph. XV.

REFLEXÕES PREVIAS,

E

ARGUMENTO.

OS ſucceſſos do Brazil não merecião menos hum Poema, que os da India. Incitou-me a eſcrever eſte o amor da Patria. Sei que a minha Profiſſão exigiria de mim outros eſtudos; mas eſtes não são indignos de hum Religioſo, porque o não forão de Biſpos, e Biſpos Santos; e o que mais he, de Santos Padres, como S. Gregorio Nazianzeno, São Paulino, e outros; maiormente, ſendo eſte Poema ordenado a pôr diante dos olhos aos Libertinos o que a natureza inſpirou a homens, que vivião tão remotos das que elles chamão *preoccupações de eſpiritos debeis*. Opportunamente o inſinuamos em algumas Notas: uſamos ſem eſcrupulo de nomes tão barbaros: os Alemães, Inglezes, e ſimilhantes não parecem menos duros aos noſſos ouvidos; e os noſſos aos ſeus. Não faço mais apologias da

Obra, porque eſpero as reprehensões, para, ſe for poſſivel, emendar os defeitos, que me envergonho menos de commetter, que de deſculpar.

A acção do Poema he o deſcubrimento da Bahia, feito quaſi no meio do Seculo XVI. por Diogo Alvares Correa, nobre Vianez, comprehendendo em varios epiſodios a Hiſtoria do Brazil, os Ritos, Tradições, Milicias dos ſeus Indigenas, como tambem a Natural, e Politica das Colonias.

Diogo Alvares paſſava ao novo deſcubrimento da Capitanía de S. Vicente, quando naufragou nos baixos de Boipebá, vizinhos á Bahia. Salvárão-ſe com elle ſeis dos ſeus companheiros, e forão devorados pelos Gentios Antropofagos, e elle eſperado, por vir enfermo, para melhor nutrido ſervir-lhes de mais goſtoſo paſto. Encalhada a náo, deixárão-no tirar della polvora, bala, armas, e outras eſpecies, de que ignoravão o uſo. Com huma eſpingarda matou elle caçando certa ave, de que eſpantados os Barbaros o acclamárão *Filho do trovão*, e *Caramuru*, iſto he; *Dragão do mar*. Combatendo com

os

os Gentios do Sertão, venceo-os, e fez-ſe dar obediencia daquellas Nações barbaras. Offerecêrão-lhe os Principaes do Brazil as ſuas filhas por mulheres; mas de todas eſcolheo Paraguaçú, que depois conduzio comſigo á França; occaſião, em que outras ſinco Brazilianas ſeguírão a náo Franceza a nado, por acompanhallo, até que huma ſe affogou; e intimidadas as outras, ſe retirárão.

Salvou hum navio de Heſpanhoes, que naufragárão, com o que mereceo, que lho agradeceſſe o Imperador Carlos V. com huma honroſa carta. Paſſou á França em náo, que alli abordou daquelle Reino, e foi ouvido com admiração de Henrique II., que o convidava para em ſeu nome fazer aquella Conquiſta. Repugnou elle, dando aviſo ao Senhor D. João III. por meio de Pero Fernandes Sardinha, primeiro Biſpo da Bahia. Commetteo o Monarca a empreza a Franciſco Pereira Coutinho, fazendo-o Donatario daquella Capitanía. Mas eſte não podendo amançar os Tupinambás, que habitavão o Reconcavo, retirou-ſe á Capitanía dos Ilheos; e pacificado depois com os

Tu-

Tupinambás , tornava á Bahia , quando alli infauſtamente pereceo em hum naufragio. Em tanto Diogo Alvares aſſiſtio em París ao Baptiſmo de Paraguaçú ſua eſpoſa , nomeada nelle Catharina , por Catharina de Medicis , Rainha Chriſtianiſſima , que lhe foi Madrinha , e tornou com ella para a Bahia , onde foi reconhecida dos Tupinambás , como herdeira do ſeu Principal , e Diogo recebido com o antigo reſpeito. Teve Catharina Alvares huma visão famoſa , em que a Virgem Santiſſima manifeſtando-ſe-lhe cheia de gloria , lhe diſſe , que fizeſſe reſtituir huma Imagem ſua roubada por hum Salvagem. Achou-ſe eſta nas mãos de hum Barbaro ; e Catharina Alvares com exclamações de júbilo ſe lançou a abraçalla , clamando ſer aquella a Imagem meſma , que lhe appacecêra : foi collocada com o titulo de Virgem Santiſſima da Graça em huma Igreja , que he hoje Moſteiro de S. Bento , célebre por eſta tradição. Chegou em tanto de Portugal Thomé de Souſa com algumas náos , familias , e tropas para povoar a Bahia. Sebaſtião da Rócha Pitta , Author da Hiſtoria Brazilica , e natural

da

da mesma Cidade, assevera que Catharina Alvares renunciára no Senhor D. João III. os direitos, que tinha sobre os Tupinambás, como herdeira dos seus maiores Principaes: elle mesmo attesta, que aquelle Monarca mandára aos seus Governadores, que honrassem, e attendessem Diogo Alvares Correa Caramurú pelos referidos serviços; e foi com effeito elle o tronco da Nobilissima Casa da Torre na Bahia; e Catharina Alvares sua mulher foi honrada por aquella Metropole com hum seu Retrato sobre a porta da casa da polvora ao lado das Armas Reaes. Lea-se Vasconcellos na Historia do Brazil, Francisco de Brito Freire, e Sebastião da Rócha Pitta.

CA-

CARAMURÚ.
POEMA EPICO.

CANTO I.

I.

De hum Varão em mil caſos agitado,
Que as praias diſcorrendo do Occidente,
Deſcubrio o Reconcavo affamado
Da Capital Brazilica potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar ſoube á fera gente;
O valor cantarei na adverſa ſorte,
Pois ſó conheço Heróe quem nella he forte.

II.

Santo Eſplendor, que do grão Padre manas
Ao ſeio intacto de huma Virgem bella;
Se da enchente de luzes Soberanas
Tudo diſpenſas pela Mãi Donzella;
Rompendo as ſombras de illusões humanas,
Tu do grão caſo a pura luz revéla;
Faze que em ti comece, e em ti conclua
Eſta grande Obra, que por fim foi tua.

III.

E vós, Principe excelſo, do Ceo dado
Para baſe immortal do Luſo Throno;
Vós, que do aureo Brazil no Principado
Da Real ſucceſsáo ſois alto abono:
Em quanto o Imperio tendes deſcançado
Sobre o ſeio da paz com doce ſonno,
Náo queirais dedignar-vos no meu metro
De pôr os olhos, e admitillo ao ſcetro.

IV.

Nelle vereis Nações deſconhecidas,
Que em meio dos Sertões a Fé náo doma;
E que pudéráo ſer-vos convertidas
Maior Imperio, q̃ houve em Grecia, ou Ro-
Gentes vereis, e Terras eſcondidas, (ma:
Onde ſe hum raio da verdade aſſoma,
Amanſando-as, tereis na turba immenſa
Outro Reino maior que a Europa extenſa.

V.

Devora-ſe a infeliz miſera Gente,
E ſempre reduzida a menos terra,
Virá toda a extinguir-ſe infelizmente;
Sendo em campo menor maior a guerra.
Olhai, Senhor, com reflexáo clemente
Para tantos Mortaes, que a brenha encerra;
E que, livrando deſſe abyſmo fundo,
Vireis a ſer Monarca de outro Mundo.

VI.

Principe do Brazil, futuro dono,
A' Mái da Patria, que adminiſtra o mando,
Ponde, excelſo Senhor, aos pés do Throno
As deſgraças do Povo miſerando:
Para tanta eſperança he o juſto abono,
Voſſo titulo, e nome, que invocando,
Chamará, como a outro o Egypcio Povo,
D. Joſé Salvador de hum Mundo novo.

VII.

Nem podereis temer, que ao ſanto intento
Não ſe nutrão Heróes no Luſo povo,
Que o antigo Portugal vos apreſento
No Brazil renaſcido, como em novo.
Vereis do domador do Indico aſſento
Nas guerras do Brazil alto renovo,
E que os ſeguem nas bellicas idéas
Os Vieiras, Barretos, e os Correas.

VIII.

Dai por tanto, Senhor, potente impulſo,
Com que poſſa entoar ſonoro o metro
Da Brazilica gente o invicto pulſo,
Que augmenta tanto Imperio ao voſſo Scetro:
E em quanto o Povo do Brazil convulſo (1)
Em nova lyra canto, em novo pletro;
Fazei que fideliſſimo ſe veja
O voſſo Throno em propagar-ſe a Igreja.

IX.

Da nova Luſitania o vaſto eſpaço
Hia a povoar Diogo, a quem biſonho
Chama o Brazil, temendo o forte braço,
Horrivel filho do trováo medonho:
Quando do abyſmo por cortar-lhe o paſſo
Eſſa Furia ſahio, como ſupponho,
A quem do Inferno o Paganiſmo aluno,
Dando o Imperio das aguas, fez Neptuno.

X.

O gráo Tridente, com que o mar commove,
Cravou dos Orgáos na montanha horrẽda, (2)
E na eſcura caverna, adonde Jove
(Outro eſpirito) eſpalha a luz tremenda,
Relampagos mil faz, coriſcos chove;
Bate-ſe o vento em horrida contenda:
Arde o Ceo, zune o ar, treme a montanha,
E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

XI.

O Filho do trováo, que em baixel hia
Por paſſadas tormentas ruinoſo,
Vê que do groſſo mar na traveſſia
Se ſorve o lenho pelo pégo undoſo;
Bem que conſtante, a morte náo temia,
Invoca no perigo o Ceo piedoſo;
Ao ver que a furia horrivel da procélla
Rompe a náo, quebra o leme, e arranca a véla.

XII.

XII.

Lança-ſe ao fundo o ignivomo inſtrumento,
Todo o pezo ſe alija; o paſſageiro,
Para nadar no tumido Elemento,
A taboa abraça, que encontrou primeiro:
Quem ſe arroja no mar temendo o vento;
Qual ſe fia a hum batel; quem a hũ madeiro,
Até que ſobre a penha, que a embaraça,
A quilha bate, e a náo ſe deſpedaça.

XIII.

Sete ſómente do batel perdido
Vem á praia cruel, luctando a nado;
Offerece-lhe hum ſoccorro fementido
Barbara multidáo, que acode ao brado:
E ao ver na praia o Bemfeitor fingido,
Rende-lhe as máos o naufrago enganado:
Triſtes! que a ver algum, qual fim o eſpera
Com quanta ſede a morte náo bebêra!

XIV.

Já eſtava em terra o infauſto naufragante,
Rodeado da turba Americana;
Vem-ſe com paſmo ao pôrem-ſe diante,
E huns aos outros náo crem da eſpecie humana:
Os cabellos, a côr, barba, e ſemblante
Faziáo crer aquella Gente inſana,
Que alguma eſpecie de animal ſeria
Deſſes, que no ſeu ſeio o mar trazia.

XV.

XV.

Algum chegando aos miſeros, que a arêa
O mar arroja extinctos, nota o vulto;
Ora o tenta deſpir, e ora recea
Não ſeja aſtucia, com que o aſſalte occulto.
Outros do Jacaré tomando a idéa (3)
Temem que acorde com violento inſulto;
Ou que o ſomno fingindo os arrebate,
E entre as prezas crueis no fundo os mate.

XVI.

Mas vendo a Sancho, hum naufrago que eſpira,
Rota a cabeça n'huma penha aguda,
Que hia tremulo a erguer-ſe, e que cahíra,
Que com voz laſtimoſa implora ajuda:
E vendo os olhos, que elle em branco víra;
Cadaverica a face, a boca muda,
Pela experiencia da commua ſorte
Reconhecem tambem que aquillo he morte.

XVII.

Correm depois de crello ao paſto horrendo;
E retalhando o corpo em mil pedaços,
Vai cada hum famelico trazendo,
Qual hum pé, qual a mão, qual outro os bra-
Outros da crua carne hião comendo; (ços:
Tanto na infame gula erão devaſſos:
Taes ha, que as aſsão nos ardentes foſſos,
Alguns torrando eſtão na chamma os oſſos.

XVIII.

XVIII.

Que horror da Humanidade! ver tragada
Da propria eſpecie a carne já corrupta!
Quanto não deve a Europa abençoada
A' Fé do Redemptor, que humilde eſcuta?
Não era aquella infamia praticada
Só deſſa gente miſeranda, e bruta;
Roma, e Carthago o ſabe no nocturno
Horrivel ſacrificio de Saturno. (4)

XIX.

Os ſete em tanto, que do mar com vida
Chegárão a tocar na infame arêa,
Paſmão de ver na turba recreſcida
A brutal catadura, horrida, e fea:
A côr vermelha em ſi, moſtrão tingida
De outra côr differente, que os affêa:
Pedras, e páos de embiras enfiados, (5)
Que na face, e nariz trazem furados.

XX.

Na boca em carne humana enſanguentada
Anda o beiço inferior todo cahido;
Porque a tem toda em roda esburacada,
E o labro de vís pedras embutido:
Os dentes (que he belleza que lhe agrada)
Hum ſobre outro deſponta recreſcido:
Nem ſe lhe vê naſcer na barba o pello,
Chata a cara, e nariz, rijo o cabello.

XXI.

Vè-ſe no ſexo recatado o pejo,
Sem mais que a antiga gala que Eva uſava,
Quando por pena de hum voraz deſejo
Da fêa a deſnudez ſe envergonhava:
Váo ſem pudor com barbaro deſpejo
Os homens, como Adáo ſem culpa andava;
Mas vê-ſe, alma Natura, o que lhe ordenas;
Porque no Sacrificio usáo de penas.

XXII.

Qual das bellas Araras traz viſtoſas
Louras, brancas, purpureas, verdes plumas:
Outros pōem, como tunicas luſtroſas,
Hum verniz de balſamicas eſcumas:
Nem temem nelle as chuvas procelloſas,
Nem o frio rigor de aſperas brumas;
Nem ſe receáo do mordaz biſouro,
Qual Anta, ou qual Tatú dentro em ſeu cou-
(ro. (6)

XXIII.

Por armas, fréchas, arcos, pedras, béſtas;
A eſpada do páo ferro, e por eſcudo
As redes de algodáo nada moleſtas,
Onde a ponta ſe embace ao dardo agudo:
Por capacete nas guerreiras teſtas
Cintos de pennas com galhardo eſtudo;
Mas o vulgo no belico ameaço (braço.
Náo tem mais q̃ unha ou dente, ou punho ou

XXIV.

Deſta arte armada a multidáo confuſa
  Inveſte o naufragante enfraquecido,
  Que ao ver-ſe deſpojar, nada recuſa;
  Porque ſe enxugue o madido veſtido:
Tanto mais pelo mimo, que ſe lhe uſa,
  Quando a barbara gente o vê rendido:
  Trouxeráo-lhe a batata, o coco, o inhame; (7)
  Mas o que crem piedade he gula infame.

XXV.

Cevaváo deſta fórma os deſditoſos
  Das fadigas maritimas desfeitos;
  Por pingues ter os paſtos horroroſos,
  Sendo nas carnes miſeras refeitos:
Feras! mas feras náo; que mais monſtruoſos
  Sáo da noſſa alma os barbaros effeitos;
  E em corrupta razáo mais furor cabe,
  Que tanto hum bruto imaginar náo ſabe.

XXVI.

Náo mui longe do mar na penha dura
  A boca eſtá de hum antro mal aberta,
  Que horrivel dentro pela ſombra eſcura,
  Toda he fóra de ramas encuberta:
Alli com guarda á viſta ſe clauſura
  A infeliz companhia, eſtando alerta,
  E por cevallos mais, dáo-lhe o recreio
  De ir pela praia em placido paſſeio.

XXVII.

Diogo então, que á gente miferanda,
Por fer de nobre fangue precedia,
Vendo que nada entende a turba infanda,
Nem do ferreo mofquete ufar fabia;
Da rota náo, que fe defcobre á banda,
Polvora, e bala em copia recolhia;
E como enfermo, que no paffo tarda,
Servio-fe por baftão de huma efpingarda.

XXVIII.

Forte fim, mas de tempra delicada,
Aguda febre traz defde a tormenta;
Pállido o rofto, e a côr toda mudada;
A carne fobre os offos macilenta:
Mas foi-lhe aquella doença affortunada,
Porque a gente cruel guardallo intenta,
Até que fendo a fi reftituido,
Como os mais vão comer, feja comido.

XXIX.

Barbarie foi (fe crê) da antiga idade
A propria prole devorar nafcida;
Defde que effa cruel voracidade
Fora ao velho Saturno attribuida:
Fingimento por fim, mas he em verdade
Invenção do diabolico homicida,
Que huns cá fe matão, e outros lá fe comem:
Tanto aborrece aquella furia ao homem.

XXX.

XXX.

Mas já tres vezes tinha a Lua enchido
Do vasto globo o luminoso aspecto,
Quando o Chefe dos barbaros temido
Fulmina contra os seis o atroz decreto:
Ordena que no altar seja offrecido
O brutal sacrificio em sangue infecto, (8)
Sendo a cabeça ás victimas quebrada,
E a gula infanda de os comer saciada.

XXXI.

Em tanto que se ordena a brutal festa,
Nada sabiáo na marinha gruta
Os habitantes da prizáo funesta;
Que ardilosa lho esconde a gente bruta:
E em quanto a feral pompa já se apresta,
Toda a pena em favor se lhe commuta;
Nem parecem ter dado a menor ordem,
Senáo que comáo, e comendo engordem.

XXXII.

Mimosas carnes mandáo, doces frutas
O araças, o cajú, coco, e mangaba;
Do bom maracujá lhe enchem as grutas
Sobre rimas, e rimas de Guaiaba:
Vasilhas póem de vinho nunca enxutas,
E a immunda catimpoeira, que da baba (9)
Fazer costuma a barbara patrulha,
Que só de ouvillo o estomago se embrulha.

XXXIII.

Hum dia pois que á ſombra deſejada
Se repouſão, paſſando a calma ardente,
Por dar allivio á dor reconcentrada,
De ver-ſe eſcravos de tão fera gente;
Fernando, hum delles, diz, que aos mais agrada
Por cantigas, que entoa docemente,
Que em cithara, que o mar na terra lança,
Se divirtão da funebre lembrança.

XXXIV.

Mancebo era Fernando mui polido,
Douto em Letras, e em prendas celebrado,
Que nas Ilhas do Atlantico naſcido,
Tinha muito co'as Muſas converſado:
Tinha elle os rumos do Brazil ſeguido,
Por ver o monumento celebrado
De huma Eſtatua famoſa, q̃ n'hum pico (10)
Aponta do Brazil ao Paiz rico.

XXXV.

Pedíra-lhe Luiz, que iſto eſcutára,
Da profetica Eſtatua o conto inteiro,
Se foi verdade, ſe invenção foi clara
De gente rude, ou povo noveleiro:
Fernando então, que em metro já cantára
O ſucceſſo, que atteſta verdadeiro,
Toma nas mãos a cithara ſuave,
E entoando, começa em canto grave.

XXXVI.

XXXVI.

Occulto o tempo foi, incerta a éra,
Em que o grão caſo contão ſuccedido;
Mas em parte he ſem dúvida ſincera
A bella Hiſtoria, que a eſcutar convido;
Felis foi o ditoſo, e feliz era,
Quem tanto foi do Ceo favorecido,
Pois em meio ao corrupto Gentiliſmo
Merecer ſoube a Deos o ſeu Baptiſmo.

XXXVII.

Incerto pelas brenhas caminhava
Hum Varão ſanto, que perdêra a via,
Quando pelos cabellos o elevava
O Anjo, adonde o Sol já ſe eſcondia;
E hum ſalvagem lhe moſtra, q̃ ſe achava, (11)
Quaſi luctando em ultima agonia:
Ouve (lhe diz) o juſto agonizante,
E huma eſtrada de luz tomou brilhante.

XXXVIII.

Auréo (que aſſim ſe chama o Sacro Enviado)
Encoſtando-ſe ao Velho titubante,
Por ignorar-lhe o idioma não fallado,
No ſeu diz, de que o enfermo era ignorante:
E ouve-ſe reſponder (caſo admirado!)
N'huma lingua de todo eſtravagante,
Que ſendo em tudo extraordinaria, e bruta,
Faz-ſe entender, e entende-o no que eſcuta.

XXXIX.

XXXIX.

Do grande Creador por menſageiro
A benção (diz) te offreço, homem ditoſo;
Neſte Mundo ignorado em o primeiro,
Quer que o ſeu Nome eſcutes glorioſo:
Do Eterno Pai, de hum Filho verdadeiro,
Do Eſpirito tambem, laço amoroſo,
Quer que o Myſterio ſaibas da Verdade:
São tres Peſſoas n'huma ſó Unidade.

XL.

Hum ſó Senhor, que todo o ſer governa,
Que ſó com dizer *ſeja* o fez de nada;
Que á Natureza deſde a idade eterna,
Certa época fixou de ſer creada:
Que abrindo liberal a mão paterna,
Toda a couſa abençoa, que he animada:
Que ſua imagem nos fez; e ſem ſegundo,
Quer q̃ o homem reine ſobre o vaſto Mundo.

XLI.

Que havendo em mil delicias collocado
Noſſos primeiros Pais n'hum Paraiſo,
Por homenagem deſſe Imperio dado,
Privou de hum pomo com ſevero aviſo:
Que vendo o ſeu reſpeito profanado,
E igual ſatisfação ſendo preciſo,
No duro lenho a poz, no ferreo cravo,
E deo o Filho por ſalvar o eſcravo.

XLII.

XLII.

Eſte do ſeio pois de Virgem pura,
Invocada no nome de Maria,
Redemptor, Meſtre, e Luz da Creatura,
Naſceo, prégou, morreo na Cruz impía:
Rompeo do abyſmo a immovel fechadura;
Depois reſurge no terceiro dia;
E ao Ceo ſubindo em fim, donde commanda,
Aos fins da Terra os menſageiros manda.

XLIII.

Hum deſtes venho a ti: lavar-te intento,
Se queres aceitar meu Catecíſmo;
E ſervindo de porta o Sacramento,
Incorporar-te ao ſanto Chriſtianiſmo.
Purga o teu coração, teu penſamento,
Por chegar puro ás aguas do Baptiſmo,
Onde ſe entras com dor do mal primeiro,
De Jeſus Chriſto morrerás coherdeiro.

XLIV.

Aos primeiros accentos, que eſcutára,
Guaçú (q̃ eſte he ſeu nome) a frente empena;
Attenta ao que ouve a orelha, e fixa a cara,
Senão que co'a cabeça a tudo acena:
Dos olhos mal ſe ſerve, que cegára,
Bem que a viſta pareça ter ſerena;
As mãos de quando em quando eſtende, e to-
E pende attento da Sagrada boca. (ca,

XLV.

XLV.

Bom Miniſtro (reſponde) do Piedoſo
Excelſo grão Tupá, que o Ceo modera, (12)
Não me vens novo, não: que tive o goſo
De ouvir-te em ſonho já; quem ver pudera!
Se a imagem tens, que o ſono fabuloſo
Ha muito, que de ti na mente gera!
Serás, diſſe, (e na barba o vai tocando)
Homem com barbas, branco, e venerando.

XLVI.

Louvores a Tupá, que em fim chegaſte;
Que o caminho me enſinas, donde elejo
Buſcar logo o Graõ Deos, que m'annunciaſte,
Que deſde a infancia com ardor deſejo:
Nunca ſoube, aſſim he, quanto contaſte;
Mas não ſei, como o que ouço, e quaſi vejo
Sentia, como em ſombra mal formada;
Não que o creſſe ainda aſſim, mas por toada.

XLVII.

Vendo deſſe Univerſo a mole immenſa,
Sem ſer de ainda maior entendimento
Fabricada a não cri: que elle o diſpenſa,
Tem, rege, e guarda, infere o penſamento:
Que repugna á creatura eſtar ſuſpenſa,
Sem ultimo fim ter notava attento:
E eſte Ente, que me fez hum Deos ſegundo,
He o grão Tupá, fabricador do Mundo.

XLVIII.

XLVIII.

Vi as chagas da propria Natureza,
A ignorancia, a malicia, a variedade,
E bem reconheci, que esta torpeza
Nascer não pode da eternal bondade.
Onde, sem o saber, cri, que era acceza
Neste incendio commum da humanidade
Antiga chamma, donde o mal nos veio;
Crer que taes nos fez Deos.. eu tal não creio.

XLIX.

Tambem vi q̃ o Grão Deos, q̃ o Mundo cria,
Deixar nunca quizera em tanto estrago
A humana Natureza; e que a mão pia
De taes miserias ao profundo lago
Havia de estender; como o faria?
Suspenso fiquei sempre incerto, e vago;
Mas nunca duvidei que alguem se visse,
Que de tantas miserias nos remisse.

L.

E como era a maior, que exprimentava,
O ver que livremente o mal seguia;
Que a Suprema Bondade se aggravava,
Donde hum homem de bem se aggravaria:
Vendo que a affronta, que esta acção causava,
Só se houvera outro Deos, se pagaria;
E impossivel mais de hum reconhecendo...
Daqui não passo, e cégo me suspendo. (13)

LI.

Agora ſim, que entendo a grá verdade,
Que hum ſó Deos ſe fez homem ſem defeito;
E ſendo tres Peſſoas na Unidade,
Do Filho ao Pai podia haver reſpeito:
Á Peſſoa ſegunda da Trindade,
Novo homem, como nós, de terra feito,
A paz do homem com Deos fundar procura;
Redemptor pio da mortal creatura.

LII.

Eſte creio, eſte adoro, eſte confeſſo;
E eſta ſanta menſagem venerando,
Por meu Deos, e Senhor firme o conheço,
A quem da Terra, e Ceo pertence o mando:
Deſte o Baptiſmo ſanto hoje te peço,
Onde na porta Celeſtial entrando,
Suba o eſpirito á gloria que deſeja,
E com eſtes meus olhos ainda o veja.

LIII.

Diſſe o ditoſo Velho; e acompanhando
Com devoto ſuſpiro a voz que exprime,
Bem moſtra que no peito o eſtá tocando
A occulta unção do Eſpirito ſublime:
As máos ao Ceo levanta lagrimando;
E tanto ardor na face ſe lhe imprime,
Que acompanhar parece o humilde rogo
Hum diluvio de agoa, e outro de fogo.

LIV.

Entáo o bom Miniſtro: He juſto, amigo,
Que chores (lhe dizia) o teu peccado;
Por náo amar a Deos; ſer-lhe inimigo,
Se o blasfemaſte; de o náo ter honrado;
De náo ſervir teus Pais; de hum odio antigo;
E ſenáo foſte honeſto, ou tens roubado;
Se em mulher, bens, ou fama em caſo feio
Fizeſte damno, ou cubiçaſte o alheio.

LV.

Eſta a Lei ſanta he, que em nós impreſſa
Ninguem offende, que mereça eſcuſa;
Onde no que faltaſte a Deos confeſſa,
Que tanto deve quem peccando abuſa:
Quer-ſe a ſatisfaçáo com a promeſſa
De melhor vida, no que a Lei te accuſa:
Pois quem quer q̃ peccou, q̃ aſſim náo faça,
Recebe o Sacramento, mas náo graça.

LVI.

Eu, diſſe o Americano, antes de tudo
Amei do coraçáo quem ſer me dera:
Seu nome ignoro, mas honrallo eſtudo;
E com fé o adorei ſempre ſincera:
Em certos dias recolhido, e mudo
Cuidava em venerar quem tudo impera,
Matar náo quiz, nem morto algum comia,
Pois que a mim mo fizeſſem náo queria.

LVII.

LVII.

Mulher tive, mas huma, perſuadido
Que com huma ſe póde; acção impura
Metteo-me ſempre horror; tendo entendido;
Que ſó no Matrimonio era ſegura:
Qualquer outro prazer fora prohibido,
Porque ſe em tanto abuſo ſe conjura;
Quem ſeguindo eſſe inſtincto do Demonio,
Se pudera lembrar do Matrimonio?

LVIII.

Nunca roubei, temendo ſer roubado:
Por conſervar a fama, honrei a alhea:
Não me lembra de ter calumniado,
Nem de outrem diſſe mal, que he couſa fea;
E quem houveſſe de outros murmurado,
Que outro tanto lhe fação certo crêa;
Não tive inveja do que alguem conſiga,
Por ver que quem a tem, ſeu mal caſtiga.

LIX.

Em fim, corri meus annos deſde a infancia
Sem offender (que eu ſaiba) eſta Lei juſta,
Sem ter a couſa boa repugnancia,
Tudo mercê da mão de Deos auguſta.
Nos meus males ſómente a tolerancia
Mos fazia paſſar a menor cuſta:
Eſta a minha anſia foi, eſte o meu zelo,
Saber quem era Deos; tratallo, e velo.

LX.

LX.

Dizendo o Velho aſſim, tanto ſe accende,
Como ſe n'alma ſe lhe ateára hum fogo:
Reclina a humilde fronte, e a voz ſuſpende;
E cahindo em deliquio neſte affogo,
Corre o Miniſtro, que ao ſucceſſo attende,
E buſcando agoa, que o baptize logo;
Apenas Felis diz, eu te baptizo,
Partio feliz d'hum voo ao Paraizo.

LXI.

Cuidava em ſepultallo Auréo ſaudoſo;
Porém de eſpeſſa nevoa, que o ar condenſa,
Ouve hum coro entoando harmonioſo
Louvor eterno á Mageſtade immenſa:
E na athmosfera alli do ar nebuloſo,
Luz arraiando, que a allumia intenſa;
Vio Felis, que na gloria, que o veſtia,
A Graça Baptiſmal lhe agradecia.

LXII.

Que te conceda Deos, Miniſtro juſto,
(Diz-lhe a Alma venturoſa) o premio eterno;
Pois vens do antigo Mundo a tanto cuſto
A libertar-me do poder do Inferno.
Dos Ceos em tanto o Dominante auguſto,
Que tornes manda ao ninho teu Paterno;
E ſobre a nevoa em nuvem levantada
Vás navegando pela aeria eſtrada.

LXIII.

E quer na nuvem propria, que te indico,
Que esse cadaver meu vá transportado,
E na Ilha do Corvo, de alto pico
O vejáo n'huma ponta collocado;
Onde acene ao paiz do metal rico,
Que o ambicioso Europeo vendo indicado,
Dará lugar, que ouvida nelle seja
A doutrina do Ceo, e a voz da Igreja.

LXIV.

Disse; e cessando a voz, e a visáo bella,
Vio da nuvem Auréo, que o rodeava,
Trásformar-se a bella Alma em clara estrella,
E vio que a nuvem sobre o mar voava:
O cadaver tambem sublime nella,
Ao cume do gráo pico já chegava;
Onde a nevoa, que no alto se sublima,
Depõe como huma Estatua o corpo em sima.

LXV.

Alli batido do nevado vento,
De Sol, de gelo, e chuva penetrado,
Effeito natural, e náo portento
He vello, qual se vê, petrificado.
Hum arco tem por bellico instrumento, (14)
De pluma hum cinto sobre a frente ornado:
Outro onde era decente: em côr vermelho,
Sem pello a barba tem; no aspecto he velho.

LXVI.

Voltado eſtava ás partes do Occidente,
Donde o aureo Brazil moſtrava a dedo,
Como enſinando a Luſitana Gente,
Que alli devia navegar bem cedo:
Deſtino foi do Ceo Omnipotente,
A fim que ſem receio, ou torpe medo
A' piedoſa empreza o povo corra;
E que quem morrer nella, alegre morra.

LXVII.

Calou então Fernando, mas não cala
Na cithara dourada outra harmonia,
Onde parece a mão, que tambem falla,
E que quanto a voz diſſe, repetia:
Sahíra em tanto hum barbaro a eſcutalla,
Que encantado da doce melodia,
Toma nas mãos o Muſico Inſtrumento,
Toca-o ſem arte, e ſalta de contento.

LXVIII.

Não póde ver dos noſſos o congreſſo
Tanta rudeza ſem tentar-ſe a riſo;
Que por mais q̃ hum pezar ſe tenha impreſſo,
Não dá lugar a prevenção ao ſiſo:
E ſendo inopinado algum ſucceſſo,
Onde he nos homens quaſi o rir preciſo,
Tal peſſoa ha que chora apaixonada,
E paſſa do gemido a huma riſada.

LXIX.

Diogo então que dentro em ſi media
Da cruel Gente a condição damnoſa,
Não ſocega de noite, nem de dia,
Antevendo a deſgraça laſtimoſa:
E vendo rir os mais com alegria,
Pela acção do ſalvagem gracioſa,
Eſtranhou-lhe o prazer mal concebido,
Arrancando do peito eſte gemido.

LXX.

Oh triſte condição da humana vida!
Que tanto em breve do ſeu mal ſe eſquece;
Pois vendo a liberdade em fim perdida,
Sentimos menos, quando a dor mais crece:
Vemos deſd'a agoa ás praias deſpedida
A infeliz gente, que no mar perece;
E que o brutal Gentio na meſm' hora,
Ainda bem os não vê, logo os devora.

LXXI.

Quem ſabe, ſe o cuidado, que deſtina
Pôr-nos aſſim mimoſos de ſuſtento,
Não he por ter de nós grata chacina
Neſſe horrivel barbarico alimento?
Tanta attenção que tem, mal ſe combina,
Sem moſtrar-ſe o maligno penſamento;
Que quem os proprios mortos brutal come,
Como he crivel que aos vivos mate a fome?

LXXII.

Tempo fora, affligidos companheiros,
De levantar dos Ceos ao Rei Supremo
Humildes vozes, votos verdadeiros,
Como quem lucta no perigo extremo:
Mas vós, que agora rides prasenteiros,
Oh quanto, amigos meus, oh quanto temo,
Que essa gente cruel só nos namore,
Por cevar mais a preza, que devore!

LXXIII.

Voltemos antes com fervor piedoso
Os tristes olhos ao ethereo espaço;
Esperando de Deos hum fim ditoso,
Onde a morte se avista a cada passo.
Contrito o peito, o coração choroso,
Implore a protecção do excelso braço;
Que o coração me diz, que por desdita
O cruel sacrificio se medita.

LXXIV.

Em quanto assim dizia o Heróe prudente,
Commovido qualquer do temor justo,
Levanta humilde as mãos ao Ceo clemente,
Vendo o futuro com presago susto:
Já cuida a cruel morte ver presente;
Já vê sobre a cabeça o golpe injusto:
Batem no peito; e levantando as palmas,
Fazem victima a Deos das proprias almas.

LXXV.

Já numeroſa turba ás praias vinha,
E os ſeis levão ao corro miſerando,
Onde a plebe cruel formada tinha
A pompa do eſpectaculo execrando:
E mal a gente bruta ſe continha,
Que emquanto as triſtes mãos lhe vão ligando
No humano corpo pelo ſuſto exſangue
Não vão vivo ſorvendo o infeliz ſangue.

LXXVI.

Qual ſe da Libya pelo campo eſtende
O Mouro caçador hum leão vaſto,
Em longa nuvem devorallo emprende
O ſagaz corvo ſempre attento ao paſto:
Negro parece o chão; negra, onde pende
A planta, em que do ſangue explora o raſto;
Até que aviſta a preza, e em chuſma voa,
Nem deixa parte, que voraz não rôa.

LXXVII.

Tal do Caboclo foi a furia infanda,
E o fanatiſmo, que na mente o cega,
Faz que tendo eſta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-ſe que em mil voltas anda,
O eleito matador, como quem préga
A brados, exhortando o povo inſano
A' enſopar toda a mão no ſangue humano.

LXXVIII.

LXXVIII.

A' roda á roda a multidão fremente
Com gritos correſponde á infame idéa;
Em quanto o fero em géſto de valente
Bate o pé, fere o ar, e hum páo menea:
Ergue-ſe hum, e outro lenho, onde o paciente
Entre prizões d'embira ſe encadea;
Fogo ſe accende nos profundos foſſos,
Em que ſe torrem com a carne os oſſos.

LXXIX.

Dentro de huma eſtacada extenſa, e vaſta,
Que a numeroſa plebe em torno borda,
Entrão os Principaes de cada caſta
Com bellas plumas, onde a côr diſcorda:
Outros, que a grenha tem com feral paſta
Do ſangue humano, que ao matar trasborda;
Os Nigromantes são; que em vão conjuro
Chamão as Sombras deſde o Averno eſcuro.

LXXX.

Companheiras de officio tão nefando
Seguem de hũ cabo a turma, e de outro cabo
Seis turpiſſimas velhas, aparando
O ſangue ſem hum leve menos-cabo:
Tão feas são, que a face eſtá pintando
A imagem propriiſſima do Diabo;
Tinto o corpo em verníz todo amarello,
Roſto tal, que a Meduſa o faz ter bello.

LXXXI.

Tem no collo as crueis Sacerdotisas,
Por conta dos funestos sacrificios,
Fios de dentes, que lhe são divisas,
De mais, ou menos tempo em taes officios:
Gratas ao Ceo se crem, de que indivisas
Se inculcão por Tartareos maleficios;
E em testemunho do mister nefando,
Nos seus cocos com facas vem tocando.

LXXXII.

Quem póde reputar, que dor traspassa
A miseranda infausta companhia,
Vendo taes feras rodear a praça,
Que o sangue com os olhos lhe bebia?
Ver que os dentes lhe range por negaça,
Senão he que os agita a fome impia,
E disser lá comsigo: *Em poucas horas*
Sou pasto destas féras tragadoras.

LXXXIII.

Mas põe-lhe a vista o Padre Omnipotente,
Da desgraça cruel compadecido;
E envia hum Anjo desde o Ceo clemente,
Que deixe tanto horror desvanecido;
E faça que o espectaculo presente
Venha por fim a ser sonho fingido;
Que quem recorre ao Ceó no mal que geme,
Logo que teme a Deos, nada mais teme.

LXXXIV.

Seis então dos infames Nigromantes
Lançárão mão das victimas pacientes,
E a ſeis lenhos fataes, que erguêrão dantes,
Atão crueis as mãos dos innocentes:
Póſtos no Ceo os olhos lagrimantes
Com lembrar-ſe das penas vehementes,
Que ſoffreo Deos na Cruz, nelle fiados
Pédião-lhe o perdão dos ſeus peccados.

LXXXV.

Fernando alli, que em diſcrição precede,
Com voz ſonora a companhia anima:
Cheio de viva fé ſoccorro pede;
E quanto a dor permitte, que ſe exprima:
Grá Senhor (diz) de quem tudo procede
A gloria, a pena, a confusão, e a eſtima,
Que juſto dás as graças, e os caſtigos,
Na dor allivio, amparo nos perigos.

LXXXVI.

Vida não peço aqui, morte não temo,
Nem menos chóro o caſo deſgraçado:
O que me doe, que ſinto, o que ſó gemo
He, piedoſo Deos, o meu peccado:
Feliz ſerei, Grão Padre, ſe no extremo
For da tua bondade perdoado;
Pelo Calis amargo, que aqui bebo,
Pela morte cruel, que hoje recebo.

LXXXVII.

Mas, grande Deos, que vês noſſa fraqueza
No duro tranſe deſta cruel hora,
Não ſoffras que eſſas féras com crueza
Hajão de devorar a quem te adora:
Porque eſtremece a fragil natureza,
Vendo a gula brutal, que emprende agora
Sacrificio fazer ao torpe abyſmo
Deſtas carnes tingidas no Baptiſmo.

LXXXVIII.

Ouvio o Ceo piedoſo a infeliz gente;
E quando o fero a maça já levanta,
Que eſmague a fronte ao miſero paciente,
Trovão ſe ouve fatal, que tudo eſpanta:
Treme a montanha, e cahe a roca ingente,
E na ruina as arvores quebranta;
Mas o que mais os brutos confundia,
Era o rumor Marcial, que então ſe ouvia.

LXXXIX.

Pedras, fréchas, e dardos de arremeſſo
Cubrião todo o ar; porque o inimigo,
Que atrás ſe poz de hum proximo cabeço,
Aguarda expreſſamente aquelle artigo:
De hum lado, e outro deſde hum mato eſpeſſo
Ameaça o furor, cérca o perigo;
E a gente crua transformada a ſorte,
Quando cuidou matar, padece a morte.

XC.

Era Sergipe o Principe valente
  Na eſquadra valeroſa, que atacava;
  Varão entre os ſeus bom, manſo, e prudente,
  Que com Juſtiça os póvos commandava:
Armava o forte Chefe de preſente
  Contra Gupeva, que cruel reinava,
  Sobre as aldêas, que em tal tempo havia
  No reconcavo ameno da Bahia.

XCI.

Por toda a parte o Bahienſe he prezo;
  He trucidado o bruto Nigromante,
  Muitos lançados são no fogo accezo,
  Rendem-ſe os mais ao Vencedor poſſante:
Ficára em vida, todavia illeſo
  O miſero Europeo, que alli em fragante
  Faz deſatar o bom Sergipe, e manda
  A eſcravidão no ſeu Paiz mais branda.

XCII.

Mas a gente infeliz no Sertão vaſto
  Por matos, e montanhas dividida,
  He fama, que huns de tigres forão paſto;
  Outra parte dos barbaros comida:
Nem mais houve noticia, ou leve raſto
  Como houveſſem perdido a amada vida;
  Mas ha boa ſuſpeita, e firme indicio,
  Que evadírão o infame ſacrificio.

Po-

(1) *Povo convulſo.* Epitheto, que dá Iſaias aos Americanos, como conjecturão os melhores Interpretes.

(2) *Serra dos orgãos.* Ramo da célebre Cordilheira, que diſcorre pelo Brazil, ſahindo das ſuas cavernas nevoas tempeſtuoſas.

(3) *Jacaré.* Huma eſpecie de Cocodrilo Brazilico.

(4) *Saturno.* Os antigos Italianos forão, como ſe collige de Homero, Antropofagos: taes erão os Leſtrigões, e os Liparitanos. Os Fenicios, e os Carthaginezes uſárão de Victimas humanas, e Roma propria nos ſeus maiores apertos. São eſpecies vulgares na Hiſtoria.

(5) *Embiras.* Eſpecie de cordão feito da caſca interior de algumas arvores.

(6) *Tatú.* Eſpecie de animal cuberto de huma concha duriſſima, e impenetravel. Os Salvagens tingem-ſe com varias reſinas, ſenão com o fim, ao menos com o effeito de os livrar das mordeduras dos Inſectos; ainda que alguns ſe tinjão com hervas inuteis para eſſe uſo.

(7) *Batata, Coco. Inhame.* Frutos bem conhecidos ainda na noſſa Europa.

(8) *Sacrificio.* He certo que os Brazilienſes não tinhão fórma alguma expreſſa de Sacrificio: mas a ſolemne função, e ritos, com que matavão os ſeus prizioneiros, parece com razão ao Padre Simão de Vaſconcellos na ſua Hiſtoria do Brazil, que erão hum veſtigio dos antigos Sacrificios uſados dos Fenicios, de que aſſima fallámos em outra Nota.

(9) *Vinho.* Vem da America debaixo deſte nome

me varios extractos de cajú, coco, e de outros frutos conhecidos, que podem competir com os nossos vinhos.

Catimpoeira. Immunda bebida dos Salvagens, que mastigando o milho, fazem da saliva, e do succo mesmo do grão huma potagem abominavel.

(10) *Estatua*. He estimada por prodigiosa a Estatua, que se vê ainda na Ilha do Corvo, huma das Açores, achada no descubrimento daquella Ilha sobre hum pico, apontando para America. Foi achada sem vestigios, de que já mais alli habitasse pessoa humana. Devo a hum Grande do nosso Reino, Fidalgo eruditissimo, a especie de que se conserva huma Historia desta Estatua manuscripta, obra do nosso immortal João de Barros.

(11) *Salvagem*. Não suppomos unico o Salvagem, que o Padre Anxieta achou em o Estado, que aqui se descreve. Muitos Theologos se persuadem, que Deos por meios extraordinarios instruíra a quem vivesse na observancia da Lei Natural.

(12) *Tupá*. Os Salvagens do Brazil tem expressa noção de Deos na palavra *Tupá*, que vale entre elles *excellencia superior*, *cousa grande que nos domina*.

(13) *Suspendo*. Até aqui são os limites do Lume natural, e com elle sómente o alcança a Filosofia: porém o remedio da Natureza humana, ferida pela culpa, não póde constar-nos senão pela Revelação.

(14) *Hum arco*. As memorias desta Estatua concordão em ser o seu traje desconhecido: toma daqui occasião o Poeta para o representar arbitrariamente.

CAN-

CANTO II.

I.

ERa a hora, em que o Sol na grá carreira
Do torrido Zenith vibra igualmente,
E que a ſombra dos corpos companheira
Na terra extingue, com o raio ardente;
Quando ao partir a turba carniceira,
Se vio Diogo ſó na praia ingente,
Entre mil penſamentos, mil terrores,
Que a dor faz grandes, e o temor maiores.

II.

Parecia-lhe ver da gente inſana
O barbaro furor, a fome crua,
A agonia dos ſeus na acção tyranna;
E temendo a dos mais, preſume a ſua:
Quizera oppôr-ſe á empreza deshumana;
Penſa em arbitrios mil, com que o conclua:
Se fugirá? mas donde? ſe os invada?
Porém enfermo, e ſó não vale a nada.

III.

Oh ! mil vezes (dizia) affortunados,
Os que entregues á furia do elemento
Acabárão ſeus dias ſocegados,
Nem vírão tanta dor, como exprimento!
Que eſtavão finalmente a mim guardados
Eſte eſpanto, eſte horror, eſte tormento!
Que eſcapei (Santos Ceos!) deſſe mar vaſto
Para a féras ſervir de horrivel paſto!

IV.

E hei de agora (infeliz!) ver fraco, e inerme,
Que dos meus vá fazer hum paſto horrendo
Eſſa patrulha vil! que agora enferme!
Que me veja ſem força em febre ardendo!
Ah! ſe pudéra em meu vigor já ver-me!
Que ardor ſinto em meu peito de ir rompen-
E a turba vil fazendo em mil pedaços, (do,
Truncar peſcoços, mãos, cabeças, braços.

V.

Não póde (he certo) a debil natureza;
Porém que eſperas mais, miſero Diogo?
Que póde reſultar da forte empreza?
Será mal morrer já, ſe ha de ſer logo?
Faltão-me as forças ſim; ſinto a fraqueza:
Mas o eſpirito o ſuppre, e neſte affogo
Tira forças occultas da noſſa alma,
Que ella não moſtra ter, vivendo em calma.

VI.

VI.

E como quer em fim que o mande a ſorte;
  Morra-ſe, que talvez ſe não deſuna
  O ſucceſſo feliz, de huma acção forte;
  Que acaſo hum temerario achou fortuna;
E quando irado o Ceo me envie a morte,
  E que a Mão do Senhor meus erros puna,
  Recebo o golpe, que me for mandado;
  Morrerei, aſſim he, porém vingado.

VII.

Nem deixo de eſperar que a gente bruta,
  Vendo o eſtrago da eſpada, e do moſquete,
  Não ſe encha de pavor na eſtranha luta,
  E força maior creia que a accommette:
Se tomo as armas, que ſalvei na gruta,
  Eſcudo, cota, malha, e capacete,
  Poſſo eſperar que hum ſó me não reſiſta;
  E antes que o ferro, mos ſometta a viſta.

VIII.

Diſſe; e entrando na ſolita caverna,
  Cobre de ferro a valeroſa fronte;
  Hum peito d'aço de firmeza eterna,
  E o eſcudo, onde a frécha ſe deſponte.
Diſpõe de modo, e em fórma tal governa,
  Que nada teme já, que em campo o affronte:
  Nas mãos de ferro tinha huma alabarda,
  A eſpada á cinta, aos hombros a eſpingarda.

IX.

IX.

Sahia aſſim da gruta, quando o monte
  Cuberto vê da barbara caterva;
  E no que infere da turbada fronte,
  Sinaes de fuga, e de derrota obſerva:
A algum obriga o medo, a que traſmonte;
  Outros ſe eſcondem pelo mato, ou herva;
  Muitos fugindo vem com medo á morte,
  Crendo achar na caverna hum lugar forte.

X.

Mas o prudente Diogo, que entendia
  Não pouca parte do Idioma eſcuro,
  Por alguns mezes, em que attento o ouvia,
  Elege hum poſto a combater ſeguro:
Attento a toda a voz, que ouvir podia,
  Por eſcutar dos ſeus o caſo duro,
  Entre eſperanças, e receio intenſo
  Sem ſuſto eſtava ſim, porém ſuſpenſo.

XI.

Gupeva então, que aos mais ſe adiantava,
  Vendo das armas o medonho vulto,
  Incerto do que vê, ſuſpenſo eſtava,
  Nem mais ſe lembra do inimigo inſulto;
Algum dos Anhangás imaginava, (1)
  Que dentro ao grão fantaſma vinha occulto,
  E á viſta do eſpectaculo eſtupendo
  Cahio por terra o miſero tremendo.

XII.

XII.

Cahio com elle junta a brutal gente,
Nem ſabe o que imagine da figura,
Vendo-a brandir com a alabarda ingente,
E olhando ao morrião, que o transfigura:
Ouve-ſe hum rouco tom de voz fremente,
Com que eſpantallos mais o Heróe procura;
E porque temão de maior ruina,
Faz-lhes a voz mais horrenda huma boſina.

XIII.

Em tanto a gente barbara proſtrada,
Tão fóra de ſi eſtá por cobardia,
Que ſem ſentido eſtúpida, aſſombrada,
Só moſtra viva eſtar, porque tremia:
Quaes verdes varas de arvore copada,
Se aſſopra a viração do meio dia,
De huma parte á outra parte ſe maneão;
Aſſim de medo os vís no chão perneão.

XIV.

Mas Diogo naquelles intervallos,
Suſpendendo o furor do duro Marte,
Eſperança concebe de amanſallos,
Huma vez com terror, outra com arte:
A viſeira levanta, e vai buſcallos,
Moſtrando-ſe riſonho em toda a parte:
Levantai-vos (lhe diz) e aſſim dizendo,
Hia-os co'a propria mão da terra erguendo.

XV.

XV.

Gupeva, que no traje mais diſtincto
Parecia na turba do ſeu Povo,
O Principal no mando, meio extincto,
Pelo horror de eſpectaculo tão novo;
Tremendo em pé ficou, ſem voz, e inſtincto,
E cahíra ſem dúvida de novo,
Se nos braços Diogo o não tomára,
E d'agua alli corrente o borrifára.

XVI.

Não temas (diſſe affavel) cobra alento;
E ſupprindo-lhe acenos o idioma,
Dá-lhe a entender, que todo eſſe armamento
Protege amigos, ſe inimigos doma:
Que os não offende o bellico inſtrumento,
Quando de humana carne algum não coma;
Que ſe a comerdes, tudo em cinza ponho....
E iſto dizendo, bate o pé, medonho.

XVII.

Toma nas mãos (lhe diz) verás que nada
Te hão de fazer de mal; e aſſim fallando,
Põe-lhe na mão a partaſana, e eſpada,
E vai-lhe á fronte o morrião lançando.
Diminue-ſe o horror na alma aſſombrada,
E vai-ſe pouco a pouco recobrando,
Até que a ſi tornando reconhece
Donde eſtá, com quẽ falla, e o q̃ lhe offrece.

XVIII.

XVIII.

Se d'além das montanhas cá t'envia (2)
O Grão Tupá (lhe diz) que em nuvem negra
Escurece com sombra o claro dia,
E manda o claro Sol, que o Mundo alegra;
Se vens d'onde o Sol dorme, e se à Bahia
De alguma nova Lei trazes a regra;
Acharás, se gostares, na cabana,
Mulheres, caça, peixe, e carne humana.

XIX.

A carne humana! (replicou Diogo,
E como pode, explica em voz, e aceno)
Se vir que come algum, botarei fogo;
Farei que inunde em sangue esse terreno.
Pois se os bichos nos devem comer logo,
(O Barbaro lhe oppõe com desempeno)
A nós faz-nos horror, se elles nos comem;
E he menos triste q̃ nos trague hum homem.

XX.

O corpo humano (disse o Heróe prudente) (3)
Como o brutal não he: desde que nace,
He morada do Espirito eminente,
Em quem do Grão Tupá se imita a face.
Sepulta-se na terra, qual semente,
Que senão apodrece, não renace;
Tempo virá, que aos corpos reunida,
Torne a noss'alma a respirar com vida.

XXI.

XXI.

O Lume da razáo condemna a empreza,
Pois ſe o infando appetite o goſto adula,
Para extinguir a humana Natureza,
Sem mais contrarios, baſtaria a gula.
Que ſe a malicia em vós, ou ſe a rudeza,
O inſtincto univerſal de todo annula,
He com tudo entre os mais couſa temida,
Que outrem por vos comer, vos tire a vida.

XXII.

Diſſe Diogo, e conduzia á gruta,
O Principal da barbara caterva,
Que alli ſeguido pela gente bruta,
O lugar conhecido attento obſerva:
Gupeva a tudo attende, e tudo eſcuta;
Mas ſempre o horror, q̃ concebeo, conſerva;
E olhando ás armas, ſem q̃ a mais ſe arroje,
Chega com máo furtiva, apalpa, e foge.

XXIII.

Vinha a noite já entáo ſeu negro manto
Deſpregando na lucida Athmosféra,
Quando buſcáo ſocego ao ſeu quebranto
No ninho as aves, e na toca a féra:
E quando o Somno com ſuave encanto
Aos miſeros mortaes a dor modera;
Mas náo modera em Diogo a mordaz cura
De amanſar o furor da Gente dura.

XXIV.

Por diſſipar na gruta a ſombra fria,
Toma o ferreo fuzil, que o fogo atêa;
E vendo a rude gente, que o accendia,
E brilhar de improviſo huma candêa;
Notando a prompta luz, que no oleo ardia,
Não acaba de o crer de aſſombro chea:
Crem por tanto que o fogo do Ceo naſça,
Ou que Diogo nas mãos naſcello faça.

XXV.

Era coſtume do Selvagem rude
Roſſar hum lenho n'outro com tal geito,
Que vinha por eletrica virtude
A accender lume, mas com tardo effeito.
Mas obſervando, ſem que o lenho o ajude,
Em menos de hum momento o fogo feito;
O meſmo imaginou, que a Grecia creo,
Quando vio ferir fogo a Prometheo.

XXVI.

Acceza luz na lôbrega caverna,
Vê-ſe o que Diogo alli da náo levára;
Roupas, armas, e em parte mais interna,
A polvora em barríz, que tranſportára:
Tudo vão vendo á luz de huma lanterna,
Sem que o appeteça a gente nada avara,
Ouro, e prata, que a inveja não lhe atiça:
Nação feliz! que ignora o que he cubiça.

XXVII.

XXVII.

Mas entre objectos varios a que attende,
  Nota Gupeva extatico a Pintura,
  Que n'hum preciofo quadro, que alli pende,
  Reprefentava a Mái da formofura:
Se feja coufa viva, náo entende;
  Mas fufpeitava bem pela figura,
  Digna a peffoa, de que a Imagem era,
  De fer mái de Tupá, fe elle a tivera.

XXVIII.

Efta (pergunta o Barbaro) táo bella,
  Táo linda face, acafo reprefenta
  Alguma formofiffima Donzella,
  Que Efpofa o Gráo Tupá fazer intenta?
Ou por ventura que nafceffe della,
  Effe, que fobre os Ceos no Sol fe affenta?
  Quem póde geraçáo faber táo alta?
  Mas fe ha Mái, q̃ o geraffe, efta he fem falta.

XXIX.

Encantado eftá o pio Lufitano
  De ouvir em rude boca tal verdade;
  E adorando o Myfterio foberano,
  Mái ter náo póde (diffe) a Divindade.
Mas fendo Deos eterno, fez-fe humano,
  E fem lesáo da propria Virgindade,
  A Donzella o gerou, que piza a Lua,
  Digna Mái de Tupá, Mái minha, e tua.

XXX.

Peçamos pois, que he Mãi, que nos defenda;
Que te dê para ouvir docil orelha;
E comtigo o teu Povo recommenda,
Dizendo o Heróe aſſim, devoto ajoelha.
Gupeva o meſmo faz com fé eſtupenda;
E pendente de Diogo, que o aconſelha,
Levanta as mãos, como elle levantava;
E vendo-o lagrimar, tambem chorava.

XXXI.

Mas crendo rude, como então vivia,
Que foſſe couſa viva a Imagem Santa;
Que por mãi de Tupá tudo ſabia,
Tendo poder conforme a gloria tanta;
Repete o que houve a Diogo com voz pia,
E á Mãi de Deos o coração levanta:
E encoſtando entre os rogos a cabeça,
Faz a noite, e o deſvelo que adormeça.

XXXII.

Já no purpureo, e tremulo Horizonte,
Roſas parece que eſpalhava a Aurora;
E o Sol que naſce ſobre o oppoſto monte,
A bella luz derrama creadora:
Ouvem-ſe as avezinhas junto á fonte,
Saudando a manhã com voz ſonora;
E os mortaes já do ſomno deſatados
Tornavão novamente aos ſeus cuidados.

XXXIII.

Quando Gupeva manſo, e differente,
Do que antes fora na fereza bruta,
Convoca a ouvillo a multidão fremente,
Que á roda eſtava da profunda gruta:
Poſto no meio da confuſa gente,
Que toda delle pende, e attenta eſcuta:
Valentes Paiaiás (diz deſta ſorte) (4)
Que herdais o brio da proſapia forte.

XXXIV.

Se hontem do vil Sergipe ſurprendidos,
Vimos o grão terreiro poſto a ſaco;
Fomos cercados ſim, mas não vencidos;
Não foi victoria, foi traição de hum fraco.
Sabia bem por golpes repetidos,
Com quanto esforço na peleija ataco;
E como ſem traição faria nada,
Não tendo eu armas, vem com mão armada.

XXXV.

Sombra do Grão Tatú, de quem me ferve
Neſtas veias o ſangue; de quem trago
A invicta geração, que em guerra ſerve
De eſpanto a todos, de terror, de eſtrago:
Porque a gloria a teu nome ſe conſerve,
E porque a cante da Bahia o lago,
Mandas de lá de donde o Mundo acaba
Para o noſſo ſoccorro eſte *Imboába.* (5)

XXXVI.

XXXVI.

Tu lhe mudaſte em ferro a carne branda;
 Tu fazes que na máo ſe accenda, e lhe arda
 A viva chamma, que Tupá nos manda;
 Tupá, que rege o Ceo, que o Mundo guarda.
Com elle hei de vencer por qualquer banda;
 Com elle em campo armado, já me tarda
 O cobarde inimigo, que a encontrallo,
 Vivo, vivo me animo a devorallo.

XXXVII.

Sabeis, Tapuias meus, como morrendo
 Noſſos Irmáos, e Pais, que elles matavão,
 Poſtos debaixo já do golpe horrendo,
 Voſſo nome aos vingar triſtes chamavão.
Tambem viſtes na guerra combatendo,
 Que eſtrago nelles eſtas máos cauſavão,
 E as vezes que vos dei no campo vaſto,
 Mil e mil delles por ſabroſo paſto.

XXXVIII.

Mas não come o Eſtrangeiro, nem conſente
 Comer-ſe carne humana; e ſó teria
 Outra carne qualquer por innocente,
 Aves, féras, Tatús, Paca, ou Cotia;
Receba pois de nós grato preſente,
 De quanto houver nos matos da Bahia;
 Saia-ſe á caça; e como lhe compete,
 Prepare-ſe a hoſpedagem de hum banquete.

XXXIX.

XXXIX.

Separa-ſe o Congreſſo em breve eſpaço,
Diſpõe-ſe em alas numeroſa Tropa:
Quem com taquáras donde pende o laço,
Onde a avezinha cahe, ſe incauta o topa:
Quem dos hombros ſuſpende, e quem do braço
Armadilhas diffrentes; outro enſopa
Em viſgo as longas ramas do palmito,
Onde improvido caia o Periquito.

XL.

Os mais com frécha vão, que a hum tempo ſeja
Tiro, que offenda a fugitiva caça;
Ou armas (ſe occorreſſe) na peleija,
Quando o inimigo de emboſcada a faça:
E porque aos mais preſida, e tudo veja,
A' frente do Eſquadrão Gupeva paſſa;
Nem fica Diogo ſó, que tudo via,
Mas ſegue armado a forte companhia.

XLI.

Mais arma não levou, que huma eſpingarda;
E poſto ao lado de Gupeva amigo,
Prompto a todo o accidente, e poſto em guar-
Trás na cautela o eſcudo ao ſeu perigo. (da,
Em tanto a deſtra gente a caça aguarda,
E algum ſe affouta a penetrar no abrigo,
Onde eſconde a Panthera os ſeus cachorros,
Outro a ſegue por brenhas, e por morros.

XLII.

XLII.

Até que de Gupeva commandada,
Em circulo ſe fórma a linha unido,
Onde quanto ha de caça já eſpantada,
Fique no meio de hum cordão cingido:
A rez alli do eſtrondo amedrentada,
N'hum centro eſtá de eſpaço reduzido:
A' mão meſmo ſe colhe: couſa bella!
Que dá mais goſto ver, do que comella.

XLIII.

Não era aſſim nas aves fugitivas,
Que humas fréchava no ar, e outras em laços
Com arte o Caçador tomava vivas:
Huma porém nos liquidos eſpaços
Faz com a pluma as ſettas pouco activas,
Deixando a liza penna os golpes laços.
Toma-a de mira Diogo, e o ponto aguarda:
Dá-lhe hum tiro, e derriba-a co'a eſpingarda.

XLIV.

Eſtando a turba longe de cuidalo,
Fica o barbaro ao golpe eſtremecido,
E cahe por terra no tremendo abalo
Da chamma, do fracaço, e do eſtampido:
Qual do horrido trovão com raio, e eſtalo
Algum junto áquem cahe, fica aturdido:
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabuz de Diogo huma trovoada.

XLV.

XLV.

Toda em terra proſtrada exclama, e grita
A turba rude em miſero deſmaio,
E faz o horror, que eſtupida repita
Tupá, *Caramurú*, temendo hum raio.
Pertendem ter por Deos, quando o permitta,
O que eſtáo vendo em pavoroſo enſaio,
Entre horriveis trovões do Marcio jogo,
Vomitar chammas, e abrazar com fogo.

XLVI.

Deſde eſſe dia he fama, que por nome
Do Gráo Caramurú foi celebrado
O forte Diogo; e que eſcutado dome
Eſte appellido o Barbaro eſpantado:
Indicava o Brazil no ſobrenome,
Que era hum dragão dos mares vomitado:
Nem d'outra arte entre nós a antiga idade
Tem Jove, Apollo, e Marte por Deidade.

XLVII.

Foráo qual hoje o rude Americano,
O valente Romano, o ſabio Argivo;
Nẽ foi de Salmoneo mais torpe o engano, (6)
Do que outro Rei fizera em Creta altivo.
Nós que zombamos deſte Povo inſano,
Se bem cavarmos no ſolar nativo,
Dos antigos Heróes dentro ás imagens,
Náo acharemos mais, que outros Salvagens.

XLVIII.

XLVIII.

He facil propensão na brutal gente,
Quando em vida ferina admira huma arte,
Chamar hum fabro o Deos da forja ingente;
Dar ao guerreiro a fama de hum Deos Marte:
Ou talvez por sulfureo fogo ardente,
Tanto Jove se ouvio por toda a parte:
Hercules, e Theseos, Jasões no Ponto (7)
Serião cousas taes, como as que eu conto.

XLIX.

Quanto merece mais, que em douta Lyra
Se cante por Heróe, quem pio, e justo,
Onde a céga Nação tanto delira,
Reduz á humanidade hum Povo injusto?
Se por Heróe no Mundo só se admira,
Quem tyranno ganhava hum nome Augusto;
Quanto o será maior, que o vil tyranno,
Quem nas féras infunde hum peito humano?

L.

Tal pensamento então n'alma volvia
O Grão Caramurú, vendo prostrada
A rude multidão, que Deos o cria,
E que espera d'esta arte achar domada:
Politica infeliz da Idolatria,
Donde a antiga cegueira foi causada; (8)
Mas Diogo, que abomina o feio insulto,
Quando augmenta o terror, recusa o culto.

LI.

LI.

De Tupá ſou (lhe diſſe) Omnipotente
Humilde eſcravo, e como vós me humilho;
Mas do horrendo trovão, que arrojo ardente,
Eſte raio vos moſtra, que eu ſou filho.
(Diſſe, e outra vez diſpara em continente)
Do meio do relampago, em que brilho,
Abrazarei qualquer, que ainda ſe atreva
A negar a obediencia ao Grão Gupeva.

LII.

Deo logo a amiga mão com grato aſpecto
Ao miſero Gupeva, que convulſo
No horror daquelle ignivomo proſpecto,
Jazia ſem ſentido, e já ſem pulſo:
Não temas (diz-lhe) amigo, que eu prometto,
Que de meu braço ſe não mova impulſo,
Senão contra quem for tão temerario,
Que ſendo-te eu amigo, he teu contrario.

LIII.

Recobra o bom Gupeva hum novo alento,
Sentindo a grata mão, que á vida o chama;
Nem póde duvidar pelo exprimento,
De quanto Diogo com fineza o ama;
Mas ſempre com receio do inſtrumento
Teme q̃ outra vez lance a horrivel chamma;
E deixa-o no erro Diogo, a fim que incerto,
Nenhum pelo pavor ſe chegue ao perto.

LIV.

Mas por deixar incerta a gente infida,
Dá-lhe aſtuto o arcabuz, que não tem carga;
E quem (diz) he fiel, póde com vida
Tello na mão ſem horrida deſcarga;
Porém ſe algum faltaſſe á fé devida,
Sentirá da traição por pena amarga,
Com proprio damno ſeu, com mortal riſco,
Relampago, e trovão, fogo, e coriſco.

LV.

Que eu acordado eſteja, ou que adormeça,
Vigia em guarda minha o fogo occulto,
E a traição pagará com a cabeça,
Quem tentaſſe fazer-me hum leve inſulto.
Porém ſe eu mal não quero, que aconteça,
Póde hum menino, como póde o adulto,
E o mais fraco, que houver na voſſa gente,
Ter o trovão nas mãos, ſem que arrebente.

LVI.

Porém guardai-vos vós, que ſó no peito,
Só n'alma, que tenhais tenção malina,
Vereis que trovão faz por meu reſpeito,
E que vem no eſtampido a voſſa ruina.
Treme Gupeva, ouvindo eſte conceito,
E humilde a fronte ao Grão Diogo inclina:
Certo de não faltar na fé que rende,
Donde o raio, e trovão crê que depende.

LVII.

LVII.

Convoca em tanto o Principal temido
 As esquadras da turba, então dispersa;
 E ao Grão Caramurú pede rendido
 Que eleja casa no Paiz diversa:
E que a gruta deixando, suba unido,
 Onde em vasta cabana o Povo versa;
 Nem duvide que a gente féra, e brava
 O sirva humilde, e se sujeite escrava.

LVIII.

No Reconcavo ameno hum posto havia
 De troncos immortaes cercado á roda,
 Trincheira natural, com que impedia,
 A quem quer penetrallo, a entrada toda:
Hum plano vasto no seu centro abria, (9)
 Aonde edificando á patria moda,
 De troncos, varas, ramos, vimes, canas
 Formárão, como em quadro, oito cabanas.

LIX.

Qualquer dellas com mole volumosa
 Corre direita em linhas parallelas;
 E mais comprida aos lados, que espaçosa,
 Não tem paredes, ou columnas bellas:
Hum angulo no cume a faz vistosa,
 E cuberta de palmas amarellas,
 Sobre arvores se estriba, altas, e boas,
 De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

LX.

Qual o velho Noé na immenſa barca,
  Que a barbara cabana em tudo imita,
  Ferozes animaes próvido embarca,
  Onde a turba brutal tranquilla habita:
Tal o rude Tapuia na grand' arca;
  Alli dorme, alli come, alli medita;
  Alli ſe faz humano, e de amor molle,
  Alimenta a mulher, e affaga a prole.

LXI.

Dentro da grã choupana a cada paſſo (10)
  Pende de lenho a lenho a rede extenſa:
  Alli deſcanço toma o corpo laço;
  Alli ſe eſconde a marital licença:
Repouſa a filha no materno abraço
  Em rede eſpecial, que tem ſuſpenſa:
  Nenhum ſe vê (que he raro) em tal vivenda,
  Que a mulher de outrem, nem q̃ á filha offen-
(da.

LXII.

Alli chegando a Eſpoſa fecundada
  A termo já feliz, nunca ſe omite
  De pôr na rede o Pai a prole amada,
  Onde o amigo, e parente o felicite:
E como ſe a mulher ſoffrêra nada,
  Tudo ao Pai reclinado então ſe admite,
  Qual fora, tendo ſido em modo ſerio
  Seu proprio, e não das Mãis o puerperio.

LXIII.

LXIII.

Quando na rede encoſta o tenro infante,
Pinta-o de negro todo, e de vermelho;
Hum pequeno arco póe, frécha volante,
E hum bom cutelo ao lado; e em tom de ve-
Com diſcurſo patetico, e zelante, (lho
Vai-lhe inſpirando o paternal conſelho;
Que ſeja forte diz, (como ſe o ouviſſe)
Que ſe ſaiba vingar, que náo fugiſſe.

LXIV.

Dá-lhe depois o nome, que apropría
Por ſimilhança que ao Infante iguala,
Ou com que o eſpera célebre algum dia;
Senáo he por defeito que o aſſinala:
A algum na fronte o nome ſe imprimia,
Ou pintáo no verniz, que tem por gala;
E ſegundo a figura ſe lhe obſerva,
Dáo-lhe o nome de féra, fruto, ou herva.

LXV.

Trabalha em tanto a Mái ſem nova cura,
Quando o parto conclue, e em tempo breve,
Sem mais arte que a próvida natura,
Sente-ſe leſta, e sá, robuſta, e leve:
Feliz gente, ſe uniſſe com fé pura
A ſóbria educaçáo, que ſimples teve!
Que o q̃ a nós nos faz fracos, ſempre eſtimo,
Qũ he mais q̃ pena, ou dor, melindre, e mimo.

LXVI.

LXVI.

Vai com o adulto filho á caça, ou pefca
 O folícito Pai pelo alimento:
 O peixe á mulher traz, e a carne frefca,
 E á tenra prole a fruta por fuftento:
A nova provisáo fempre refrefca,
 E dá nefta fadiga hum documento,
 Que quem nega o fuftento a quem deo vida,
 Quiz fer Pai, por fazer-fe hum parricida.

LXVII.

Que fe acontece que a enfermar fe venha,
 Concorre com piedade a turba amiga;
 E por dar-lhe hum remedio, que convenha,
 Confultáo-no entre fi com gente antiga:
Bufcáo quem de herva faiba, ou cura tenha,
 Que poffa dar allivio ao que periga,
 Ou talvez fangráo n'huma febre ardente,
 Servindo de lanceta hum fino dente.

LXVIII.

Mas vendo-fe o mortal já na agonia,
 Sem ter para o remedio outra efperança,
 Eftima a bruta gente; acçáo mui pia,
 Tirar-lhe a vida com a maça, ou lança:
Se morre o tenro filho, a Mái fería
 Eftimada cruel, quando a criança,
 Que pouco antes ao Mundo della veio,
 Náo torna ao feu lugar no proprio feio.

LXIX.

LXIX.

Tal era o Povo rude, e tal uſança
 Se lhe vê praticar no vicio illuſo:
 Tudo nota Diogo, na eſperança
 De corrigir por fim tão cego abuſo.
No lugar da cabana, em que deſcança
 Menos da gente, e multidão confuſo,
 Põe-lhe a rede Gupeva, que o convida
 De rica, e mole pluma entre tecida.

LXX.

Mas eis-que hum grande número o rodea
 De emplumados feiſſimos Salvagens:
 Ouve-ſe a caſa de clamores chea;
 Coſtume antigo ſeu nas hoſpedagens.
Qualquer chegar-ſe a Diogo ainda recea,
 Por ter viſto as horrificas paſſagens;
 Mas *mair ma apadu* de longe explicão, (11)
 E *bem vindo o eſtrangeiro* ſignificão.

LXXI.

Por coſtumado obſequio os mais luzidos
 Tomão Diogo nos braços; e no peito
 A frente lhe apertavão comedidos:
 Sinal entr'elles do hoſpital reſpeito.
Tirão-lhe em preſſa as roupas, e veſtidos;
 E pondo-o ſobre a rede, como em leito,
 Sem mais dizer-lhe nada, e ſem ouvillo,
 Tudo ſe affaſta, e deixão-no tranquillo.

LXXII.

Com maior ceremonia outra viſita
Feſtiva celebrava o ſeu cortejo;
Feminea turba, que o coſtume incita
A offerecer-ſe honeſta ao ſeu deſejo;
Senta-ſe ſobre os pés, e felicita,
Cobrindo o roſto a mão, como por pejo;
Veſtidas vem de folhas tão brilhantes,
Que o que falta ao valor, tem de galantes.

LXXIII.

Parece ſer da meza o diſpenſeiro
Hum Salvagem, que o nome lhe pergunta:
Se tem fome, lhe diz; ou ſe primeiro
Quereria beber? e logo ajunta,
Sem mais reſpoſta ouvir, ſobre o terreiro
A comida que trouxe em cópia munta:
Põe-ſe-lhe Uiçu de peixe, e carne crua, (12)
E o mimoſo Cauin, que he paixão ſua.

LXXIV.

Todos com gula comem furioſa,
Sem olhar, ſem fallar, nem diſtrahir-ſe:
Tanto ſe abſorbem na paixão guloſa,
Que mal pudéra ao vellos diſtinguir-ſe,
Se são féras, ou homens. Vergonhoſa,
Triſte miſeria humana! confundir-ſe
Hum peito racional c'hum bruto feio
No horrendo vicio, donde o mal nos veio.

LXXV.

LXXV.

Acabada a comida, a turba bruta
O eſtrangeiro bem vindo outra vez grita;
E a tropa feminina, que iſto eſcuta,
Cobre a face co-as mãos, e o pranto imita:
Gupeva pois que o hoſpede reputa,
Cauſa do ſeu prazer, e author da dita;
O Sacro fogo a roda lhe ateava,
Ceremonia hoſpital, que o povo uſava. (13)

LXXVI.

Bem preſumia Diogo, no que explora,
Que algum myſterio ſe occultava interno;
Lembra-lhe a chamma, que o Caldeo adora;
O fogo das Veſtaes recorda eterno;
Nem duvidava que de origem fora
Coſtume da Nação, rito paterno;
Trazido, ſe he poſſivel que ſe crêa,
Na diſpersão das gentes, da Caldêa.

LXXVII.

Perguntallo dos barbaros quizera;
Mas como o acceno, e lingua muito engana,
Acaſo ſoube que á Gupeva viera
Certa Dama gentil Braziliana:
Que em Taparica hum dia comprendêra
Boa parte da lingua Luſitana;
Que Portuguez eſcravo alli tratára, (14)
De quem a lingua, pelo ouvir, tomára.

LXXVIII.

Paraguaçú gentil (tal nome teve)
Bem diverſa de gente tão nojoſa;
De côr tão alva, como a branca neve;
E donde não he neve, era de roſa:
O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bella luz, teſta eſpaçoſa:
De algodão tudo o mais, com manto eſpeſſo,
Quãto honeſta encobrio, fez ver-lhe o preço.

LXXIX.

Hum Principal das terras do contorno
A bella Americana tem por filha;
Nobre ſem faſto, amavel ſem adorno;
Sem gala encanta, e ſem concerto brilha:
Servia aos Carijós, que tinha em torno,
Mais que de amor, de objecto a maravilha:
De hum deſdem tão gentil, q̃ a quem olhava,
Se mirava immodeſto, horror cauſava.

LXXX.

Foi deſtinada de ſeus Pais valentes,
Eſpoſa de Gupeva; mas a Dama
Fugia de ſeus olhos impacientes,
Nem prenda lhe acceitou, porque o não ama:
Nada ſabem de amor barbaras gentes,
Nem arde em peito rude a amante chama;
Gupeva, que não ſente o ſeu deſpeito,
Tratava-a ſem amor; mas com reſpeito.

LXXXI.

LXXXI.

Deſeja vella o forte Luſitano;
Porque interprete a lingua, que entendia;
E toma por mercê do Ceo ſobrano
Ter como entenda o idioma da Bahia:
Mas quando eſſe prodigio aviſta humano,
Contempla no ſemblante a louçania:
Pára hum, vendo o outro; mudo, e quedo,
Qual junto de hum penedo outro penedo.

LXXXII.

Só tu, Tutelar Anjo, que o acompanhas,
Sabes quanto a virtude alli ſe arriſca,
E as furias da paixão, que accende eſtranhas
Eſſa de inſano amor doce faiſca:
Anſias no coração ſentio tamanhas,
(Anſias, que nem na morte o tempo riſca)
Que houvera de perder-ſe naquell' ora,
Senão fora Chriſtão, ſe Heróe não fora.

LXXXIII.

Mas deſde o Ceo a Santa Intelligencia
Com doce inſpiração mitiga a chamma;
Onde a amante paixão ceda á prudencia,
E a razão póde mais, que a ardente flamma:
Em Deos na natureza, e na conſciencia
Conhece, que quer mal quem aſſim ama;
E que fora ſacrilego epiſodio
Chamar á culpa amor, não chamar-lhe odio.

LXXXIV.

No raio defte heróico penfamento
Em tanto Diogo reflectio comfigo,
Ser para a lingua hum cómmodo inftrumento
Do Ceo mandado na donzella amigo :
E por fer neceffario ao Santo intento,
Eftuda no remedio do perigo,
Que póde fer ? fou fraco : ella he formofa . . .
Eu livre . . . ella donzella . . . será efpofa.

LXXXV.

Bella (lhe diffe então) gentil Menina,
(Tornando a fi do pafmo, em que eftivera)
Sorte humana não he, mas he Divina,
Ver-me a mim ; ver-te a ti na nova esféra :
Ella a frafe, em que fallo, aqui te enfina ;
Ella, fenão me engana o que alma efpera,
Hum fogo em nós accende, que de refto
Eterno haja de arder, fe arder honefto.

LXXXVI.

Defde hoje fe a meus olhos correfponde
O meigo olhar das lucidas pupilas ;
Se amor he . . porq̃ amor quẽ he q̃ o efconde,
Se por elle effas lagrimas diftillas :
Com que chammas meu peito te refponde,
Com mão de Efpofa poderás fentillas ;
Diffe ; e eftendendo a mão, offereceo-lha ;
Ella que nada diz, forrio-fe, e deo-lha.

LXXXVII.

LXXXVII.

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixára;
 E ou de amante, ou tambem de vergonhosa,
 Hum tão bello rubor lhe tinge a cara,
 Como quando entre os lirios nasce a rosa:
Tres vezes quiz fallar, tres se calára;
 E ficou do soçobro tão formosa,
 Quanto elle ficou cégo; e em tal porfia,
 Nem hum, nem outro então de si sabía.

LXXXVIII.

Mas reflectindo logo o Heróe prudente,
 Fixou no coração com fé segura,
 Não cumprir as promessas de presente,
 Antes que lhe entre n'alma a formosura:
Rende-lhe o seu amor, mas innocente,
 E faz-lhe prometter, que com fé pura,
 Em quanto se não lava, e regenéra,
 Em continencia viviráõ sincera.

LXXXIX.

E esta fé (diz-lhe) Esposa em Deos querida,
 Guardar-te hoje prometto em laço eterno,
 Até banhar-te n'agua promettida,
 Por candida affeição de amor fraterno:
Amor, que sobreviva á propria vida;
 Amor, que prezo em laço sempiterno,
 Arda depois da morte em maior chamma;
 Que assim trata de amor, quē por Deos ama.

XC.

XC.

Eſpoſo (a bella diz) teu nome ignoro;
Mas não teu coração, que no meu peito
Deſde o momento, em q̃ te vi, que o adoro:
Não ſei ſe era amor já, ſe era reſpeito:
Mas ſei do que então vi, do que hoje exploro,
Que de dous corações hum ſó foi feito.
Quero o Baptiſmo teu, quero a tua Igreja,
Meu Povo ſeja o teu, teu Deos meu ſeja.

XCI.

Terme-has, caro, terme-has ſempre a teu lado:
Vigia tua, ſe te occupa o ſomno;
Armada ſahirei, vendo-ſe armado;
Tão fiel nas prizões, como n'hum throno:
Outrem não temas, que me ſeja amado:
Tu ſó ſerás, Senhor, tu ſó meu dono:
Tanto lhe diz Diogo, e ambos jurárão;
E em fé do juramento, as mãos tocárão.

(1) *Anhangá.* Nome do Demonio, em lingua Brazilica, conhecido daquelles Barbaros pelo uſo da Nigromancia.

(2) *Montanhas.* Perſuadem-ſe os Brazilienſes, que além das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, ſeja o Paraiſo. Vide *Martiniere Diccionario Geografico* verb. *Brazil*, onde ſe lerá a maior parte da Hiſtoria dos ritos, e coſtumes do Brazil, que aqui, e na ſerie do Poema eſcrevemos.

(3) *O corpo humano.* Razão ſufficiente, por que he illicito comer a carne humana por principios Theologicos na preſente Oitava, e na ſeguinte pelos Naturaes.

(4) *Paiaiás.* Nome honorifico em lingua Brazilica, equivalente a *Nobres*, ou *Senhores*. O Poeta conforma-ſe ao coſtume deſtas gentes, entre as quaes os Principes fazem longas fallas aos ſeus Compatriotas, exhortando-os pelos principios, que aqui ſe tocão.

(5) *Imboába.* Voz, com que os Barbaros nomeão os Europeos.

(6) *Salmoneo.* Eſte Principe pertendia imitar o raio para eſpantar os Gregos, então barbaros, e ſimilhantes aos noſſos Brazilienſes. Tanto ſe póde crer do Rei de Creta, que aquelles Inſulares chamárão Jupiter.

(7) *Hercules.* Os Heróes dos tempos fabulares forão ſem dúvida ſimilhantes aos noſſos primeiros Deſcubridores, feitos celebres pela rudeza, e ignorancia dos ſeus tempos. Obſervamos eſte parallelo para preoccupar a cenſura de quem acaſo eſtimaſſe a materia, e objecto deſta Epopeia, indigna de comparar-ſe á que eſcolhérão os antigos Poetas Epicos.

(8) *Causada.* He certo que a Idolatria dos Gregos teve grande occasião nos Inventores das Artes; e vimos outro tanto nos Americanos, dispostos a crer immortaes os Europeos.

(9) *Hum plano.* Descripção das Tabas, ou Aldéas Brazilicas.

(10) *Dentro.* O Padre Martiniere, célebre Crítico, e testemunha ocular, attesta parte destes costumes; outros. Ozorio, Vasconcellos, Pitta, que não citamos, por serem especies vulgares.

(11) *Mas mair.* Nas hospedagens costumão assim os Brazilianos: e do Padre Martiniere copiámos as palavras, que então proferem, e a sua interpretação.

(12) *Uiçu.* Farinha, a que reduzem a carne torrada, ou o peixe. *Cauin*, bebida similhante á que já dissemos da Catimpoeira.

(13) *Ceremonia.* Tinhão esta ceremonia como Religiosa, persuadidos que faz fugir o Demonio.

(14) *Portuguez escravo.* Ficção Poetica sobre o verosimil, não sendo difficil que algum dos Portuguezes deixados por Cabral, ou por outros Capitães na costa, para aprenderem a lingua, communicassem parte della aos habitantes.

CAN-

CANTO III.

I.

JA' nos confins extremos do Horizonte
Dourava o Sol no occaſo rubicundo
Com tibio raio aſſima do alto monte;
E as ſombras cahem ſobre o valle fundo:
Hia morrendo a côr no prado, e fonte;
E a noite, que voava ao novo Mundo,
Nas azas traz com viração ſuave
O deſcanço aos mortaes no ſomno grave.

II.

Só com Gupeva a Dama, e com Diogo
Goſtoſa aos dous de interprete ſervia;
E perguntado ſobre o Sacro fogo,
A qual fim ſe inventára? a que ſervia?
Deo-lhe ſimples razão Gupeva logo:
Suppre de noite (diſſe) a luz do dia;
E como Tupá ao Mundo a luz accende,
Tanto fazer-ſe aos hoſpedes emprende.

III.

Se peccando o máo efpirito folevas,
Succede que talvez cruel fe enoje;
E como he Pai da noite, e Author das trévas,
Tanto aborrece a luz, que em vendo-a foge:
Porém fe á Luz eterna o peito elevas,
Não ha furia do Averno que fe arroje;
Talvez por lhe excitar triftes idéas,
Das chammas, que tiverão por cadeas.

IV.

Admira o pio Heróe, que affim conheça
A Nação rude as legiões do Averno; (1)
Nem já duvída que do Ceo lhe defça
Clara luz de hum Principio fempiterno.
Diffe-me, Hofpede amigo, fe profeffa
Efte teu Povo, diz, com culto externo
Adorar algum Deos? qual he? onde ande?
Se feja hũ Deos fómente, ou q̃ outros mande?

V.

Hum Deos (diz) hũ Tupá, hũ fer poffante (2)
Quem poderá negar que reja o Mundo,
Ou vendo a nuvem fulminar tonante;
Ou vendo enfurecer-fe o mar profundo?
Quem enche o Ceo de tanta Luz brilhante?
Quem borda a Terra de hum matiz fecundo?
E aquella fala azul, vafta, infinita,
Senão eftá lá Tupá, quem he que a habita?

VI.

VI.

A chuva, a neve, o vento, a tempeſtade
Quẽ a rege? a quẽ ſegue? ou quem a move?
Quem nos derrama a bella claridade?
Quem tantas trévas ſobre o Mundo chove?
E eſte eſpirito amante da verdade,
Inimigo do mal, que o bem promove,
Couſa tão grande, como fora obrada,
Senão lhe dera o ſer, quem vence o nada?

VII.

Quem ſeja eſte grande Ente, e qual ſeu nome,
(Feliz quem ſaber póde) eu cego o ignoro;
E ſem que a empreza de ſabello tome,
Sei que he quẽ tudo faz, e humilde o adoro:
Nem duvido que os Ceos, e Terra dome,
Quando nas nuvens com terror o exploro,
Deixando o mortal peito em vil deſmaio,
Ameaçar no trovão, punir no raio.

VIII.

Só paſmo ſe nos fez, como não veio,
Devendo amar o que obra de mão ſua,
Ao Mundo de Anhangás cercado, e cheio
A livrar o Homem deſſa beſta crua!
Como he poſſivel que não déſſe hum meio,
Com que a mente ignorante, enferma, e nua
Tratar com elle poſſa, quando he claro
Que o Pai não deixa o filho em deſamparo?

IX.

IX.

Sinto bem remorder dentro em meu peito
  Lembrança, que me accuſa: por mim fic
  Se mais bem do que faz, me não tem feito,
  Que he neſcio quem o ingrato benefica.
Outro Povo talvez mereça eleito
  A aſſiſtencia dos Ceos de graças rica;
  Nem contra Deos ſe juſtifica a queixa,
  Que coſtume deixar, quem o não deixa.

X.

Mas ſe do Throno Celeſtial, e Eterno
  A pezar da malicia nos viſita;
  Quem ſabe ſe por zelo hoje paterno
  A noſſo bem mandar-te aqui medita.
Pois creio bem que contra o fogo Averno
  Trazes a chamma, que a do raio imita,
  Ou que vens como luz, do Ethereo aſſento,
  Por levar-nos comtigo ao Firmamento.

XI.

Paſmava o Luſitano da eloquencia
  Com tão alto penſar n'huma alma rude;
  Notando como a Eterna Sapiencia
  A face a todos moſtra da virtude.
E reputava por maior clemencia,
  Que a quẽ, ſe a fé conhece, ingrato a illude;
  Negaſſe Deos a luz, que os outros vião;
  Porque tendo-a maior, mais cegarião.

XII.

XII.

Náo deixa nunca os ſeus o Ceo piedoſo
(Diogo reſpondeo) que á terra indigna
Manda o ſeu Unigenito glorioſo,
Que offreça, a quẽ o invoca, a máo benigna:
Mas ſe anteviſſe no Homem perniciofo (3)
Huma livre eleiçáo ſempre maligna,
Por dar-lhe menos pena em menor falta
Em ſombra, como á voz, deixa táo alta.

XIII.

Tendes em tanto hum claro ſentimento,
Que eſpirito immortal ſe nos concede . . (4)
Sim, diz Gupeva, que o decide attento,
Quem tudo quanto ſente parte, ou mede:
Mas mirando ao ſeu proprio penſamento,
Vê que a medida ſempre intacto excede;
E ſendo indiviſivel deſta ſorte,
Como póde a razáo ſoffrer a morte?

XIV.

Quantas vezes em mim, ſe ſer pudeſſe,
Hum penſamento d'alma eu dividíra;
Que todo o mal em fim que o homem padece,
Vem d'imagem cruel, que dentro gyra.
Mas a interna impreſsáo tanto mais creſce,
Quanto o peito anſiado màis ſuſpira:
E vejo q̃ ha em mim meſmo occulto, e interno
Entre a mẽte, e a verdade hũ laço eterno. (5)

XV.

XV.

Sendo a mente mortal, tornára ao nada,
Ao apagar-ſe a luz no extremo dia;
E antes de ſer punida, ou premiada,
Huma alma juſta, ou ré pereceria;
Sempre em deſejos, nunca ſaciada;
Má ſem caſtigo; e ſem fortuna pia;
Sem chegar ao ſeu fim perder a eſſencia...
Como he crivel, que Deos tem Providen-
(cia? (6)

XVI.

Se o fim do inerte bruto ſe inquiriſſe,
No contexto das obras reſpondêra,
Que fora feito, porque nos ſerviſſe,
E que eterno deſtino não tivera:
Onde era bem que a morte deſtruiſſe
Quem para immortal fim nunca naſcêra;
Porque lhe dera, a tello, o Ceo Divino
Outro corpo, outra fórma, outro deſtino. (7)

XVII.

Que o bruto elege, penſa, que diſcorre
Do que o vemos obrar fica evidente;
Mas cada eſpecie a hum curto fim concorre,
Sem orgãos, e aptidão com q̃ outro intente.
O homem tudo quer, por tudo corre,
Tem orgãos para tudo, e tudo ſente;
Infinito em penſar, e no que vejo
Maior que no penſar no ſeu deſejo.

XVIII.

XVIII.

Tudo domína ſó, tudo governa,
Sem que a outro animal ſervir coſtume;
Toda outra eſpecie á ſua he ſubalterna,
E ſe immortal naſcêra, fora hum Nume: (8)
Arbitrio Univerſal, Razão Eterna,
Capaz de receber o immenſo lume,
E fora mais, ſe a morte o diſſipára,
Que ſe Ceo, Terra, e Inferno anniquilára.

XIX.

Paſmado Diogo do que attento eſcuta,
Não crê que a ſingular Filoſofia
Poſſa ſer da invenção da gente bruta;
Mas a interprete bella lhe advertia,
Que a antiga Tradição nunca interrupta
Em cantigas, que o Povo repetia,
Deſde a idade infantil todos comprendem,
E que dos Pais, e Máis cantando o aprendem.

XX.

Que erão pedaços das Canções, que entoão (9)
As que ouvia a Gupeva (e talvez tudo)
Que em Poetico eſtilo doces ſoão
Feitas por Sabios de ſublime eſtudo.
Que alguns entre elles com tal eſtro voão,
Que involvendo-ſe o harmonico no agudo,
Parece que lhe inflamma a fantaſia
Algum Nume, ſe o ha, da Poeſia.

XXI.

Tendo Paraguaçú dito diſcreta,
Proſegue então Gupeva os ſeus aſſumptos:
Que ſe as almas morreſſem, que indiſcreta
A memoria ſería dos defuntos?
A que ſervíra a Lei, que nos decreta, (10)
Que no ſepulchro ſe lhe ponhão juntos
Comidas, arcos, frechas? quem reſiſte
A quem depois da morte não ſubſiſte?

XXII.

O inimigo Anhangá, logo que deixa
A noſſa alma eſta carne, em furia a invade,
E do mal, que cá fez, cruel ſe queixa,
Até que em ſombras entre, ou claridade:
O Rito do Sepulchro expreſſo deixa,
Que enterrando-ſe em pé, na Eternidade
O fim buſcamos, a que Deos nos cria;
E que antes de o alcançar, ſe ſegue a via.

XXIII.

Deſte principio naſce, que com prantos
Noite, e dia ſe chora o ſeu deceſſo;
Louvão-ſe nos Congreſſos como Santos,
E põe-ſe no ſepulchro hum marco expreſſo:
Tantas memorias pois, officios tantos
A que fim ſe a alma acaba, eu não conheço:
A expiação, e obſequio era fruſtrado,
Se ella não vive, ou purga algum peccado.

XXIV.

XXIV.

Coſtumes são da occulta Antiguidade,
Que o Grão Tamandaré deſde alta origẽ (11)
A's gentes enſinou, com que á piedade
Todas no Mundo as almas ſe dirigem:
E quando algum conteſte eſta verdade,
Provão-na os Anhangás, que nos affligem,
Pedindo aos Nigromantes q̃ a alma vendão,
No q̃ huma alma immortal nos recommendão.

XXV.

Que he deſde noſſos Pais fama conſtante,
Que a onde o Sol ſe põe neſſas mõtanhas (12)
Ha hum fundo lugar, de que he habitante
O perfido Anhangá com crueis ſanhas:
Alli de enxofre a eſcuridão fumante
Com portas encerrou Tupá tamanhas,
Que as não póde forçar, nem todo o Inferno:
A morte he a chave; e o cadeado he eterno.

XXVI.

Dentro nada ſe vê na ſombra eſcura;
Mas no vislumbre funebre, e tremendo
Diſtingue-ſe com viſta mal ſegura,
Hum Antro vaſto, tenebroſo, e horrendo:
Ordem nenhuma tem: tudo conjura
Ao ſempiterno horror, que alli comprendo:
Mutuamente mordendo-ſe de envolta,
Hum n'outro agarra, ſe o primeiro o ſolta.

XXVII.

Se viſte onda ſobre onda procelloſa,
Quando bate eſcumando a arêa funda,
Como eſta aquella engole; e mais furioſa
Montanha d'agua vem, que ambas affunda:
Tal na caverna lobrega horroroſa
Onda, e onda de fogo os máos inunda:
Eſte ſóbe; eſte deſce; e hum cataclifmo
Alaga as nuvens, e deſcobre o abyſmo.

XXVIII.

Aqui o fero Anhangá cahio, (ſe conta)
Quando do Gráo Tupá rompia o jugo;
E vem dos Aſtros, que ſoberbo monta,
A ſer em pena vil, do homem verdugo:
Alli com máo cruel, com furia prompta
Pune da noſſa eſpecie o vil refugo;
E em vez de máos as miſerandas gentes,
Enroſca em laços de crueis ſerpentes.

XXIX.

Alli do Gráo Tupá por Lei ſevera,
No incendio eſtá, que o tempo náo apaga,
Quem torpe inceſto faz; quem adultera;
Quem he réo da laſcivia infame, e vaga:
Cada hum, como a culpa commettêra,
Tanto, e no proprio membro o crime paga:
Fere-ſe a quem ferio; mas o homicida
Só porque morra mais, náo perde a vida.

XXX.

Sentada em meio da morada horrenda,
Branca de cans, e immovel na manobra,
Immenſa ſombra faz, que a cauda prenda
Dentro na boca horrivel huma cobra:
Com rouca voz, e intimação tremenda
Ao tempo prezo na viperea dobra
Diz, retumbando em éco a cavidade:
Oh vida! oh tẽpo! oh morte! oh eternidade!

XXXI.

Além da grá montanha, em que ſe occulta (13)
O carcere das ſombras horroroſo;
De mil delicias n'hum terreno exulta
Quem vive juſto, ou quem morreo piedoſo:
Náo ſe acha imagem neſta terra inculta,
Que ſeja ſombra do Paiz ditoſo:
O Templo alli da Paz foi levantado,
Sempre aberto ao prazer, e á dor fechado.

XXXII.

Ha do ameno jardim na vaſta entrada
Huma grá porta de ſafiras bellas,
Onde da etherea Luz reverberada,
Se pinta em vaſto fundo hũ mar de eſtrellas;
Toda ella em torno, em torno decorada
De floridas belliſſimas capellas:
Junto voragem ha de hum precipicio,
Que ſorve a quẽ ſe encoſta infecto em vicio.

XXXIII.

Vem-ſe dentro campinas deleitoſas,
Geladas fontes, arvores copadas;
Outeiros de cryſtal, campos de roſas,
Mil fructiferas plantas delicadas:
Cuberto o chão das frutas mais mimoſas,
Com mil formoſas cores matizadas,
E á maneira, entre as flores, de ſerpentes
Vão volteando as liquidas correntes.

XXXIV.

Latadas de martyrios ha ſombrias,
Que com a rama, e flor formão paſſeios;
Onde paſsão ſem calma os claros dias,
Gozando ſem temor de mil recreios:
Chuvas alli não ha, nem brumas frias,
Nem das procellas horridas receios;
Nem ha na Primavera, e verdes Maios
Quem receie o trovão, nem tema os raios.

XXXV.

Entre o ſuſurro alli das fontezinhas,
Harmonica ſe eſcuta a voz ſonora,
Com que mil innocentes avezinhas
Entoão a alvorada á freſca Aurora:
Muitas com vôos vão ao Ceo vizinhas;
Outra ſegue o Conſorte, a quem namora,
E mil doces requebros gorgeando,
De raminho em raminho vai ſaltando.

XXXVI.

Huma ave entre outras ha que ſe diſcorre, (14)
Ou fama certa ſeja, ou voz fingida,
Que do jardim a nós, de nós lá corre,
Como fiel correio da outra vida:
Dizem que vôa, quando algum cá morre,
E exprime no ſeu canto enternecida
O que alma paſſa nas eternidades,
E que nos leva, e traz doces ſaudades.

XXXVII.

Neſte ameno jardim vivem contentes
As almas, que no Mundo valeroſas
A Santa Lei guardárão diligentes,
Obrando acçóes na vida glorioſas:
Os que forão na guerra mais valentes,
E a Patria com acçóes guardão honroſas;
E os que em bellico horror com peito forte
Temem mais huma affronta, do que a morte.

XXXVIII.

Aqui do Grão Tupá no amado ſeio
Converſão, dançáo, jogão ſem faſtio;
Huns dos males paſſados ſem receio
Contão da crua guerra o caſo impio:
Outros da propria morte o golpe feio,
Recordão ſem pavor, contão com brio,
Que o recordar hum mal, que he já paſſado,
Dá depois mais prazer, que então cuidado.

XXXIX.

Alli dos Pais as almas venturoſas
Unidas ſempre eſtão ao Filho amado;
E o premio das fadigas laborioſas
Gozão no ſeio hum d'outro ſem cuidado:
A Mãi abraça as filhas amoroſas;
Como o Eſpoſo a Conſorte em puro agrado;
Sem guerra, ſem contenda, ſem porfia
Paſsão tranquilla a noite, e alegre o dia.

XL.

Mas o que he mais ſuave, o que he mais doce;
He gozar-ſe entre tanta amenidade
De todo o bom deſejo a inteira poſſe;
Nem ter de couſa vã neceſſidade:
Oh quem de tanto bem poſſeſſor foſſe!
Grato Paiz! amavel liberdade!
Onde por graça de Tupá infinita
Ninguem padece, teme, ou neceſſita.

XLI.

Dizendo aſſim, Gupeva enterneceo-ſe,
Sentindo a força, que o mortal levanta
A' Bemaventurança: commoveo-ſe
Tambem Diogo, vendo que em luz tanta
Tão pouco de Deos ſabe: a todos deo-ſe
O eterno lume, copia da Lei ſanta;
Mas bem que de eſplendor inunde hũ pégo,
Quem he indigno de Deos, fica mais cégo.

XLII.

XLII.

Que valem (disse ao barbaro ignorante)
Jardins, flores, delicias, e prazeres,
Faltando o Objecto em fim mais importante,
Que he a face de Tupá? pois de a não veres,
Todo outro bem, que gozes por brilhante,
Por bello, por maior, que o conceberes,
Para a nossa cubiça mal saciada,
He vil, he vão, he pouco, he fumo, he nada.

XLIII.

Finge que possa o Homem gozar junto
Destes bens cá da terra hum vasto rio;
Quanto Deos crear póde, tudo e munto;
Quem delle não gozar, fica vasio:
Se o Mundo a hũa alma basta, eu não pergunto;
Que ella goze infinitos, sempre eu fio;
Que qual hydropesia verdadeira,
Quantos mais possuir, tantos mais queira.

XLIV.

Toda essa gloria, que me tens pintado,
Sem mais q̃ hum bẽ do Mundo circumscrito,
Não he, Gupeva meu, mais q̃ hum bocado,
Para quem só se farta do infinito:
E quando tudo o mais se haja logrado,
Se he hum bem transitorio, se he finito,
Em breve has de sentir, e sem remedio
Do futuro ansia, e do passado tedio.

XLV.

Deos, caro amigo meu, he Deos sómente
  Quem póde saciar nossa vontade:
  Chegar á parte a onde o ver contente,
  E vello alli por toda a eternidade:
Todo o bem nelle está summo, e eminente,
  Honra, gloria, grandeza, magestade:
  Esta he, se discorreres em bom siso,
  A idéa, que has de ter de hum Paraiso.

XLVI.

Porém narra-me em tanto o que se pensa
  Entre vós dos principios deste Mundo:
  Quando? como? por quem na idéa immensa
  Se tomou a medida ao Ceo profundo?
Qual foi o Homem primeiro, e de qual crença?
  Ou se noticia tens do Adáo segundo?
  De qual origem sois, ou de qual gente?
  Ou quem veio a povoar tal Continente?

XLVII.

Memoria nunca ouvi (Gupeva disse) (15)
  Onde o Homem nascesse; mas comprendo,
  Que houve principio em fim q̃ o produzisse,
  Que sem fim, e principio eu nada entendo.
Como o creou náo sei: e bem que o visse,
  Náo pudéra entendello; conhecendo
  Que entre o nada, e o ser ha tal distancia,
  Que a ti te creio igual nesta ignorancia.

XLVIII.

XLVIII.

O primeiro Homem na geral lembrança,
A Tradição dos velhos mais antigos,
Antes do grão Diluvio não alcança:
Sabemos só que huns homens inimigos,
Do forte braço na fallaz confiança,
Enchêrão todo o Mundo de perigos,
E derão causa, que o Diluvio extenso
N'hum pégo sepultasse a terra immenso.

XLIX.

Do renovado Mundo o Patriarca
Desde o alto monte, onde escapou, descendo,
Depois que a grá canoa, e immensa barca,
Em que ao alto subio, foi fundo tendo;
Na prole immensa dominou Monarca,
E as varias Tribus dividido havendo
Por Continentes, e Ilhas do mar fundo,
De toda a gente he Pai, q̃ habita o Mundo.

L.

Predisse o Justo Velho o grão castigo,
E os Homens exhortando á penitencia;
Nem á vista do proximo perigo
Chamallos pôde á justa obediencia:
Cançado então Tupá da paz amigo
Do cruel latrocinio, e da violencia,
Quiz por vingar-se o Padre Omnipotente
Com aguas apagar a chamma ardente.

LI.

LI.

Faz que ſe abrão do Ceo, que aguas encerra,
As catadupas, como immenſos rios,
E que a face inundando-ſe da terra,
Se affoguem bons, e máos, juſtos, e ímpios:
Os elementos em desfeita guerra
Confundem-ſe em medonhos deſafios;
Cahe hũ mar deſde o Ceo, e na meſma hora
Manda a terra do centro outro mar fóra.

LII.

Já rota a margem, que nas brancas praias
A's ondas poſto tinha o Grão Sobrano,
Paſsão as aguas das extremas raias,
Onde ſe ajunta com o monte o plano:
O peixe nadador nas altas faias
No ninho eſtá do aligero tucano:
E em ſeios as balêas ver puderas,
Covis dos Tigres, e antros de Pantheras.

LIII.

Hião em tanto os Homens miſerandos
De hum monte a outro por fugir das aguas,
E ſem deſtino algum bandos, e bandos
Correndo gritão com piedoſas magoas:
E os Ceos deprecão, que os eſcutem brandos;
Mas a ira de Tupá com juſtas fragoas
Fulminando ſentelhas, e coriſcos,
Faz maiores os damnos, do que os riſcos.

LIV.

LIV.

Via-ſe em longa taboa mal ſegura
Nadar ſobr'agua a Mãi deſventurada;
E tendo ao collo appenſa a creatura,
Ora he n'agua abatida, ora elevada
Quem deſde o alto das caſas ſe pendura;
Quem fabríca de lenhos a jangada;
Qual da fome mortal horror concebe,
E crê que he menos mal, ſe a morte bebe.

LV.

Tamandaré porém de Tupá amigo,
Em quanto a grá procella horrivel ſoa,
Salva o naufrago Mundo pelo abrigo,
Que aos filhos procurou na grá canoa:
E a barca por memoria do caſtigo
Elevada deixou ſobre a coroa
Das altas ſerras, que na fama claras,
Tem nome ſimilhante ao das Araras. (16)

LVI.

Daqui por varias terras eſpalhados
Os Homens forão, que ſeus netos cremos;
Huns que a fronte de nós deixou queimados,
O claro Sol, q̃ naſce em ſeus extremos: (17)
Outros, que habitão climas apartados,
Deſſa cor branca, que em teu roſto vemos;
Divididos do mar, por onde as proas
Endireitão a nós voſſas canoas.

LVII.

LVII.

Se ſois de nós, ſe nós das voſſas gentes,
São couſas, que nós todos ignoramos;
Pois do paterno chão ſempre contentes,
D'outras terras, e tempos não cuidamos:
Mas vós, que os mares paſſeais ingentes,
Podereis inferir, ſe os que aqui eſtamos,
Depois que de hum Pai ſó todos naſcemos,
Com alguns entre vós nos parecemos.

LVIII.

Qũ ſe em vós houve, ou ha quẽ aſſim trate; (18)
Quem ſe governe aſſim, quem edifique,
Ou quem com armas, como nos combate,
Quem todo á caça, como nós ſe applique:
Se ha quem devore os Homens, quando os mate;
A quem o feroz vulto imberbe fique,
Deſde Tamandaré, que he Pai das gentes,
Podemos crer que são noſſos Parentes.

LIX.

Conſerva-ſe n'hum Povo o antigo rito,
Se o não altera o rito do eſtrangeiro;
E ſempre algum veſtigio fica eſcrito
Por Tradição do ſeculo primeiro.
Vós ſabereis, ſe a Hiſtoria tenha dito,
Que houve tempo, em q̃ o Mũdo quaſi inteiro,
Sem ſabermos huns d'outros ſe habitaſſe;
E como nós erramos, tudo erraſſe.

LX.

Se os mares nunca d'antes navegados
Diſcorreſtes por climas differentes;
Sabereis d'outros Homens ſeparados,
Deſcubertos talvez das voſſas gentes:
Que por eſtreitos, póde ſer, gelados,
Tranſitárão nos noſſos Continentes:
Vós direis, ſe Homens ha na roxa Aurora
Nús, e pintados, como nós agora?

LXI.

E porque ſaibas mais noſſo coſtume,
Onde julgues melhor da antiga origem,
Dirte-hei como, ſeguindo o impreſſo lume,
As prudentes Nações cá ſe dirigem:
Nem do vicio de muitas ſe preſume
Contra aquellas, que ſábias ſe corrigem;
Que tambem entre vós creio ſe eſcuta,
Quem tendo boas leis, tem má conducta.

LXII.

De Tupá, que o trovão com fogo manda,
Trememos, como vês, eſpavoridos;
Mas quando vemos que a procella abranda,
Ficão os homens de Tupá eſquecidos:
E bem ſuſpeito que neſs'outra banda
Succeda aſſim, ſe o horror vem dos ſentidos;
E que entre vós tambem gente ſe veja,
Que não temem Tupá, ſenão troveja.

LXIII.

LXIII.

Quem o blasfeme, affronte, ou quem o chame
A ser-lhe testemunha, quando mente,
Núca se ouve entre nós cõ furia infame, (19)
E só de o imaginar se assombra a gente.
He raro quem o adore, ou quem o ame;
Mas mais raro será quem insolente
Tenha do Summo Ser tão céga incuria,
Que trate o nome seu com tanta injuria.

LXIV.

De externo culto a Deos ha pouco indicio;
Senão he no que estimas bruto engano
De fazermos cruento sacrificio,
Não do sangue brutal, porém do humano. (20)
Vejo á luz da razão, que he feio vicio,
Que ao instincto repugna por tyranno;
Mas matar quem nos mais o crime atiça,
Não he victima digna da Justiça?

LXV.

A Justiça do Ceo reconhecemos
Contra quem delinquente a profanasse;
Pondo supplicios contra os máos extremos,
E em justo sacrificio a pena dá-se.
O malfeitor, o réo, quando o prendemos,
Com sacro rito a ceremonia faz-se:
Que quem no sangue impio a Deos vindica,
Este o aplaca sómente, e sacrifica. (21)

LXVI.

LXVI.

A fórma do governo por abuſo
Anarquico entre nós ſem lei ſe offrece;
Mas nos que fazem da razáo bom uſo,
Juſta Legislação reinar parece:
Nem nos tomes por Povo táo confuſo,
Que hum público poder náo conheceſſe;
Ha Senado entre nós ſabio, e prudente, (22)
A quem o Nobre cede, e a humilde gente.

LXVII.

Vagamos ſempre, e nunca hum firme aſſento
Nos deixáo ter da caça os exercicios:
Buſcamos nella os proprios alimentos,
E habitamos onde a ha, ou della indicios:
E eſtes são de ordinario os fundamentos
De occupar-nos em bellicos officios:
Verás as gentes em continuo choque
Sobre a quem o terreno, ou praia toque.

LXVIII.

Em varias caſtas, e Nações diverſas
Dividido o Sertão vagar coſtuma;
E bem que vagabundas, e diſperſas,
Confederáo-ſe as Tabas de cada huma: (23)
Em guerra, e paz, e em ſedições perverſas
Ao Patrio nome náo ſe nega alguma;
E ſe o Senado o quer, por juſtos modos
Póem-ſe todos em paz, e armáo-ſe todos.

LXIX.

São nos Senados membros, e cabeças
Os Velhos Sabios, Capitáes valentes;
Os que tem ſoccorrido em grandes preſſas
Com conſelhos á Patria mais prudentes:
Deſtes as ordens dimanando expreſſas,
Hum ſó ſe não verá nas noſſas gentes,
Que rompa, não cedendo a Poteſtade,
Eſte laço da humana ſociedade.

LXX.

Deſtes huns da Suprema Divindade
Miniſtros são, que nos feſtivos dias, (24)
Fazendo-ſe qualquer ſolemnidade,
O Povo exhortão com lembranças pias:
Honrão cantando a eterna Mageſtade,
Com ſons, que para nós são melodias:
Couſas, que ſe Anhangá corrompeo tanto,
Vê-ſe que naſcem de Principio Santo.

LXXI.

Eſtes Chefes do culto venerando
Mantem-nos a oblação do Povo crente:
São Meſtres ſantos, e por nós orando,
O lume da razão moſtra evidente,
Que em tão ſublime officio miniſtrando,
Tem direito a que o Público os ſuſtente:
Pois nelles he mais juſto que a lei valha
De comer cada hum donde trabalha.

LXXII.

LXXII.

Punimos o homicidio : quem mutila,
Quem bate, ou fere, não evita a pena:
A ſentença elle a dá. Deve ſubila (25)
Qual foi a culpa, com juſtiça plena:
Quem matou, morrer deve: aſſim ſe eſtila
Por Lei Sagrada, que a Equidade ordena:
Quem cortou pé, ou mão, braço, ou cabeça,
No pé, no braço, e mão tanto padeça.

LXXIII.

A fé do matrimonio bem declara, (26)
Que o vago amor a Lei offenderia,
Se ſe pudera uſar ſem que hum caſára,
Quem he que neſte Mundo caſaria?
Deve morrer quem quer que adulterára;
Sem iſſo quem ſeu Pai conheceria?
E o que extermina a Patria Poteſtade,
Quem não vê que repugna a Humanidade.

LXXIV.

Quem Pai, ou Mãi conhece com inceſto,
Ou quem corrompe a Irmã, padece a morte:
Nos officios dos Pais he manifeſto, (27)
Que confusão naſcêra deſta ſorte:
Ser a filha mulher, não fora honeſto,
Dominando em ſeu Pai, como conſorte:
Se o Irmão no Matrimonio á Irmã ſeguíra,
Sempre o Genero Humano mal ſe uníra.

LXXV.

Deve a humana geral ſociedade,
Para gozar da paz com doce laço,
Vincular dos mortaes a variedade (28)
De hum conſorcio feliz no caro abraço:
Deo-nos o Ceo por orgão da amizade,
Deo-nos como outra mão, como outro braço
A conſorte, em que o amor com fé ſe excite;
Não por paſto brutal de hum appetite.

LXXVI.

E houvera ſem prizão, que he tão ſuave,
Dominando entre os homens deſde o Averno
A diſcordia cruel, e a inveja grave,
A conter-ſe o hymeneo no amor fraterno:
Naſce do amor a paz; o amor he a chave,
He o doce grilhão, vinculo eterno,
Que ſe o vil intereſſe algum deſune,
Os peitos abre, e os corações nos une.

LXXVII.

Movidos deſte fim por são coſtume
Julgárão noſſos Pais na antiga idade,
Que ſe offende no inceſto o impreſſo lume,
Como contrario á paz da ſociedade:
E ſe do Ceo preſide o Santo Nume,
Ao ſocego da triſte Humanidade;
Quem duvída que eſtime pouco honeſto
Conhecer-ſe os Irmãos com feio inceſto?

LXXVIII.

LXXVIII.

Entre nós quem elege a Efpofa amada,
Pede ao Pai, ou Parente; e fem pedilla,
Não fe julgára a femea defpofada,
Por deixar a familia affim tranquilla:
Que fe orfã foffe acafo abandonada,
Só pertence ao vizinho o permitilla;
E convindo ou feu Pai, ou feu Parente,
He fem mais matrimonio de prefente.

LXXIX.

Furto entre nós não ha: de que ha de havello?
O que ha, come-fe logo; e fem que o enfade,
Hum tira d'outro o que acha, por comello;
E anda ao pé da pobreza a caridade:
A calúmnia, a traição, o amargo zelo
Tem por pena a commua inimizade:
Nem ha, fe o entendo bem, maior caftigo,
Que o Mundo todo ter por inimigo.

LXXX.

Outra Lei depois defta he fama antiga,
Que obfervada já foi das noffas gentes;
Mas ignoramos hoje a que ella obriga,
Porque os noffos Maiores pouco crentes,
Achando-a de feus vicios inimiga,
Recufárão guardalla, mal contentes:
Mas na memoria o tempo não acaba,
Que a prégára Sumé Santo Imboaba. (29)

LXXXI.

LXXXI.

Homem foi de ſemblante reverendo,
  Branco de côr, e como tu, barbado,
  Que deſde donde o Sol nos vem naſcendo,
  De hum Filho de Tupá vinha mandado:
A pé ſem ſe affundar (caſo eſtupendo!)
  Por eſſe vaſto mar tinha chegado;
  E na ſanta doutrina, que enſinava,
  Ao caminho dos Ceos todos chamava.

LXXXII.

Com grande mágoa ignora-ſe o que diſſe;
  Mas não ſe ignora, que da ſanta boca
  Hum conſelho utiliſſimo ſe ouviſſe
  De plantar, e moer a mandioca:
Que havia de tornar, tambem prediſſe,
  Deſde o Ceo, a que amigo nos convoca,
  E na Terra, ou no Ceo, que elle eſtivera,
  Eu o iria a encontrar, ſe elle não viera.

LXXXIII.

Contão que quando aos noſſos cá prégava,
  Poder moſtrára tal nos Elementos,
  Que ás ondas punha lei, ſe o Mar ſe irava,
  E de hum aceno ſó domava os ventos:
Os matos ſe lhe abrião, quando entrava,
  E os Tigres feros a ſeus pés attentos;
  Parecião ouvir, como a outra gente,
  Feſtejando-o co'a cauda brandamente.

LXXXIV.

LXXXIV.

As aguas donde quer, em rio, ou lago,
Se as chegava a rocar com pé ligeiro,
Não parecião do elemento vago,
Mas pedra dura, ou sólido terreiro:
Só com chamar seu nome, cessa o estrago,
Se o furacão côm horrido choveiro,
Quando na nuvem negra se levanta,
Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

LXXXV.

Porém negando ás prégações o ouvido,
Vinha o Caboclo do Sertão mais bruto
Contra o justo Sumé de Deos querido
A matallo, e comello resoluto:
Pudéra elle fazer, sendo offendido,
Que elles colhessem da cegueira o fruto;
Mas pede só prostrado a Deos que o croe,
E que a ignorancia aos miseros perdoe.

LXXXVI.

Os féros pois na furia contumazes
Tomão as fréchas, e bramindo atirão;
(Mas quanto pelos teus, Tupá, não fazes!)
Contra quem atirou pelo ar se vírão:
E nem assim se mostrão mais capazes
Dos annuncios de paz, que em tanto ouvírão,
Deixa-os Sumé, e hum rio aborda cheio,
E só com pôr-lhe hum pé, partio-o ao meio.

LXXXVII.

Contão (e à vifta faz que a gente o crêa)
Que onde as correntes d'agoa arrebatadas,
Se vão bordando com a branca arêa,
Ficárão de feus pés quatro pégadas:
Vem-fe claras, patentes, fem que a vêa
As tenha d'agua no feu fer mudadas:
E enxerga-fe mui bem fobre os penedos
Toda a forma do pé com planta, e dedos.

LXXXVIII.

Affim Gupeva concluio, dizendo,
Nem mais tempo ao difcurfo haver podia
Por avifo, que os campos vem batendo
Turba inimiga em vafta companhia:
A's armas, grita, ás armas, e o eco horrendo,
Retumbando nas arvores fombrias
Fez que as mãis, efcutando os murmurinhos,
Apertaffem no peito os feus filhinhos.

LXXXIX.

Não te efpantes, diz Diogo; não alteres
A paz dentro as cabanas bellicofas;
Em quanto novas certas não fouberes,
Bafta pôr guardas nos confins forçofas:
De noite não te empenhes, fe temeres
Que te invadão com tropas numerofas,
Põe-te na defenfiva; e bem que freme,
Quem te bufca de noite, he quem te teme.

XC.

XC.

Quanto mais que o trovão nas mãos preparo
Contra teus inimigos neste affogo;
Nem duvides que logo que o disparo,
Tudo em chammas não vá, tudo arda em fogo:
Disse, e ao favor sahio de hum luar claro,
Disparando o mosquete em marcio jogo;
E em quanto atira, todo o bosque atroa
Pelo horror da bozina, com que soa.

XCI.

Qual dos monos talvez tropa nojosa
Sahio do intrior mato em negro bando;
E se a frécha hum derriba, vai medrosa
Em fuga pelas arvores saltando:
Tal ouvindo a bozina pavorosa,
E o arcabuz com trovão relampagueando,
Correm, cahem, despenhão-se na estima
De que o Ceo todo lhe cahia em sima.

(1) *Legiões do Averno.* He conſtante o conhecimento que tem os Barbaros da America dos eſpiritos infernaes. De quem o aprendêrão? Quem lhes inſpirou eſtes ſentimentos? Reſpondão os Materialiſtas, e Libertinos? Como era poſſivel que concordaſſem com as outras gentes eſtas Nações ferinas, e ſem algum commercio? Como era factivel que conſervaſſem depois de tantos ſeculos tão clara noção de eſpiritos ſeparados?

(2) *Hum Deos.* He injúria que ſe faz por alguns Authores aos Brazilienſes, ſuppondo-os ſem conhecimento de Deos, Lei, e Rei. Elles tem a voz *Tupá* com eſpecial ſignificação de hum Ente Supremo, como ſabemos dos Miſſionarios, e dos peritos dos ſeus Idiomas.

(3) *Mas ſe anteviſſe.* Não admittimos em Deos ſciencia condicionada, e exploratoria; mas he certo que com determinado conhecimento conhece nos objectos as ſuas condições, e que na execução ao menos priva da ſua Graça alguns, que antevê que abuſárão livremente della.

(4) *Eſpirito immortal.* Os Barbaros Americanos tem diſtincta idéa da Immortalidade da alma, do Paraiſo, do Inferno, da Lei, &c. Veja-ſe o Martiniere, Ozorio *de rebus Emmanuelis*, e outros. Grande argumento contra os Libertinos, e Materialiſtas. Pois quem lhes transfundio eſtes conhecimentos, ſenão a antiga Tradição dos tempos Diluvianos, e a harmonia, que eſtas Tradições tem com a natureza?

(5) *Laço eterno.* A verdade, e indelevel impreſsão que della ſentimos no eſpirito, he hum grande argumento da Immortalidade, a que recorrêrão maiormen-

nente Platão, Santo Agoſtinho, &c. Convence-ſe
los coſtumes, e ritos dos Brazilienſes a antiga per-
uasão, que tem da Immortalidade da alma.

(6) *Providencia.* O argumento da pena, e caſ-
tigo, que ſe deve aos injuſtos, e do premio, que ſe
concede aos bons, he prova innegavel da Immorta-
idade da alma, ſuppoſta a Divina Providencia, por-
que vemos morrer ſem premio a piedade de muitos,
e ſem caſtigo a injuſtiça.

(7) *Deſtino.* He eſta a invencivel, e univerſal
prova de ſer mortal a alma do bruto: porque por
experiencia, e pela ſua organização vemos que tem
hum fim limitado, temporal, e ordenado a ſervir o
Homem na vida mortal. Tudo ao contrario o Ho-
mem meſmo.

(8) *E ſe immortal naſcêra.* A Immortalidade por
natureza, e eſſencia he privilegio da Divindade. Adão
naſceo immortal por graça.

(9) *Canções.* Sei que Martiniere affirma não ter
ouvido nas Canções Brazilienſes indicios de Religião.
Mas ſupponho bem que não veria todas; e creio que
ſeja impoſſivel terem elles conſervado as Tradições,
que o meſmo Author confeſſa, ſem eſte, ou igual
meio.

(10) *Que nos decreta.* Todos eſtes ritos, que
ſubſiſtem nos Americanos, convencem que as almas
ſobrevivem aos córpos, e que são por tanto immor-
taes.

(11) *Tamandaré.* Noé, ſegundo as noções do
Diluvio, que depois veremos.

(12) *Montanhas.* Crem os Brazilienſes que no
meio das montanhas, que dividem o Brazil do Perú,
ha

ha valles profundiſſimos, aonde são punidos os ímpíos. Idéa expreſſa do Inferno, em que concordão com todas as gentes, e dão claro ſinal neſta perſuasão de ſaberem-no por Tradição original dos primeiros, que povoárão a America. Não póde haver argumento mais convincente para encher de confusão os Deiſtas, Libertinos, e Materialiſtas. Huma Tradição tão antiga, tão firme neſtes barbaros, he ella huma invenção por ventura de alguns homens ſuperſticioſos, e impoſtores das nações d'Aſia, ou da noſſa Europa?

(13) *Além da grã montanha.* Os Barbaros crem que haja lugar deſtinado para premio dos bons, e collocão-no além das montanhas do Perú.

(14) *Huma ave.* Perſuadem-ſe os Brazilienſes haver huma ave, que chamão Colibri, a qual leva, e traz noticia do outro Mundo. Argumento innegavel da ſua crença ſobre a Immortalidade da alma.

(15) *Memoria.* Não tem os Indigenas do Brazil idéa da Creação, mas ſó de Noé, e do Diluvio, e mui confuſa dos homens ante-diluvianos. Tudo argumento para convencer os Incredulos da Hiſtoria Sagrada, e do Diluvio univerſal nella referido. Veja-ſe Sebaſtião da Rocha Pitta, e Franciſco de Brito Freire na Hiſtoria Brazilica.

(16) *Araras.* Entende o Poeta os montes Ararat, onde ficou a Arca.

(17) *O claro Sol.* Entende os Africanos, que ficão ao Oriente da America.

(18) *Que ſe em vós houve.* A maior parte deſtes ſinaes ſe achão nos Tartaros da Coréa, e em outros Salvagens fronteiros a California. Nem duvidamos

nos que eſtes, gelando-ſe alli os mares, paſſaſſem o continente da America pela parte mais Septentrional.

(19) *Nunca ſe ouve.* O juramento, blasfemia, e imprecação são vicios ignorados entre os noſſos ſalvagens; e rariſſimos entre os Tartaros.

(20) *Do humano.* Não ha indicio de Sacrificio nos Indigenas Brazilienſes: mas ſendo as victimas humanas praticadas no Mexico, Perú, e em outras Nações da America, perſuadimo-nos que a ſolemnidade dos homicidios nos habitantes do Sertão he hum veſtigio dos Sacrificios coſtumados entre os mais Americanos.

(21) *Sacrifica.* O Sacrificio he com effeito huma deſtruição da victima, e, como expiatorio, ſatisfazia á juſtiça com o ſangue.

(22) *Ha Senado.* Todos os que eſcrevem os coſtumes dos Brazilianos, confeſsão que preſidem ao ſeu governo os Anciãos, e os Principes das Tabas, ou Aldêas: e que outra couſa he o Senado?

(23) *Tabas.* Aſſim chamão os Brazilienſes ás ſuas Aldêas. Veja-ſe o Diccionario da Grammatica, e lingua Brazilica na voz *Taba.*

(24) *Miniſtros são.* Eſpecie de Sacerdocio nos Brazilianos; e conſta que os Póvos concorrem para o ſeu ſuſtento com offertas.

(25) *A ſentença elle a dá.* Os Authores da Hiſtoria Brazilica deſcobrem nos Barbaros do Sertão a Lei célebre de Talião. Da meſma ſorte lhes attribuem Leis para punir o adulterio, e o inceſto em primeiro, e ſegundo gráo.

(26) *A fé do matrimonio.* Martiniere affirma que

os

os Brazilienſes Celibes não guardão alguma honeſtidade. Será diſſolução da gente barbara; mas a conſtante Tradição de conjugarem-ſe em matrimonio he argumento, de que repugna aos ſeus coſtumes a Venus vaga, e ſem freio.

(27) *Nos officios dos Pais.* He a razão ſufficiente por onde ſe faz illicito o inceſto. Repugna á Patria Poteſtade ſervir á Eſpoſa, e entregar-lhe o poder ſobre o ſeu corpo, ſendo ella ſua Filha; iſto he, inteiramente ſujeita ao ſeu dominio.

(28) *Dos mortaes a variedade.* Razão ſufficiente, por onde repugna aos Direitos da Sociedade o inceſto em ſegundo grão. Impediria o commercio, e confederação do Genero Humano o reſtringirem-ſe os matrimonios aos irmãos: e naturalmente ſe reſtringirião pela occaſião, ſe foſſem licitos.

(29) *Sumé.* O Padre Nobrega, primeiro, e inſigne Miſſionario do Brazil, refere quanto aqui dizemos do Apoſtolo S. Thomé. Veja-ſe o Padre Antonio Franco na *Imagem da Virtude*, eſcrevendo a vida do meſmo Nobrega.

CAN-

CANTO IV.

I.

ERa o Invaſor nocturno hum Chefe errante,
Terror do Sertão vaſto, e da marinha,
Principe dos Caetés, Nação poſſante,
Que do Grão Jararáca o nome tinha:
Eſte de Paraguaçú perdido amante,
Com ciumes da donzella, ardendo vinha:
Impeto que á razão, batendo as azas,
Apaga o claro lume, e accende as brazas.

II.

Dormindo eſtava Praguaçú formoſa,
Onde hum claro ribeiro á ſombra corre;
Languida eſtá, como ella, a branca roſa,
E nas plantas com calma o vigor morre:
Mas buſcando a freſcura deleitoſa
De hum grão maracujá, que alli diſcorre,
Recoſtava-ſe a bella ſobre hum poſto,
Que encobrindo-lhe o mais, deſcobre o roſto.

III.

Reſpira tão tranquilla, tão ſerena,
E em languor tão ſuave adormecida,
Como quem livre de temor, ou pena,
Ropouſa, dando pauſa á doce vida:
Alli paſſar a ardente ſéſta ordena,
O bravo Jararáca a quem convida,
A freſcura do ſitio, e ſombra amada,
E dentro d'agua a imagem da latada.

IV.

No diafano reflexo da onda pura
Aviſtou dentro d'agua buliçoſa,
Tremulando a belliſſima figura,
Paſma, nem crê que imagem tão formoſa
Seja cópia de humana Creatura;
E remirando a face prodigioſa,
Olha de hum lado, e d'outro, e buſca attento,
Quem ſeja Original deſte portento.

V.

Em quanto tudo explora com cuidado,
Vai dar co's olhos na gentil donzella;
Fica ſem uſo d'alma arrebatado,
Que toda quanta tem ſe occupa em vella:
Ambos fóra de ſi, deſacordado
Elle mais, de obſervar couſa tão bella,
Ella abſorta no ſomno, em que pegára,
Elle encantado a contemplar-lhe a cara.

VI.

VI.

Quizera bem fallar, mas não acerta,
Por mais que dentro em ſi fazia eſtudo:
Ella de hum ſeu ſuſpiro olhou, deſperta;
Elle daquelle olhar ficou mais mudo:
Levanta-ſe a donzella mal cuberta;
Tomando a rama por modeſto eſcudo;
Poz-lhe os olhos então, porém tão féra,
Como nunca a belleza ſer pudéra.

VII.

Voa, não corre pelo denſo mato
A buſcar na cabana o ſeu retiro;
E indo elle a ſuſpirar, vê que n'hum acto,
Em meio ella fugio do ſeu ſuſpiro:
Nem torna o triſte a ſi por longo trato,
Até que dando á magoa algum reſpiro,
Por ſaber donde habite, ou quem ſeja ella,
Seguio, voando, os paſſos da donzella.

VIII.

De Taparica hum Principe poſſante,
Que domina, e dá nome á fertil Ilha,
Veio em breve a ſaber o cégo amante
Ter naſcido a formoſa maravilha:
Pedio-lha Jararáca, vendo diante,
Ao lado de ſeus Pais, a bella filha:
Convem todos; mas ella não conſente;
Porque a mais aguardava o Ceo potente.

IX.

Ardendo, parte o bravo Jararáca
D'anſia, de dor, de raiva, de deſpeito;
E quanto encontra, embravecido ataca
Com ſombras na razão, fúrias no peito:
E vendo a chamma, o Pai, que não ſe aplaca,
Por dar-lhe Eſpoſo de maior conceito,
Por Conſorte Gupeva lhe deſtina,
Com quem no ſangue, e eſtado mais confina.

X.

Logo que por cem bocas vaga a fama
Do Eſpoſo eleito a condição divulga,
Irado o Caeté, raivando brama;
Arma todo o Sertão, guerra promulga,
Tudo accendendo em bellicoſa chamma,
Inveſtir por ſorpreza aſtuto julga,
Com que a cauſa da guerra ſe conclua,
Ficando Praguaçú ou morta, ou ſua.

XI.

Mas ſendo de improviſo em terror poſto,
E ouvindo do arcabuz a fama, e effeito,
Não permitte que o ſuſto aſſome ao roſto,
Mas reprime o temor dentro em ſeu peito:
Convoca hum campo das Nações compoſto,
Com quem tinha alliança em guerra feito;
E excitando na plebe a voraz ſanha,
Cobre de Legiões toda a campanha.

XII.

Em ſeis brigadas da vanguarda armados,
Trinta mil Caetés vinhão raivoſos, (1)
Com mil talhos horrendos deformados,
No nariz, face, e boca monſtruoſos:
Cuidava a bruta gente que eſpantados
Todos de vellos, fugírão medroſos;
Feios como Demonios nos accenos,
Que certo ſe o não são, são pouco menos.

XIII.

Da gente féra, e do brutal commando
Capitão Jararáca eleito veio;
Porque na catadura, e géſto infando
Entre outros mil horrendos he o mais feio:
Que huma horrivel figura peleijando,
He nos ſeus bravos militar aceio;
E traz entre elles gala de valente,
Quem ſó co' a cara faz fugir a gente.

XIV.

Dez mil a negra côr trazem no aſpecto,
Tinta de eſcura noite a fronte impura;
Negreja-lhe na teſta hum cinto preto,
Negras as armas são, negra a figura.
São os feros Margates, em que Alecto
O Averno pinta ſobre a ſombra eſcura;
Por timbre nacional cada peſſoa
Rapa no meio do cabello a coroa.

XV.

Cupaiba, que empunha a feral maça,
Guia o bruto Esquadrão da crua gente;
Cupaiba, que os miseros que abraça,
Devora vivos na batalha ardente:
A' roda do pescoço hum fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia hum dente;
Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
Que he já mais que cordão longo vestido.

XVI.

Urubú, monstro horrendo, e cabelludo,
Vinte mil Ovecates fero doma; (2)
Por toda a parte lhe encubria tudo
Com terrivel figura a hirsuta coma:
Monstro disforme, horrendo, alto, e membru-
Que a imagem do Leão rugindo toma, (do,
Tão feio, tão horrivel por extremo,
Que he formoso a par delle hum Polyfemo.

XVII.

Fogem todo o commercio da mais gente;
Ou se se vissem a tratar forçados,
Que lhe posSão chegar nenhum consente,
Senão trinta, ou mais passos apartados:
Se alguns se chegão mais, por imprudentes,
Como Leões, ou Tigres esfaimados,
Mordendo investem os que incautos forão,
E a carne crua, crua lhe devorão.

XVIII.

XVIII.

Sambambaia outra turma conduzia,
  Que as aves no fréchar táo certa vexa,
  Que nem voando pela etherea via
  Lhe erravão tiro da volante frécha:
Era de pluma o manto, que o cubria;
  De pluma hum cinto, que ao redor ſe fecha;
  E até grudando as plumas pela cara,
  Nova eſpecie de monſtro excogitára.

XIX.

Seguem-no dez mil Maques, gente dura,
  Que em cultivar mandioca exercitada,
  Não menos util he na agricultura,
  Que valente em batalhas com a eſpada:
Tomárão eſtes, como proprio cura,
  De viveres prover a gente armada;
  Quaes torravão o Aipí; quem mandiocas; (3)
  Outros na cinza as candidas pipocas.

XX.

O bom Sergipe aos mais confederado
  Comſigo conduzia os Petiguares;
  Que havendo pouco d'antes triunfado,
  Tem do dente inimigo amplos collares:
Seguem ſeu nome em guerras decantado
  De gentes valeroſas dez milhares,
  Que do ferreo madeiro uſando o eſtoque,
  Diſparavão com balas o bodoque.

XXI.

Nem tu faltaſte alli, Gráo Pecicava,
  Guiando o Carijo das aureas terras;
  Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
  Nas margens do teu rio deſenterras:
Torráo, que do ſeu ouro ſe nomeava,
  Por crear do mais fino ao pé das ſerras;
  Mas que feito em fim baixo, e mal prezado,
  O nome teve de ouro inficionado. (4)

XXII.

Muitos deſtes he fama que traziáo
  Deſde alto cerro, que habitaváo d'antes,
  Com pedras, que nos beiços embotiáo
  Formoſos, e belliſſimos diamantes:
Outros aureos topaſios lhe ingeriáo;
  Alguns ſafiras, e rubins flammantes;
  Pedras, que elles deſprezáo, nós amamos:
  Nem direi quaes de nós nos enganamos.

XXIII.

O feroz Sabará move animoſo
  Dos de Agirapiranga ſeis mil arcos;
  Homens de peito em armas valeroſo,
  Que de ſangue em batalhas nada parcos,
Deixáráo ſeu terreno deleitoſo,
  Por matos denſos, pantanoſos charcos;
  E ouvindo dos canhóes o horrendo eſtouro,
  Paſſáráo deſde o mar ás minas do ouro.

XXIV.

Seguia-ſe nas forças tão robuſto,
Quanto no aſpecto feio, e em traje horrendo,
Hum, que com fogo ſobre o torpe buſto
Dous Tigres eſculpíra combatendo:
Eſte he o bravo Tatú, que enche de ſuſto (5)
Tudo, c'o Grão Tacápe accommettendo:
E que mil cutiladas dando eſpeſſas,
Derriba troncos, braços, e cabeças.

XXV.

Debaixo do ſeu mando em dez fileiras
Doze mil Itatís formados hião;
Surdos, porque habitando as cachoeiras,
Com o grão rumor d'agua enſurdecião:
Pendem os ſeus marraques por bandeiras (6)
De longas aſtes, que pelo ar batião,
Supprindo nos inconditos rumores
O ruido dos bellicos tambores.

XXVI.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura aſſombra tudo,
Trazem por armas huma maſſa ingente,
Tendo de duro lenho hum forte eſcudo:
Frechas, e arco no braço armipotente;
Nas mãos hum dardo de páo ſanto agudo;
Sobre os hombros a rede, á cinta as cuias,
Tal era a imagem dos crueis Tapuias.

XXVII.

XXVII.

Quarenta mil de côr todos vermelha,
  Conduz ao campo o forte Sapucaia:
  Dez mil que tem furada a longa orelha,
  São Amazonas de feminea laia:
He o amor conjugal que lhe aconſelha
  A deſcer dos Sertões á vaſta praia,
  Por achar-ſe nos lances mais temidos,
  Ao lado ſem temor dos ſeus maridos.

XXVIII.

Brava matrona de córagem cheia,
  A quem o marcio jogo não perturba,
  Na fórma bella, mas por arte feia,
  Vai commandando na feminea turba:
Derão-lhe o nome os ſeus da Grã Baleia;
  Nome, que ouvido os barbaros diſturba;
  De namorados huns, que a tem por bella;
  Mas outros com mais cauſa por temella.

XXIX.

Ouve-ſe rouco ſom, que o ouvido atroa,
  Retumbando com éco a voz horrenda
  De hum groſſeiro inſtrumento, q̃ a arma ſoa,
  Com que ſe inflamma entre elles a contenda:
E quando o horrivel ſom mais deſentoa,
  Faz que no peito mais furor ſe accenda;
  De retrocidos páos são as cornetas;
  De oſſos humanos frautas, e trombetas.

XXX.

XXX.

Com batalhões a eſpaços ſeparados
Triplicado cordão ſe vê compoſto;
E em ſilencio admiravel ordenados,
Ao redor vão do outeiro em meio poſto;
Coſtuma hum Orador fallar-lhe a brados,
E ardendo-lhe mil furias ſobre o roſto,
O ar co-a eſpada furibundo corta,
E a combater valente a turba exhorta.

XXXI.

Jararáca no mando então primeiro,
Ao Sacro, e Civil rito preſidia,
E no mais alto do ſublime outeiro
Entre hum Senado ancião ſe diſtinguia:
Aos outros na eſtatura ſobranceiro
A's coſtas de hum Tapuia, que o trazia,
De hum lado a outro mageſtoſo corre,
E com geral ſilencio aſſim diſcorre.

XXXII.

Paiaias generoſos, hoje he o dia,
Que aos vindouros devemos mais honrado;
Em que moſtreis que a voſſa valentia
Não receia o trovão, ſubjuga o fado:
Sabeis que de Gupeva a cobardia
Por Filho do trovão tem acclamado,
Hum Imboaba, que do mar viera, (7)
Por hum pouco de fogo que accendêra.

XXXIII.

Poſtrado o vil aos pés deſſe Eſtrangeiro,
  Rende as armas com fuga vergonhoſa,
  E corre voz que o adora liſongeiro;
  E até lhe cede com o ſceptro a Eſpoſa:
E que póde naſcer do erro groſſeiro,
  Senão que em companhia numeroſa
  As noſſas gentes o Eſtrangeiro aterre,
  E que a huns nos devore, outros deſterre?

XXXIV.

Se o Sacro ardor, que ferve no meu peito,
  Não me deixa enganar, vereis que hum dia
  (Vivendo eſſe impoſtor) por ſeu reſpeito
  Se enchêra de Imboabas a Bahia:
Pagárão os Tupis o inſano feito,
  E vereis entre a bellica porfia
  Tomar-lhe eſſes eſtranhos já vizinhos,
  Eſcravas as mulheres c'os filhinhos.

XXXV.

Vereis as noſſas gentes deſterradas
  Entre os Tigres viver no Sertão fundo,
  Cativa a plebe, as Tabas arrombadas;
  Levando para além do mar profundo
Noſſos filhos, e filhas deſgraçadas;
  Ou quando as deixem cá no noſſo Mundo,
  Poderemos ſoffrer Paiaias bravos,
  Ver filhos, mãis, e pais feitos eſcravos?

XXXVI.

XXXVI.

Mas teme o ſeu trovão: e tanto opprime
O medo áquelle vil, que não pondera
Que por eſſe trovão, que não reprime,
Ha de ver cheia de trovões a esfera?
Que grande mal ſerá, ſe o raio imprime?
Se o Mundo por hum raio ſe perdêra,
Suſto pudera ter, cobrar eſpanto:
Porém morre de medo, que he outro tanto.

XXXVII.

Eu ſó, eu proprio no geral deſmaio
Ao relampago irei ſem mais ſoccorro;
E quando elle diſpare o falſo raio,
Ou deſcubro a impoſtura, ou forte morro:
Será de nigromancia hum torpe enſaio,
Com que o aſtuto pertende, ao que diſcorro,
Fazer que a noſſa tropa desfalleça,
Antes que a cauſa do terror conheça.

XXXVIII.

Que ſe for (que o não creio) o eſtrondo infando
Do ſublime Tupá triſte ameaça,
Fará como coſtuma, trovejando,
Que matando hũ, ou outro a mais não paſſa:
Se eu vir que o raio horrivel vai vibrando,
A hum homem como eu, nada embaraça:
Se for mortal quem cauſa tanto aballo,
Por meio ao proprio raio irei matallo.

XXXIX.

XXXIX.

Sú, valentes; sú, bravos companheiros,
Tomai córagem: que será no extremo?
Embora seja hum raio verdadeiro:
Senão he Deos que o lança, eu nada temo.
Seja quem quer que for o author primeiro,
Como não seja o Creador Supremo,
Não ha forças creadas que nos domem;
Que sobre tudo o mais domina o Homem.

XL.

Disse o Grão Chefe assim, e entre os furores,
Com a mão, que já tinha levantada,
Bate na espadoa aos Principes maiores,
E dá-lhes *Orsú* dizendo, huma palmada: (8)
Huns nos outros as derão não menores,
Que assim se incita a multidão armada:
Vinguemo-nos, (gritando) companheiros,
Bem que forão seus raios verdadeiros.

XLI.

Jararáca depois (que he Sacro Rito)
Lança furioso as mãos a quanto abrange;
E abrindo a enorme boca em fero grito,
E escuma, e freme, e ruge, e os dentes range;
Como do mal Herculeo o enfermo afflicto
A convulsão a retrocer constrange:
Depois fallando aos Principes, bafeja,
E o espirito de força lhe deseja.

XLII.

XLII.

Ceremonia eſta foi do patrio uſo,
  Veſtigio nacional da antiga idade;
  Que acaſo corrompeo magico abuſo,
  Tendo talvez principio na piedade:
Retumba do marraque o ſom confuſo;
  E pondo em alto o ſeu, com gravidade,
  A' inſignia, no chão tudo ſe inclina,
  Como a ſinal de couſa mais Divina. (9)

XLIII.

Correſponde o belligero inſtrumento
  Da feral frauta ao barbaro marraque;
  E promulgando a marcha áquelle accento,
  Tudo em ordem ſe poz ao fero ataque:
Marchão contra Gupeva, com intento
  De metter nas cabanas tudo a ſaque;
  E porque tudo aſſombrem com terrores,
  Rompem o ar com bellicos clamores.

XLIV.

Em tanto no arraial do bom Gupeva,
  Sendo a invasão nocturna rechaçada,
  Convocão-ſe reclutas, fazem leva
  De Tropa nacional, e da alliada.
Em quanto Diogo, a quem a acção releva,
  Toma na gruta a polvora guardada,
  E em varios fogos, que arrojou volantes,
  Imita o raio em bombas fulminantes.

XLV.

XLV.

Era a Bahia então, donde imperava
  O bom Gupeva, povoada em roda,
  Pelos Tupinambás, de quem contava
  Trinta mil arcos, brava gente toda:
Taparica ſeis mil valente armava;
  E por cumprir-ſe a promettida boda,
  Mil Amazonas mais á guerra manda:
  Paraguaçú gentil todas commanda.

XLVI.

Paraguaçú, que de Diogo Eſpoſa
  (Porque mais Jararáca ſe confunda)
  Hia a ſeu lado a combater brioſa,
  Nem teme a multidão, que o campo inunda:
Uſa com ella a Tropa bellicoſa
  Da vulgar ſetta, do bodoque, e funda;
  Leva a Amazona hum rigido colete,
  E co'a eſpada de ferro o capacete.

XLVII.

Com eſtas forças ſó (que mais recuſa)
  Sahe Diogo á campanha guarnecido,
  Nem ſoffre a fórma do marchar confuſa;
  Mas tudo tem com ordem repartido:
Outro corpo maior de que não uſa
  Deixa em guarda das Tabas prevenido;
  Tupinaquis, Viatanos, Poquiguaras, (10)
  Tumimvís, Tamviás, Canucajaras.

XLVIII.

XLVIII.

Não mais de duas leguas adiantando,
O arraial ſe alojava de Diogo;
Quando o ardente Planeta vai queimando
A torrida região com vivo fogo;
E em quanto eſpira no ar Zefyro brando,
Buſcando n'huma ſombra o deſaffogo,
Medita a grande acção, mede o perigo,
Nem deſpreza por barbaro o inimigo.

XLIX.

Vê bem que eſpanto cauſa a invenção nova;
Mas que o tempo conſome a novidade;
Tem ſim hum peito d'aço feito á prova;
Mas vendo do inimigo a immenſidade,
Por mais que balas o moſquete chova,
Reconhece em vencer difficuldade;
Tendo notado já na bruta gente,
Que era tão contumaz, como valente.

L.

Penſava aſſim com reflexão madura,
Quando á roda do outeiro diviſava
Denſa nuvem de pó, que em ſombra eſcura
A multidão confuſa levantava:
Não ceſſa hum ponto mais: tudo aſſegura,
E ſem temer a turba que obſervava,
Marcha a ganhar o alto; e poſto á fronte,
Deo á Tropa em cordão por centro o monte.

LI.

Já se avistava o barbaro tumulto
 Das inimigas Tropas em redondo;
 E antes que emprendão o primeiro insulto,
 Levanta-se o infernal medonho estrondo:
Os marraques, uapis, e o brado inculto (11)
 Todos hum só rumor, juntos compondo,
 Fazem tamanha bulha na esplanada,
 Como faz na tormenta huma trovoada.

LII.

Tu, rápido Pagé, foste o primeiro,
 De quem o negro sangue o campo inunda;
 Que com seres no salto o mais ligeiro,
 Mais ligeira te colhe a cruel funda:
Paraguaçú lh'atira desde o outeiro;
 Chovem as pedras, de que o monte abunda;
 E do lado, e de cima do cabeço,
 Tudo abatem com tiros de arremeço.

LIII.

Não ficou no combate em tanto ociosa
 A frécha do inimigo, que o ar encobre;
 Começa Jararáca a acção furiosa,
 Dando estimulo ousado ao valor nobre:
E a turba de Diogo receosa
 Foge do Grão Tacápe, onde o descobre:
 Que tanto estrago faz, que qualquer féra
 Maior entre cordeiros não fizera.

LIV.

LIV.

Mas quando tudo com terror fugia,
O bravo Jacaré se lhe põe diante:
Jacaré, que se os Tigres combatia,
Tigre não ha, que lhe estivesse avante.
Treme de Jararáca a companhia,
Vendo a fórma do barbaro arrogante,
Que com pele cuberto de panthera,
Ruge com mais furor, que a propria fera.

LV.

Avista-se hum co' outro: a massa ardente
Deixão cahir com barbaro alarido;
Corresponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido:
Aparou Jacaré no escudo ingente
Hum duro golpe, que o deixou partido;
E em quanto Jararaca se desvia,
Quebra a massa no chão, com que o batia.

LVI.

Nem mais espera o Caeté furioso;
E qual Onça no ar, quando destaca;
Arroja-se ao contrario impetuoso,
E hum sobr'outro co'as mãos peleja ataca:
Não póde discernir-se o mais forçoso;
E sem mover-se em torno a gente fraca,
Olhão luctando os dous no fero abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

LVII.

Porém em quanto a lucta perſiſtia,
No ſangue em terra lubrico eſcorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem aſſim do adverſario ſe deſpega:
Sobre o chão hum com outro ás voltas hia;
E qual o dente, qual o punho emprega,
Até que Jararáca hum golpe atira,
Com que rota a cabeça o triſte eſpira.

LVIII.

Nem mais eſpera de Gupeva a gente;
Porque voltando em rápida fugida,
Deixão nas mãos do barbaro potente
Toda a batalha n'huma acção vencida:
Não tarda mais Diogo já preſente;
E tendo ao lado a Eſpoſa protegida,
Do outeiro deſce, donde tudo obſerva;
E invade armado a barbara caterva.

LIX.

Quem poderá dizer da turba imbelle
Quantos a forte mão talha em pedaços?
Paraguaçú valente ao lado delle,
Muitos mandava aos lugubres eſpaços:
Semeando por donde o golpe impelle
Troncos, buſtos, cabeças, pernas, braços;
Nem hum momento a fraca gente aguarda,
Vendo-a brandir a lucida alabarda.

LX.

O membrudo Pai com tres potentes
Robuſtos filhos degollou co'a eſpada;
E a dous nobres Caetés dos mais valentes,
Tendo a mão para o golpe levantada,
Com dous revézes, que lhe atira ardentes,
Deixou pendentes no ar co'a mão cortada;
Babú de hum talho que a aſſaltalla veio,
Co'a cabeça ficou partida ao meio.

LXI.

Muitos ſem nome deſpojou da vida,
E a quanto encontra o ferro não perdoa:
Qual ſe os cachorros perde embravecida,
No caçador ſe arroja a fera Leoa;
E entre mil dardos, de que a tem cingida,
Dando-lhe azas a dor, ſaltando voa,
E ruge, e morde, e no q̃ encontra embarra;
E onde não póde o dente, imprime a garra.

LXII.

Tal a forte donzella move a eſpada,
Ou talvez lança mão do dardo agudo,
E de mil, e mil golpes fulminada,
Rebate todos no colete, e eſcudo:
As Amazonas, de que vem rodeada,
Vendo ſobre a Heroina correr tudo;
Onde quer que os contrarios ſe apreſentão,
Accommettem, degollão, e affugentão.

LXIII.

Por outro lado o valeroſo Diogo
A multidão dos barbaros ſubjuga,
E huns precipita no tartareo fogo,
Outros obriga com terror á fuga:
Mas huns detem co'a eſpada, outros com rogo
Urubú, que do ſangue a fronte enxuga;
E oppondo-ſe entre os mais a Diogo ardente,
Reſtitue a batalha, e anima a gente.

LXIV.

Urubú que na brenha exercitado
Hum Tigre, que na caça á mãi roubára,
Tendo-o junto de ſi domeſticado,
A combater comſigo acoſtumára:
Lança-o a Diogo: o monſtro arrebatado
Entre as prezas crueis, que arreganhára,
Hia a pezar dos ferreos embaraços,
Com garra, e dente a pollo em mil pedaços.

LXV.

Mas o Heróe bem que de outros inveſtido,
Em quanto a fera no ar ſaltando tarda,
Tendo-ſe ao fero aſſalto prevenido,
Diſpara-lhe na fronte huma eſpingarda:
E qual raio da nuvem deſpedido,
Quando a fera que o impeto retarda,
Tremula ao golpe a vacillar começa,
Salta-lhe em ſima, e corta-lhe a cabeça.

LXVI.

Ao eſtrepito, ao fogo, ao golpe horrendo,
A' fumaça do tiro occaſionada;
Ao ver o buſto ſobre o chão tremendo,
E a terrivel cabeça ſobre a eſpada;
A immenſa multidão que o eſtava vendo,
Cahe por terra ſem animo aſſombrada;
E alguns, que em pé tremendo ſe ſuſpendem,
Ao Grão Caramurú todos ſe rendem.

LXVII.

Jararáca entre tanto que ſeguíra
Os que fugírão no primeiro inſulto,
Por encontrar Gupeva tudo gyra,
Que nas cabanas ſe emboſcára occulto:
Hia-o buſcando o barbaro, que ouvíra
D'aquella parte o bellico tumulto,
Com tenção de expugnar a Taba ingente,
Matar Gupeva, e cativar-lhe a gente.

LXVIII.

Na toca algum das arvores immenſas,
Algum em meio as ramas ſe eſcondia;
Muitos ſe emboſcão pelas ſelvas denſas,
Outro em covas profundas que ſabia:
Porque andando em contínuas deſavenſas,
Qualquer ao noto aſylo recorria;
Onde entrando o inimigo, ſem prevello,
Sahem de toda a parte a accommettello.

LXIX.

LXIX.

Em quanto a ſelva paſſeava eſcura
 De immortaes arvoredos rodeada,
 Foi Jararáca que a cuidou ſegura,
 Ferido ſobre o pé de huma frechada:
Ficou-lhe a planta ſobre a terra dura,
 Em tal maneira com o cháo cravada,
 Que por mais que arrancalla dalli prove,
 Deſpedaça-ſe o pé, mas náo ſe move.

LXX.

Corre a turba a ſalvallo, e em continente
 Voáo mil ſettas deſde a eſpeſſa rama,
 E cad'arvore alli do boſque ingente
 Hum chuveiro de tiros lhe derrama:
Cada tronco he hum caſtello: ao lado, e frente
 A occulta multidáo bramindo clama;
 E o reſto, que em cavernas ſe eſcondia,
 Ao rumor da victoria concorria.

LXXI.

Já mal reſiſte o Caeté cercado;
 E o bom Gupeva, que ao rumor concorre,
 Hum corpo de reſervà trouxe armado,
 Que á inclinada batalha invicto corre.
Jararáca, que o pé tinha encravado,
 Vendo que outro remedio o náo ſoccorre,
 Por ter a vida, e liberdade franca,
 Deixa parte do pé, e a ſetta arranca.

LXXII.

LXXII.

Nos braços vai dos ſeus mal defendido;
Mas com a maſſa, que menea horrenda,
Reprime forte o barbaro atrevido,
Porque não haja quem ſe acoſte, e o prenda:
E tendo a ſorte o caſo decidido,
Cede raivoſo da cruel contenda;
E ao Sertão retirado não deſcança,
Maquinando em furor nova vingança.

LXXIII.

Paraguaçú porém de gloria avara
Seguia na victoria o genio activo;
E incauta de Diogo ſe apartára,
Cortando a retirada ao fugitivo:
Anima a multidão, que ſe emboſcára,
Peſſicava potente, por motivo,
Se prevaleſce a força do contrario,
De acudir ao ſoccorro neceſſario.

LXXIV.

Eſte vendo a donzella valeroſa
Turbar com furia a gente amedrentada,
Deſde o alto lança de arvore frondoſa
Groſſo ramo, que cahe de huma pancada.
Debaixo delle a Heroina valeroſa,
Co' grande pezo pelo chão proſtrada,
Ficou falta de alento, e ſemiviva,
Nas mãos do cruel barbaro cativa.

LXXV.

Corre a turba feroz contra a donzella,
Que depois que das armas deixa o pezo,
Defcobre a todos a prefença bella,
E fica quem a prende ainda mais prezo.
Da rude multidão, que corre a vella,
Ha quem de a ver tão linda fica accezo,
Outro que de a ter vifto em guerra armada,
Ainda a teme com vella defmaiada.

LXXVI.

Logo que refpirou, novo ar tomando,
Sente no coração mais defaffogo,
E alento pouco a pouco vai cobrando,
Até que entrando em fi, chama o feu Diogo:
Mas na turba que a cérca reparando,
Conhece-fe cativa, e defde logo
N'outro fero defmaio fica abforta,
E cuida quem a vê que ficou morta.

LXXVI.

Salvagem ha que cuida de comella,
Nem muito fe eftá morta fe affegura;
E com furia voraz contra a donzella,
A gula accende com a chamma impura:
Nem prezar-fe coftuma a fórma bella
No fero coração da gente dura;
E em morrendo qualquer mulher, ou homem,
Chorão muito, e depois afsão-no, e comem.

LXXVIII.

LXXVIII.

Paté com eſte intento a degollára,
  Se a bella Mangarita que iſto via
  Deſde o mato eſcondida o não frechára,
  Deixando-lhe ſuſpenſa a mão que erguia;
Hum troço de Amazonas volta a cara,
  E a peleja de novo ſe accendia;
  Sendo Paraguaçú, que jaz no meio,
  O preço da victoria neſte enleio.

LXXIX.

Cotia, que marchára ſempre ao lado
  Da deſmaiada Heroina em paz, ou guerra,
  Por vingar, ou remir o corpo amado,
  Co' fulmineo Tacape o campo aterra:
Piâ, Cipô, Açû deixou proſtrado,
  E faz que a Grá Balêa morda a terra;
  Balêa, que accommette vingativa,
  Por guardar a donzella ſemiviva.

LXXX.

Nem tu, Guarapiranga, á mão formoſa
  Pudeſte evadir na horrivel lucta,
  Que em quanto a Inubia ſoas horroroſa, (12)
  Com que ás armas ſe accende a gente bruta.
Cotia com a eſpada valeroſa,
  A muſica feral que ſe te eſcuta,
  Nos Antros retumbar te faz do Averno;
  Melodia, que he digna ſó do inferno.

LXXXI.

LXXXI.

Tudo cede a Amazona, e já ſalvava
Paraguaçú mortal da gente fera,
Quando o Grão Peſſicava, que obſervava
O eſtrago, que a Amazona alli fizera:
Accommette o eſquadrão com furia brava,
E tudo affugentando o tempo eſpera,
Em que a impulſo do braço alcance forte
Degollar a Cotia de hum ſó córte.

LXXXII.

Eſpera ella ſem medo, apenas víra
Do barbaro feroz o golpe incerto;
E veloz a huma toca ſe retira,
Que tinha em duro tronco o tempo aberto:
Porém repete alli com maior ira
Peſſicava outro golpe, e por acerto
Na valeroſa Paca imprime o tiro,
Que tomou com Cotia eſte retiro.

LXXXIII.

Em quanto entrava o barbaro, e na lucta
Hum, e outro ſe abraça; o forte Diogo
Que o caſo da ſua bella infauſto eſcuta,
Toma a eſpingarda, e parte em furia logo:
Qual polvora encerrada dentro á gruta,
Quando na occulta mina ſe deo fogo,
Arroja penha, e monte, e o que tem diante;
Tal ſe envia em furor o afflicto amante.

LXXXIV.

LXXXIV.

Tinha affogado Pefficava em tanto
A Amazona infeliz, e a mão lançava
Já de Paraguaçú, que no quebranto
Apenas levemente refpirava:
E eis-que inventando Diogo hum novo efpanto,
Traz hum tambor, que horrifono foava;
E logo que o arcabuz com bala atira,
Cahe Pefficava, e morde o chão com ira.

LXXXV.

Mais não efpera a tímida manada,
Ouvindo o eftrondo, e os horridos effeitos:
Quem parte logo em furia declarada;
E quem lhe rende humilde os feus refpeitos:
Paraguaçú porém defaffombrada,
Sendo os contrarios com terror desfeitos,
Acordou n'hum fufpiro, e folta vio-fe;
E conhecendo Diogo, olhou-o, e rio-fe.

(1) *Caetés.* Gentio ferociſſimo, que infeſtava o Sertão da Bahia.

(2) *Ovecates.* Nação feriſſima.

(3) *Aipí.* Raiz de que ſe faz huma eſpecie de farinha. *Mandioca*, outra ſimilhante. *Pipocas* chamão o milho, que lançado na cinza quente, rebenta como em flores brancas.

(4) *Inficionado.* Povo importante das Minas do Mato dentro: chamado aſſim, porque o ouro, que tinha mui ſubido, perdeo os quilates mais altos, e ficou chamando-ſe ouro inficionado. Aſſim o ſoube o Poeta dos antigos daquella Paroquia, de que elle he natural.

(5) *Tacápe.* Eſpada de páo ferro, ou ſimilhante, de que uſão os Barbaros.

(6) *Marraque.* He huma haſte, de que pende hum cabaço, ou coco cheio de pedras miudas, que ſacudindo-o, fazem rumor. He inſignia Sacerdotal, e Militar entre eſtes Barbaros.

(7) *Imboaba.* Nome, que dão aquelles Barbaros aos noſſos Europeos.

(8) *Palmada.* Rito Militar, com que ſe exhortão á guerra.

(9) *Divina.* Uſão nas ſuas ſolemnidades os Barbaros de hum marraque, ou haſte (já em outra parte deſcripta) que pelas circumſtancias parece inſignia religioſa.

(10) *Tupinaquis*, &c. Nomes das Nações do Sertão.

(11) *Uapis.* Inſtrumento, que tocão nas batalhas.

(12) *Inubia.* Eſpecie de corneta uſada dos Brazilienſes.

CAN-

CANTO V.

I.

DEbil em tanto a luz ſobre o Horizonte,
Os ſeus tremulos raios apagava,
E deſde o Occidental immenſo monte,
A noite pelas terras ſe eſpalhava:
Morfeo deixando os antros de Aqueronte,
No ſeio dos mortaes ſe derramava;
Mas da barbara gente que fugia,
Só s'entregava ao ſomno a que morria.

II.

Fatigado Diogo ao lado eſtava
Da bella Eſpoſa n'huma grá floreſta;
Nem ao preciſo ſomno lugar dava
Na attenção de a guardar da gente infeſta:
Hum do outro os ſucceſſos eſcutava,
Nutrindo em novo fogo a chamma honeſta;
Que depois que hum triunfa do inimigo,
Faz-ſe doce a memoria do perigo.

III.

III.

Ao refplendor da Lua que fahia,
Mifturava-fe o horror com a piedade,
Porque em lagos de fangue fó fe via
Sanguinolenta horrivel mortandade:
O valle igual ao monte parecia,
E do eftrago na vafta immenfidade,
O outeiro eftava, donde foi o affalto,
Com montes de cadaveres mais alto.

IV.

Não póde vello a bella Americana,
Sem que a tocaffe hum trifte fentimento;
E ou foffe condição da gente Humana,
Ou do feu fexo hum proprio movimento:
Chorou piedofa a forte deshumana,
Dos que apartados do terreno affento
Jazião, como ouvíra de Diogo,
Nas lavaredas de hum eterno fogo.

V.

E como (compaffiva diffe) he crivel (vel,
Que hũ Deos, como me pintas, bom, e ama-
Sabendo o que ha de fer, e o que he poffivel,
Nos crie para fim tão miferavel?
Antevendo hum fucceffo tão terrivel,
Não parece crueldade inexcufavel
Dar-lhe o fer, dar-lhe a vida, dar-lhe a men-
Para vellos arder eternamente? (te

V.

VI.

Quantos crear pudéra que o serviſſem,
Deixando de crear quem o aggravaſſe;
Onde todos a vello ao Ceo ſubiſſem,
E as obras que produz todas ſalvaſſe?
Noſſos pais ſe dos filhos tal previſſem,
Quanto fora cruel quem os geraſſe?
E creremos da excelſa Grá Bondade
Que ceda a noſſos Pais na humanidade?

VII.

Segredos são (diz Diogo) da inſcrutavel
Mageſtade de Deos: que ſaberemos
Do ſeu modo de obrar ſempre ineffavel,
Se o que ſomos, e obramos não ſabemos?
Faltando-nos razão clara, e provavel
Nos conſelhos de Deos, que occultos vemos,
He bem que toda a dúvida ſe acabe,
Porque elle póde mais, do q̄ o Homem ſabe.

VIII.

Mas ſe ha lugar á humana conjectura
Dos poſſiveis na longa immenſidade,
Não ſe podia achar huma creatura,
Que goze d'impeccavel liberdade:
Huma firme innocencia he graça pura;
He mercê liberal da Divindade;
E quem em tanto a perguntar ſe atreve,
Porque lha não quiz dar, quem lha não deve?

IX.

Defde a Origem da immenfa Eternidade,
Que tudo fem principio ordena, e rege,
Devemos préfumir da Divindade, (ge:
Que onde o Optimo encontra, em tudo o ele-
E fendo em nós táo grande a iniquidade,
Náo temos coufa, que a qualquer fe inveje;
Onde fe os mais poffiveis vendo fores,
Nós fomos os eleitos por melhores.

X.

Embora feja affim; (diffe a donzella)
Mas que culpa tem eftes, que o ignoraváo?
Náo cuida acafo Deos, ou pouco zela
As almas, que entre nós fe condemnaváo?
E fenáo, porque caufa aos mais revela
As doutrinas, que aos noffos fe occultaváo?
Diftava mais do Ceo a noffa gente,
Porque medea o mar d'Efte a Poente?

XI.

Tornai a culpa a vós; e a vós fómente
(o Heróe refponde affim) Se com eftudo
Procurais fobre a Terra o bem prefente,
Porque náo procurais o Author de tudo?
Para o mais tendes lume, inftincto, e mente;
Sómente contra Deos bufcais o efcudo
Em a voffa ignorancia à brutal culpa!
Effa ignorancia he crime, e náo defculpa.

XII.

XII.

Porém já da fadiga desvelada
  Cerrava Praguaçú seus olhos claros,
  Tendo-a Diogo na fé mais confirmada;
  Com responder prudente aos seus reparos:
Em quanto a bruta gente aprizionada,
  Mostrando-se da vida nada avaros,
  Dançáo, e bebem com tripudio forte,
  E esperáo, como boda, a cruel morte.

XIII.

Gupeva triunfante na Grá Taba
  O infausto prizioneiro á morte guia,
  E antevendo que a vida se lhe acaba,
  A mulher cada hum lhe offerecia:
Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba,
  Brindando-lhe o licor, que a taça enchia,
  Até que quando menos se recorda,
  Dous Salvagens o prendem n'huma corda.

XIV.

Soltas as máos lhe ficáo, que manêa,
  Nem o tem mais que em meio da cintura
  A soga de algodáo, como cadêa,
  Que de huma parte, e de outra os assegura:
Qual Leoa feroz na Maura arêa,
  Quando o laço no ventre a tem segura,
  Toda da fronte a cauda se retorce,
  E ruge, e vibra a garra, e o corpo torce.

XV.

Muitos então da furibunda gente
  Dizem-lhe injúrias mil, com mil insultos,
  Que elle se esforça a rebater valente,
  Sem que recee os barbaros tumultos:
Algum alli chegando ao paciente
  (Que tem por cousa vil morrer inultos)
  Dá-lhe hum cesto de pedras recalcado,
  Com que atirando aos mais, morra vingado.

XVI.

Embiára, e Mexira, dous possantes
  Mancebos Caetes de hum parto vindos;
  Que Ainubá dera á luz tão similhantes,
  Como tenros na idade, e em gésto lindos:
Muitas donzellas, que os amárão d'antes,
  Os bellos dias seus choravão findos;
  Mitigando o desgosto de perdellos
  Com a intenção, que tinhão de comellos.

XVII.

Estes na corda tem os da Bahia,
  Dispostos a morrer no torpe abuso,
  De celebrar com sangue o fausto dia
  Das victimas triunfaes ao Patrio uso:
Embiára; que com arte a pedra envia,
  Muitas no Povo disparou confuso,
  E a pezar dos escudos, que põe diante,
  Alguns ferio da turba circumstante.

XVIII.

Huma grá pedra ao ar nas mãos levanta;
  E erguendo os braços fobre a fronte a atira:
  Lança por terra alguns, outros quebranta,
  E efmaga com o pezo o grão Tapira:
Outras tres arrojou com furia tanta,
  Que fe d'atorno a gente não fugíra,
  Com os tiros, que o bravo lhe difpara,
  Em vingança cruel no chão ficára.

XIX.

Mexira n'outro lado era detido
  Com o duro cordão; porém fem medo,
  Ao barbaro Pyri, que o tem cingido,
  Efmigalha a cabeça c'hum penedo:
Foge o Povo com pedras rebatido;
  Mas Mexira na corda atado, e quedo,
  Com tres pedaços de huma ingente roca,
  Huns derriba no chão, e outros provoca.

XX.

Sahe então Tojucáne em campo ardente,
  E ao fom dos feus marraques applaudido,
  Hum cinto tem de plumas fobre a frente,
  Manto ao hombro de pluma entretecido:
Tinto de negro todo, a côr fómente
  Traz natural no vulto enfurecido;
  E por metter no horror maior refpeito,
  Com o beiço infrior varria o peito.

XXI.

A cara, peito, braços (vifta horrenda!)
Traz com golpes crueis acutilados:
Golpes, com que o valor fe recommenda,
Feitos da propria mão com talhos dados:
Onde fe a chaga apodreceo tremenda,
Em meio do afco, e horror desfigurados,
Vendo a gente brutal que hum não fe doe,
Efte então (que ignorancia!) he o feu Heróe.

XXII.

Defta arte Tojucáne armado vinha,
Pofto ao vello em filencio, em pafmo tudo;
Atira-lhe Embiára (que ainda o tinha)
Hum penedo, que rompe o forte efcudo:
O Tacápe elle então defembainha,
Que de plumas ornou com bello eftudo,
E encoftando-fe oufado á longa corda,
Aos dous fortes irmãos fallando aborda.

XXIII.

Não fois vós (diffe o barbaro) traidores,
Os que a matar-nos com furor vieftes,
E fem refpeito aos miferos clamores,
Os noffos tenros filhos já comeftes?
Somos (differão) nós: os teus furores
Sem o laço, em que agora nos prendeftes,
Souberamos domar: e affim cativo,
A ver-me folto, te comèra vivo.

XXIV.

XXIV.

Vivo, nem morto a mim me não tocáras,
Porque se braço a braço te medíras,
Ou immovel de espanto em pé ficáras,
Ou de hum só golpe (diz) no chão cahíras:
Verias bem, se agora nos soltáras,
Como logo (responde) me fugíras:
Não queira de valente ser louvado,
Quem pertende triunfar de hum desarmado.

XXV.

Esse vão pensamento melhor fora
Que o tiveras, como eu, no campo, bravo;
Mas tu (diz Tojucáne) na mesma hora
Te viste combatido, e foste escravo:
Como te atreves a gloriar-te agora
Com vil jactancia, com soberbo gavo?
A quem de resistir falta a constancia,
Não fica mais lugar para a jactancia.

XXVI.

Dizendo assim na fronte a espada ingente,
Deixa o fero cahir com golpe horrendo;
Cahe por terra Embiára, ainda vivente;
Mexira morto já, porém tremendo:
Mordeo aquelle o chão com furia ardente,
E em sima o matador co-pé batendo:
Morre, soberbo, diz, e serás vasto
Para nosso troféo vingança, e pasto.

XXVII.

Qual ſe diz que a Tifeo ſubjuga hum monte;
Tal a planta cruel Embiára opprime;
E como a cobra faz, ſe junto á fonte
Toda em nós quebrantada ſe comprime:
Retorcendo em mil voltas cauda, e fronte,
Que ergue, vibrando a lingua, no ar ſublime,
Tal o infeliz morrendo em voltas anda,
E o eſpirito exhalado ás ſombras manda.

XXVIII.

Chega ás cruentas victimas choroſa
Feminea tropa, que com dor lamenta;
E urlando todas com a voz mavioſa,
Tudo vai repetindo a plebe attenta:
Depois d'aquella laſtima enganoſa,
Qualquer junto aos cadaveres ſe aſſenta,
E vão talhando pés, cabeças, braços,
E as victimas fazendo em mil pedaços.

XXIX.

Chamão *moquem* as carnes, que ſe cobrem,
E a fogo lento ſepultadas aſsão;
Tudo em ſima com terra, e rama encobrem,
Onde o fogo depois com lenha fação:
Em tanto as voltão, cobrem, e deſcobrem,
Até que do calor ſe lhe repaſsão:
Deteſtavel empreza, que eſcondião
Da indignação de Diogo, a quem temião.

XXX.

XXX.

Foi avisado o Heróe do acto execrando,
  Horrivel pasto da nação perversa,
  E a maneira opportuna meditando
  Da barbara funçâo deixar dispersa:
Mil fogos de artificio hia espalhando,
  De horrivel fórma, e de invenção diversa:
  Treme a vil turba, e sem que a mais se arroje,
  Deixa o pasto cruel, e ao mato foge.

XXXI.

Confusa a insana gente do successo,
  Do Grão Caramurú temia a vista,
  Foge Gupeva de terror oppresso,
  Nem sabe, em que maneira ao mal resista:
Mas o novo pavor na gente impresso
  Mitiga Praguaçú, que o damno avista,
  Se, como teme, o Povo de espantado,
  O terreno deixasse abandonado.

XXXII.

Jararàca entre tanto conduzido
  Dos bravos Caetés á Taba nota,
  Diligente curava o pé ferido,
  E em reparar cuidava a grá derrota:
E havendo nò conselho a liga unido,
  As forças representa, os meios nota,
  E Nigromante crê por perda tanta
  O Grão Caramurú, que o fogo encanta.

XXXIII.

Já na grã Taba os barbaros se ajuntão;
Onde contra Diogo arte se estude,
E por Magos famosos, que perguntão,
Recorrião de encantos á virtude:
Os Nigromantes vem que os corpos untão,
E nos susurros do seu canto rude
Esperão que tambem ao forte Diogo,
Matando privem do temido fogo.

XXXIV.

Hum delles, que por sabio se acredita,
Não ha (disse) quem possa a ardente fragoa
Apagar no trovão, que o raio excita,
Lastimosa occasião da nossa mágoa:
Que se o antidoto ao fogo se medita,
Mais natural não ha que lançar-lhe agoa:
Dentro n'agua se apaga o fogo ardente;
E este he o meio, que occorre de presente.

XXXV.

Contra as vossas canoas não se atreve
O Filho do Trovão, se desce ao porto;
Vós o vereis sem força em tempo breve
Sahir, qual já sahio das aguas morto:
Ninguem ha, que não saiba como esteve,
Quando o encontrámos naufrago no porto:
Nem usou do trovão, que espanta em terra,
Nem fez com fogo n'agua a horrivel guerra.

XXXVI.

XXXVI.

São n'agua, terra, e mar mui differentes
Os Anhangás, que reinão divididos:
Huns, que só no ar, e fogo são potentes,
Causão ventos, trovões, raios temidos;
O terremoto, e pestes sobre as gentes
Movem outros na terra conhecidos:
Este porém, que ao estrangeiro acode,
N'agua não poderá, se em fogo póde.

XXXVII.

Parece á rude gente este discurso,
Segundo os seus principios concludente;
E ouvido com applauso no concurso,
Votão na execução concordemente.
Toma a guerra por tanto hum novo curso,
E ao mar se envia a bellicosa gente;
Nem Capitão ha mais, nem ha pessoa,
Que não se embarque em rápida canoa.

XXXVIII.

Chamão canoa os nossos nesses mares
Batel de hum vasto lenho construido,
Que excavado no meio, por dez pares
De remos, ou de mais voa impellido:
Com tropas, e petrechos militares,
Vai de impulso tão rápido movido,
Que ou fuja da batalha, ou a accommetta,
Parece mais ligeiro que huma setta.

XXXIX.

XXXIX.

Concorrendo as Nações do Sertão junto,
Trezentas, ou mais arma Jararáca;
E tendo efcolha, porque o Povo he munto,
Deixa em terra das gentes a mais fraca.
E fendo da Bahia tão conjuncto
O ilheo de Taparica, efte fe ataca,
Na efperança que Diogo acudiria,
Vendo ò fogro em perigo, que o regia.

XL.

Repoufava fem fufto Taparica;
E confiado em Diogo, e na victoria,
Gozava de huma paz tranquilla, e rica,
Depois que a guerra terminou com gloria;
E quando a rouca Inubia arma publica,
Tão longe tinha as armas da memoria,
Que ignorando em focego os feus perigos,
Nas mãos fe foi metter dos inimigos.

XLI.

Prendem o inerme Chefe de improvifo,
Accommettendo a Taba defcuidada:
A chamma, e fumo dão infaufto avifo
Ao bom Diogo da barbara affaltada:
Nem impulfo maior lhe era precifo,
Vendo a Ilha dos Barbaros tomada:
Occupa em preffa as armas, e as canoas,
Sem mais que Praguaçú com cem peffoas.

XLII.

Vinte bombas de polvora tem cheas,
De que huma parte já das náos ſalvára;
Quatro ferreos canhões, que entre as arêas
Por nadadores bons do mar tirára:
Metralhas, palanquetas, e cadeas,
Piſtolas, e fuſis, que preparára;
Canoas tres de polvora, e reſina,
Que lançar nas contrarias determina.

XLIII.

Forma-ſe em meia Lua a vaſta armada,
Cuidando de encerrar Diogo em meio,
E com nuvem de fréchas condenſada
A aurea luz do Sol a impedir veio:
Firme eſtava do Heróe a turba irada;
E coalhando-ſe o mar de lenhos cheio,
Retumba o éco na Bahia toda
Pela gente brutal, que urlava em roda.

XLIV.

Até que a tiro os vê do bronze horrendo;
E ſem mais eſperar, diſpara fogo,
Que tudo com metralha hia varrendo,
E a pique dez canoas metteo logo:
Saltáo muitos de horror no mar, tremendo:
Alguns deixando o remo, as máos de Diogo
Com bombas ardem, que feroz lhe lança,
Outros a eſpada de vizinho alcança.

XLV.

Confuſas entre ſi vão fluctuando
As canoas, que a gente não regia;
E huma vai ſobr'outras embarrando
Na deſordem, que todas confundia:
As tres incendiarias arrojando,
Hum diluvio de fogo n'agua ardia,
Com tal fumaça nas ardentes fragoas,
Que cubrindo-ſe o ar, fervem as aguas.

XLVI.

Qual, ſe na Selva denſa o fogo atêa,
Em columnas de fumo voa a chamma,
E a lavareda, que pelo ar ondêa,
Traſpaſſando ſe vai de rama em rama:
Tal na Bahia de canoas chea
Hum diluvio de fogo ſe derrama;
E o Barbaro de horror, de eſpanto, e mágoa
Foge á morte do fogo, e eſcolhe a d'agua.

XLVII.

Jararáca entretanto em terra eſtava,
Donde prendêra o incauto Taparica,
E raivoſo das praias obſervava
Toda a frota naval, que em cinzas fica:
Foge diſperſa a tropa, que levava;
E logo que a victoria ſe publíca,
Toda a Ilha, que as armas arrebata,
O timido Caeté ſubjuga, ou mata.

XLVIII.

Nem já dos inimigos ſe deſcobre
Huma canoa ſó no lago ingente;
E o mar de mil cadaveres ſe cobre,
Sem que ſaiba aonde fuja a infeliz gente:
Que Gupeva entre tanto a praia encobre,
Embaraçando a fuga ao Continente;
Grande parte deſde a agua o braço eſtende,
E a liberdade com a vida rende.

XLIX.

Não aſſim Jararáca, que na praia
Põe por eſcudo o infauſto Taparica;
E ameaça matallo, quando ſaia
Em terra Diogo, que ſuſpenſo fica.
Vê o tranſe a filha, e ſobre as mãos deſmaia
Do caro Eſpoſo, e pelo Pai ſupplíca:
E vê-ſe Diogo em lance embaraçado,
Sem ſaber como ſalve o deſgraçado.

L.

Atirar-lhe quizera; mas duvída,
Na intenção de matallo vacillante;
Vendo do ſogro ameaçada a vida,
E quaſi ſem alento a Eſpoſa amante:
Tres vezes poz a mira dirigida;
Tres vezes ſe deteve a mão conſtante;
E em terra, e mar a hũ tempo a acção retarda,
Jararáca ao baſtão; elle á eſpingarda.

LI.

LI.

Que mais eſpero (diz) ferillo he incerto;
Mas he claro na mão deſſe inimigo,
Que em qualquer caſo em fim o damno he
E creſce na tardança o ſeu perigo: (certo,
Diſſe, e toma por alvo deſcuberto,
A fronte do contrario, e neſte artigo
Diſpara o tiro, e a bala lhe atraveſſa
De huma parte á outra parte da cabeça.

LII.

Cahe Jararáca em terra ao meſmo inſtante,
Qual penhaſco, que do alto ſe derroca,
Quando o raio, que o arroja fulminante,
Deſde ſima o arrancou da excelſa roca:
N'hum rio a terra ſe banhou fumante
Do negro ſangue, donde pondo a boca,
Morde raivoſo a arêa, em que cahíra,
E o torpe alento com a vida eſpira.

LIII.

Já neſte tempo ſe encontrava amigo
Taparica, e Diogo em terno abraço,
Vendo por terra o perfido inimigo,
Que tremendo occupava hum vaſto eſpaço:
Paraguaçú, que afflicta do perigo
Sem ſentido ficou no horrivel paſſo,
Torna a ſi do deſmaio, e vê piedoſo
O Pai, que a tem nos braços, com o eſpoſo.

LIV.

LIV.

Alegre vem do oppoſto Continente
Em canoas Gupeva a Taparica,
Congratular-ſe com o Heróe valente,
Que morto Jararáca, em calma fica:
Paſma de ver o eſtrago a inſana gente,
Que os arcos abatendo a paz ſupplíca;
E reſpeitando a ſuprior Potencia,
Compenſavão a paz com a obediencia.

LV.

Chegárão do Sertão dez menſageiros
Em nome das Naçóes, que em guerra anda-
Confirmando com pactos verdadeiros (vão,
A inteira ſujeição, que ao Luſo davão:
Vem entr'elles os Principes primeiros,
E com os ritos, que na Patria uſavão,
Principe acclamão com feſtivo modo
O Filho do trovão, do Sertão todo.

LVI.

Nem duvidou Diogo imaginando,
Quanto domar importa a gente bruta,
Acceitar das Nações o excelſo mando,
E comſigo prudente os fins reputa:
Ouve-ſe em nome ſeu público bando,
Que a barbara caterva humilde eſcuta;
Em que todo o homicidio ſe prohibe,
E com pena de morte a culpa inhibe.

LVII.

LVII.

Julga porém ao ver inveterada
  A barbara paixão na gente céga,
  Que a grave pena ao crime decretada,
  Convem dissimular, se ao caso chega:
A tudo a gente barbara humilhada,
  Só na gula cruel a emenda nega,
  Por barbara vingança carniceira,
  Que tanto póde a educação primeira.

LVIII.

Não tardou logo a occasião de vello,
  Porque apenas deixára a companhia;
  O proprio Taparica sem temello
  Ao convite cruel se prevenia:
Bambú, que fora ao ponto de prendello,
  Quem lhe lançára as mãos com ousadia,
  Prezo em canoa o Regulo conserva,
  Por pasto infando á barbara caterva.

LIX.

Estava o desditoso encadeado,
  E exposto a mil insectos que o mordião,
  Nem se lhe via o corpo ensanguentado,
  Que todo os *marimbondos* lhe cubrião: (1)
Corria o negro sangue derramado
  Das crueis picaduras, que lhe abrião;
  E elle immovel em tanto em tosco assento,
  Parecia insensivel no tormento.

LX.

LX.

Vendo Diogo o infeliz, quanto padece
No modo de penar mais deshumano;
Maior a tolerancia lhe parece,
Do que poſſa caber n'hum peito humano:
E como author do crime reconhece,
Do cruel *Sogro* o coração tyranno,
Offerece a Bambú, que a morte ameaça,
Soccorro amigo na cruel deſgraça.

LXI.

Perdes comigo o tempo (diſſe o Fero) (2)
Ao que vês, e ainda a mais vivo diſpoſto:
A liberdade, que me dás, não quero;
E da dor, que tolero, faço goſto:
Aſſim vingar-me do inimigo eſpero,
Diſſe; e ſem ſe mudar do antigo poſto,
As picadas crueis tão firme atura,
Como ſe penha fora, ou rócha dura.

LXII.

Se o motivo, diz Diogo, porque temes,
He porque eſcravo padecer receias;
E tens por menos mal eſte, em que gemes,
Do que huma vida em miſeras cadeias:
Depõe o ſuſto, que ſem cauſa tremes:
Penhor te poſſo dar, por onde creias,
Depondo a obſtinação do torpe medo,
Que a vida, e liberdade te concedo.

LXIII.

Aqui da fronte o barbaro desvia
Dos insectos co-a máo a espessa banda;
E a Diogo, que assim se condoia,
Hum sorriso em resposta alegre manda.
De que te admiras tu? Que serviria
Dar ao vil corpo condição mais branda?
Corpo meu não he já, se anda comigo,
Elle he corpo em verdade do inimigo.

LXIV.

O espirito, a razáo, o pensamento
Sou eu, e nada mais: a carne immunda
Forma-se cada dia do alimento,
E faz a nutrição, que se confunda:
Vês tu a carne aqui, que mal sustento?
Não a reputes minha: só se funda
Na que tenho comido aos adversarios;
Donde minha não he, mas dos contrarios.

LXV.

Da carne me pastei continuamente
De seus filhos, è Pai: della he composto
Este corpo, que anímo de presente,
Por isso dos tormentos faço gosto.
E quando maior pena a carne sente,
Então mais me consolo, no supposto
De me ver do inimigo bem vingado,
Neste corpo, que he seu, tão mal tratado.

LXVI.

LXVI.

Impoſſivel parece ao Sabio Heróe
O que vê, e o que eſcuta, e que aſſim poſſa,
Quando a carne mortal tanto ſe doe,
Vencer-ſe a dor da fantaſia noſſa:
Magoado interiormente ſe condoe
De ver, que no infeliz nada faz móça;
Moſtrando na brutal rara conſtancia,
Com tal valor táo barbara ignorancia.

LXVII.

Tinháo diſpoſto em tanto no terreiro
As Naçóes do Sertáo pompa feſtiva,
Creando Diogo Principal primeiro
Com applauſo geral da comitiva.
Vê-ſe ornado de plumas o guerreiro,
E como em triunfo a multidáo cativa,
E ſobre os mais n'hum throno levantado
Cingem de pluma o vencedor croado.

LXVIII.

A roda, como em circûlo, poſtrados
Seſſenta Principaes das Naçóes feras
Em nome de ſeus póvos humilhados,
Submiſsóes rendem com temor ſinceras:
Tujúcupápo, eſtando os mais calados,
Gráo filho do trováo (diſſe) que imperas
Em terra, e mar com gloria combatendo,
Tudo domaſte com o raio horrendo.

LXIX.

Não te cedêra não dos noſſos peitos
A varonil conſtancia em guerra humana;
Nem da morte tememos os effeitos,
Se a contenda não fora ſobrehumana:
Rendemos-te fieis noſſos reſpeitos,
Depois que o teu valor nos deſengana;
Que em teus combates todo o Ceo te aſſiſte;
E a quem ſoccorre o Ceo, quem lhe reſiſte?

LXX.

As Nações do Sertão já convencidas,
Põe a teus pés os arcos, e as eſpadas:
Suſpende o raio teu; protege as vidas
Deſde hoje ao teu imperio ſujeitadas:
E ſe tens, como creio, ſubmettidas
As procellas, as chuvas, e as trovoadas,
Não eſpantes com fogo a humilde gente;
Mas faze-nos gozar da paz clemente.

LXXI.

A teu commando eſtão ſem replicar-te
Os póvos deſte vaſto Continente;
E farás com teu nome em qualquer parte,
Que te obedeça a valeroſa gente.
Faze com o favor que haja de amar-te,
Como a tens com terror feito obediente;
Que ſe troveja o Ceo na esfera eſcura,
A Luz manda tambem formoſa, e pura.

LXXII.

LXXII.

Não foi acaſo (diſſe o Heróe prudente,
Reſpondendo ao diſcurſo) foi deſtino
Querer o Grão Tupá que a voſſa gente
A mão conheça do Poder Divino:
Do Ceo, que ſobre vós brilha luſente,
Se receberdes o ſagrado enſino;
Livres com gloria do tyranno Averno
Sobre elle reinareis n'hum ſolio eterno.

LXXIII.

Porém por ſerdes na ignorancia rude,
Incapazes de ouvir o mais em tanto,
Buſcai com a razão maior virtude,
Implorando o favor do Throno Santo:
E quando a voſſa fé pedillo eſtude,
Vereis da antiga ſerpe no quebranto
Florecer neſta Patria d'improviſo
Huma imagem do ameno Paraiſo.

LXXIV.

Diſſe o Heróe generoſo; a turba immenſa
Em ſinal de prazer com grata dança,
Vão em fileiras com a mão extenſa,
Fazendo com os pés vária mudança:
Huma perna bailhando tem ſuſpenſa,
E turma ſobre turma em modo avança,
Que idéa dão dos bellicos ataques,
Retumbando entre tanto os ſeus marraques.

LXXV.

LXXV.

Os Nigromantes, que o Brazil reſpeita,
Hum marraque deſcobrem venerado;
Inſignia da Nação, que ao povo acceita,
Conſiderão por Symbolo Sagrado:
O Sacerdocio, como turma eleita
No miniſterio ao culto dedicado,
Poz o barbaro termo á função toda,
Baſejando nos Principes á roda.

(1) *Marimbondos*. Eſpecie de veſpa mordaciſſima no Brazil.

(2) *Diſſe o fero*. Hum graviſſimo Aulico da noſſa Corte me aſſeverou ter ſuccedido caſo ſimilhante no Pará, em Reinado do Fideliſſimo Rei o Senhor D. Joſé I., onde elle era contemporaneamente occupado em cargo diſtinctiſſimo do Real Serviço.

CANTO VI.

I.

DEfcançava no feio então Diogo,
Extincta a guerra, de huma paz dourada,
E o pavor do fulfureo horrivel fogo
Trazia a gente barbara affombrada:
As remotas Nações concorrem logo,
Defde a interna região mais apartada;
E tendo-o do trovão por viva imagem,
Vinha todo o Sertão dar-lhe homenagem.

II.

Muitos delles, dos póvos fubjugados,
Que o effeito virão da terrivel chamma;
Outros vinhão fómente convocados
Das heroicas acções, que conta a Fama:
Trazem plumas, e balfamos prezados,
E outra rude opulencia, que o povo ama,
E com os dons da Americana Ceres,
Offerecem-lhe as filhas por mulheres.

III.

Era antigo dos barbaros coſtume,
Quando algum Capitão foi bravo em guerra,
Ou ſe julgavão que o regía hum Nume,
Emparentallo aos Principaes da terra:
Qualquer que de nobreza então preſume,
Do Grão Caramurú, que tudo aterra,
Procura, como nobre preminencia,
Ter na ſua proſapia a deſcendencia.

IV.

Tuibaé, dos Tapuias Chefe antigo,
Tiapíra lhe offrece celebrada;
E com a mão da filha deixa amigo
Huma illuſtre alliança confirmada:
Xerenimbó trazia-lhe comſigo
A formoſa Moema já negada
A muitos Principaes, por dar-lhe eſpoſo
Digno do tronco de ſeus Pais famoſo.

V.

Muitas outras donzellas Brazilianas
A mão do claro Diogo pertendião,
Ou por prendas, que notão ſoberanas,
Ou por grandes acções, que delle ouvião:
A todos elle deo moſtras humanas
Sem a fé lhe obrigar, que pertendião;
Mas por não offender as brutas gentes,
Trata os Pais, e os Irmãos como parentes.

VI.

VI.

Paraguaçú porém com fé de Eſpoſo
  Parecia eſtimar diſtinctamente,
  Moſtrando-lhe no affecto carinhoſo
  A ſincera affeição que n'alma ſente:
Amava nella o peito valeroſo,
  E o genio docil, com que á fé conſente;
  Amor que occaſionou, como he coſtume,
  Em algumas inveja, e n'outras ciume.

VII.

Todas á bella Dama aborrecendo,
  Conſpirão féras em tirar-lhe a vida;
  Mas ella que o projecto alcança horrendo,
  Deixar pertende a Patria aborrecida:
E na viagem de Europa diſcorrendo,
  Deſeja renaſcer á melhor vida;
  Impulſo ſanto, que com juſta idéa
  Move Diogo a deixar aquella arêa.

VIII.

Agitado do vario penſamento,
  Na margem ſe entranhou do vaſto rio,
  Que invocando o Serafico portento,
  Chama de S. Franciſco o Luſo pio:
E eſtando o Sol no ſeu maior augmento,
  Quando ſitio no ardor buſca ſombrio,
  N'huma lapa, que eſconde alto myſterio, (1)
  Foi achar para a calma o refrigerio.

IX.

IX.

Por mil paſſos a penha milagroſa
Eſtende em roda o gyro dilatado;
Obra da Natureza prodigioſa,
Quando o Globo terraqueo foi creado:
Concavidade ha alli vaſta, eſpaçoſa,
Onde tinha o Creador delineado,
Com capella maior, nave, e cruzeiro,
Hum Templo, como os noſſos, verdadeiro.

X.

Largo trinta e tres paſſos ſe eſtendia
O grão cruzeiro: a longitud da mole
Por mais de outros oitenta diſcorria;
Lugar, que não pizára humana prole:
O proſpecto extrior de pedraria,
O interior pavimento he terra molle:
De jaſpe ſe levanta a grã portada,
Entre torres marmoreas fabricada.

XI.

Dentro vem-ſe magnificas Capellas,
Suſtentadas de eſplendidas columnas;
Pelo tecto entre nuvens gyrão eſtrellas,
E ſobre o rio a hum lado tem tribunas,
Que ſervindo-lhe a hum tempo de janellas,
Dão luz a todo o Templo; e quando lhe unas
Quantos prodigios o lugar encerra,
Maravilha maior não cobre a Terra.

XII.

XII.

Capella alli se vê de entalho nobre,
 Obrado com desenho estranho, e vario,
 Onde effigiado em marmore, se cobre
 Hum natural bellissimo Calvario:
Vê-se a base da Cruz, mas nada sobre;
 De jaspe ainda melhor q̃ Egyzio, ou Pario:
 E ao lado hum posto em proporção distincta,
 Onde a Mãi, e Discipulo se pinta.

XIII.

Chegado Diogo a ver prodigio tanto,
 Pelo estranho espectaculo suspenso,
 Penetra-se no peito de horror Santo,
 Por não sei que Sagrado occulto senso:
Depois rompendo n'hum devoto pranto,
 Prostrado em terra, adora o Deos immenso,
 Que quando ser ao mar, e á terra dava,
 O alicerse á grá fábrica lançava.

XIV.

Eis-aqui preparado (disse) o Templo,
 Falta a fé, falta o culto necessario;
 E quanto era de Deos, feito contemplo
 Tudo o que he de salvar meio ordinario:
Desta intenção parece ser exemplo
 Este insigne prodigio extraordinario;
 Onde parece que no Templo occulto,
 Tem disposto o lugar, e espera o culto.

XV.

XV.

Quiz moſtrar neſta Imagem por ventura
Que eſta gente brutal não deſampara;
E que a qualquer humana creatura
O remedio da Cruz juſto prepara;
Que a eſtes do ſeu ſangue dera a cura,
Se aos inſtinctos, que tem, não repugnára;
Que Advogada nos deo de empreza tanta,
Preparando o lugar á Virgem Santa.

XVI.

Oh queira, Grá Senhor, voſſa bondade
Supprir nelles, e em mim tanta miſeria;
Pois de todos ſalvar tendes vontade,
Que por eſte ſinal moſtrais tão ſéria:
Que ſe olhais para a noſſa iniquidade,
Achareis de punir tanta materia,
Que a antiga culpa pelos ſeus abrolhos
A ninguem deixa juſto aos voſſos olhos.

XVII.

Dalli ſurcando o rio caudaloſo,
Vai o noto Reconcavo buſcando,
Por ver ſe inchada véla o pégo undoſo
A rumo Oriental vai navegando:
Nem temeria o pélago eſpaçoſo
Ir na leve canoa atraveſſando;
Se o perigo, que immenſo conſidera,
Pelo damno da Eſpoſa não temêra.

XVIII.

XVIII.

Ergue-ſe ſobre o mar alto penedo,
Que huma angra á raiz tem, das náos amparo,
Onde das ramas no intrechado enredo,
Cauſa o verde proſpecto hum goſto raro:
Alli morro cuberto de arvoredo,
A quem paſſea o mar, ſerve de faro;
Dão-lhe nome da Coſta os exprientes,
Do glorioſo Apoſtolo das Gentes.

XIX.

Aqui vê Diogo hum caſco, que encalhára,
Onde n'agua ſe occulta hórrida penha,
Porque ignorando a coſta ſe arrojára,
Sem que eſperança de ſoccorro tenha:
Vê, como a chuſma em terra ſe ſalvára,
Que a brutal gente a cativar ſe empenha;
E preſumindo o que era, na canoa
A defender os ſeus remando vôa.

XX.

E temendo que cedão enganados
Ao barbaro cruel os naufragantes;
Ou que fiquem ſem armas cativados
Nas mãos deſſes penhaſcos ambulantes;
Faz-lhes ſinaes, e deixa-os aviſados,
Fazendo ver as armas rutilantes,
Da arêa infida, e do cruel perigo,
E o ſeu ſoccorro lhe offrece amigo.

XXI.

E quando a tiro de canhão ſe via,
Fez que ſe ouviſſe a formidavel tromba,
E ao éco do tambor, que lhe batia,
Diſpara ao tempo meſmo a horrivel bomba:
Treme de eſpanto o barbaro, que ouvia;
E eſte paſma, outro foge, aquelle tomba;
E o Grã Caramurú já diviſando,
Correm todos humildes ao ſeu mando.

XXII.

Unidos do bom Diogo á comitiva
Soccorrem com preſteza a véla rota;
Onde a gente das aguas ſemiviva,
Vão leves conduzindo a praia nota:
Salvou-ſe-lhe a equipagem toda viva;
E para os preparar a grã derrota,
Faz que a barbara gente, dando ajuda
A' afflicta multidão piedoſa, acuda.

XXIII.

Paraguaçú porém com pio aviſo
Cuida em prover de roupas, e ſuſtento;
E quanto lhe he poſſivel de improviſo,
Reſtablece-lhe as forças co'alimento,
Depois que ſe saciárão do preciſo,
Diogo que o caſo ſeu recorda attento,
Logo que a turba vê contente, e junta,
Donde vem? aonde vão? quem são? pergunta.

XXIV.

XXIV.

Hum entre outros, que o Chefe parecia,
  E ſobre os mais da chuſma dominava,
  Depois de agradecer-lhe a cortezia
  Na Caſtelhana lingua, em que fallava
Somos (diſſe) da nobre Andaluzia,
  Onde o chão Hiſpalenſe o Betis lava,
  Socios ſe ouviſte o nome de Arelhano,
  E deſde o Reino viemos Peruano.

XXV.

Se a Fama a vós chegou do valeroſo
  Domador das Provincias Peruanas;
  E ſe Piſarro no Orbe tão famoſo
  Não ſe ignora das Gentes Luſitanas:
Fomos delle mandados pelo undoſo
  Grão rio, que em correntes deſce inſanas,
  Deſde a grã cordilheira, que imminente
  Aqui ſepara o Occaſo do Oriente.

XXVI.

Novas Ilhas buſcando, e novos mares
  Depois de longos dias navegámos;
  Já com procellas, já com brandos ares,
  Ao conhecido Oceano chegámos:
Os perigos, os caſos ſingulares,
  Que por mais de mil leguas tolerámos,
  Não contára, depois que no mar erro
  A ter o peito de aço, e a voz de ferro.

XXVII.

XXVII.

De sessenta, e mais linguas differentes,
Vimos, descendo o rio, em curso immenso,
Incognitas Nações, barbaras gentes,
E hum Povo innumeravel, vasto, e denso:
Montanhas vimos, campos mil patentes,
E hum terreno nas margens tão extenso,
Que poderá elle só neste hemisferio
Formar com tanto Povo hum vasto Imperio.

XXVIII.

Mil vezes com canoas bellicosas
Combatemos no rio, e mil em terra;
Perseguidos de tropas numerosas,
Que occupavão talvez o valle, e a serra:
Nem cessava nas margens perigosas
De mil bravas Nações a dura guerra,
Até que entrando nas ardentes Zonas,
Chegámos á Região das Amazonas.

XXIX.

Discorre com furor pela ribeira,
Vasto esquadrão de tropa feminina,
Que em postura, e contenho de guerreira,
Assaltar nossa frota determina
Sobre o sexo viril, turba grosseira,
O feminino sexo alli domina,
Onde no rio, porque a fama o conte,
Recordamos o antigo Thermodonte.

XXX.

E já o Hiſpano Leão domado houvera
Das Amazonas o terreno infauſto,
Se no clima infeliz nos não morrêra
De mil fadigas Arelhano exhauſto.
A gente pois que o Capitão perdêra,
Não podendo eſperar ſucceſſo fauſto,
Sobre eſte bergantim, que alli ſe adorna,
Ao Solar Patrio, navegando torna.

XXXI.

Não duvideis, reſponde, o Heróe clemente
De achar em mim ſoccorro poderoſo;
Que achais quem como vós do mar fremente
Aprendeo na deſgraça a ſer piedoſo:
Tendes amiga mão, madeira, e gente,
Com que o caſco, que vedes ruinoſo,
Reformando-ſe torne do Ceo noſſo
A' deſejada Heſpanha, e Betis voſſo.

XXXII.

Diſſe; e ordenando a turba Americana,
Aſſiſte ao fabro na naval fadiga;
E quanto lhe permitte a força humana,
Faz que em breve o baixel ſeu rumo ſiga:
Nem ſe demora mais a gente Hiſpana,
Que a convida a monção, e o vento obriga:
Soltão a branca véla ao freſco vento,
E vão raſpando o liquido elemento.

XXXIII.

Felices vós, diz Diogo, affortunados,
  A quem da cara Patria he concedido
  Tornar hoje aos abraços desejados,
  Depois de tanto tempo a ter perdido!
Em quanto eu nestes climas apartados
  Me vejo de seguir-vos impedido;
  Que fiar temo de tão debil lenho
  Outra vida, q̃ em mais que a propria tenho.

XXXIV.

Dizendo assim, com calma vê luctando
  Formosa não de Gallica bandeira,
  Que a terra ao parecer vinha buscando,
  E a prôa mette sobre a propria esteira:
Vem seguindo a canoa, e sinaes dando,
  Até que aborda a embarcação veleira;
  E de paz dando a mostra conhecida,
  As praias de Bahia a não convida.

XXXV.

A Gupeva entretanto, e Taparica
  Dava o ultimo abraço, e á forte Esposa
  A intenção de levalla significa,
  A ver de Europa a Região famosa:
Suspensa entre alvoroço, e pena fica
  Paraguaçú contente, mas saudosa;
  E quando o pranto na sentida fuga
  Começava a saudade, amor lho enxuga.

XXXVI.

He fama então que a multidão formoſa
Das Damas, que Diogo pertendião,
Vendo avançar-ſe a não na via undoſa,
E que a eſperança de o alcançar perdião:
Entre as ondas com anſia furioſa
Nadando o Eſpoſo pelo mar ſeguião,
E nem tanta agoa que fluctûa vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII.

Copioſa multidão da não Franceza
Corre a ver o eſpectaculo aſſombrada;
E ignorando a occaſião da eſtranha empreza,
Paſma da turba feminil, que nada:
Huma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella, do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha á não ſe apéga ao leme.

XXXVIII.

Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem . . .
Porém o tigre por cruel que brame,
Acha forças amor, que em fim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriſcos, que o ar conſomem,
Como não conſumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio, e aſco . . .
Ah que o coriſco és tu . . . raio . . . penhaſco.

XXXIX.

Bem puderas, cruel, ter ſido eſquivo;
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offendêras a eſcutar-me altivo,
Que he favor, dado a tempo, hum deſengano:
Porém deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos ſempre humano,
Fugiſte-me, traidor, e deſta ſorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

XL.

Tão dura ingratidão menos ſentira,
E eſſe fado cruel doce me fora,
Se a meu deſpeito triunfar não víra
Eſſa indigna, eſſa infame, eſſa traidora:
Por ſerva, por eſcrava te ſeguíra,
Se não temêra de chamar Senhora
A vil Paraguaçú, que ſem que o creia,
Sobre ſer-me infrior, he neſcia, e feia.

XLI.

Em fim, tens coração de ver-me afflita,
Fluctuar moribunda entre eſtas ondas;
Nem o paſſado amor teu peito incita
A hum ai ſómente, com q̃ aos meus reſpon-
Barbaro, ſe eſta fé teu peito irrita, (das:
(Diſſe, vendo-o fugir) ah não te eſcondas;
Diſpara ſobre mim teu cruel raio ...
E indo a dizer o mais, cahe n'hum deſmaio.

XLII.

XLII.

Perde o lume dos olhos, paſma, e treme;
  Pállida a côr, o aſpecto moribundo,
  Com máo já ſem vigor, ſoltando o leme,
  Entre as ſalſas eſcumas deſce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
  Tornando a apparecer deſde o profundo;
  Ah Diogo cruel! diſſe com mágoa,
  E ſem mais viſta ſer, ſorveo-ſe n'agoa.

XLIII.

Chorárão da Bahia as Nynfas bellas;
  Que nadando a Moema acompanhavão;
  E vendo que ſem dor navegão dellas,
  A' branca praia com furor tornavão:
Nem pode o claro Heróe ſem pena vellas;
  Com tantas provas, que de amor lhe davão;
  Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
  Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

XLIV.

Voava em tanto a náo na azul corrente,
  Impellida de hum Zefyro ſereno,
  E do brilhante mar o eſpaço ingente
  Hum campo parecia igual, e ameno:
Encreſpava-ſe a onda docemente,
  Qual aura leve, quando move o feno;
  E como o prado ameno rir coſtuma,
  Imitava as boninas com a eſcuma.

XLV.

XLV.

Du Pleſſis, que os Francezes governava,
Em huma noite clara á poppa eſtando,
Os caſos de Diogo, que eſcutava,
Admira no naufragio memorando:
Depois do Heróe prudente perguntava
Quem achára o Brazil, o como, e quando
Ganhára no recondito hemisferio
Tanto theſouro o Luſitano Imperio?

XLVI.

Dous Monarcas (reſponde o Luſitano)
Já ſabes que no Occaſo, e no Oriente
Nóvos Mundos buſcárão pelo Oceano,
Depois de haver domado a Libya ardente:
E que, onde não chegou Grego, ou Romano,
Paſſea o forte Hiſpano, e a Luſa gente;
Que inſtruidos na Nautica com arte,
Deſcubrírão do Mundo outra grã parte.

XLVII.

Do Téjo ao China o Portuguez impéra,
De hum pólo ao outro o Caſtelhano voa,
E os dous extremos da redonda esféra,
Dependem de Sevilha, e de Lisboa: (2)
Mas depois que Colon ſinaes trouxera,
(Colon, de quem no Mundo a fama voa)
Deſte novo admiravel continente
Diſcorda com Caſtella o Luſo ardente.

XLVIII.

XLVIII.

Já ſe diſpunha a guerra ſanguinoſa;
  Porém o commum Pai aos dous intíma
  Arbitrio na contenda duvidoſa,
  Que a parte competente aos Reis eſtima.
Deſde Roma Alexandre imperioſa,
  Deixando ambos em paz á empreza anima,
  E huma linha lançando ao Ceo profundo,
  Por Fernando, e João reparte o Mundo.

XLIX.

Na vaſta divisão, que ao Luſo veio,
  O precioſo Brazil contido fica:
  Paiz de gentes, e prodigios cheio,
  Da America feliz porção mais rica:
Aqui do vaſto Oceano no meio
  Por horrivel tormenta a prôa applica
  O illuſtre Cabral com fauſto acaſo
  Sobre gráos dezeſeis do noſſo Occaſo.

L.

Da nova Região, que attento obſerva,
  Admira o clima doce, o campo ameno,
  E entre arvoredo immenſo, a fertil herva
  Na viçoſa extensão do aureo terreno:
Cuberta a praia eſtá de grã caterva
  De incognita Nação, que com o aceno,
  Porque a lingua ignorava, á paz convida,
  Erguendo-lhe o troféo do Author da vida.

LI.

Era o tempo, em que alegre refufcita
A verde planta, que murchou no Inverno;
E quando a folar méta o tempo excita,
Em que o Rei triunfou da morte eterno:
Táo fagrada memoria a frota incita
A celebrar ao Vencedor do Inferno
O facrificio, donde a fé venera,
A Paixáo, que em tal tempo fuccedêra.

LII.

Em frondofa ramada o Lufitano
Hum Altar fabricou no prado extenfo,
Donde affifta ao Myfterio foberano
Da Lufitana efquadra o povo immenfo:
Ao Rei triunfante do infernal tyranno,
Odorifero fuma o facro incenfo,
E a victima do Ceo, que a paz indica
A' gente, e nova terra fanctifica.

LIII.

Notar o Americano alli contende
Do facrofanto Altar o acto fublime;
E tanto a fimples gente o aceno entende,
Que parece que a acçáo por fanta eftime:
Algum que olhava ao celebrante, emprende
O géfto arremedar, que orando exprime,
E as máos une, e levanta, e talvez folta;
E quando o vê voltar, tambem fe volta.

LIV.

LIV.

Como as noſſas acções talvez eſpia
O pelloſo animal, que o mato hoſpeda,
E quanto vê fazer, como á porfia,
Tudo poſto a obſervar, logo arremeda:
Tal o Gentio ſimples parecia,
Que nem hum pé, nem paſſo dalli arreda,
E ao ſanto ſacrificio attento, e mudo,
O que aos mais vio fazer, fazia-o tudo.

LV.

Aqui depois que ás turbas eloquente
Dicta o ſacro Orador pio conceito,
E a fé diſpenſa no animo valente
Do nobre Povo a propagalla eleito:
Participa da cea a Chriſtã gente,
E o dom recebem com fiel reſpeito;
E he fama que Cabral, que os convocára,
Montando ſobre hum alto, aſſim fallára.

LVI.

Glorioſa Nação, que a terra vaſta
Vais a livrar do Paganiſmo immundo,
A quem eſſe Orbe antigo já não baſta,
Nem a immenſa extenſão do mar profundo:
Neſte occulto Paiz, que o mar affaſta,
Tem teu zelo por campo hum novo Mundo;
E quando tanta fé ſeus termos ſonde,
Outro Mundo acharás, ſe outro ſe eſconde.

LVII.

Oh profundo conſelho ! Abyſmo immenſo
  Do poder, e ſaber do Omnipotente !
  Que eſtiveſſe eſcondida no Orbe extenſo
  Tanta parte do Mundo á ſabia gente !
Sincoenta e ſinco ſeculos ſem ſenſo
  Das Nações deſte vaſto continente,
  E em tanta indagação dos ſabios feita,
  Não cahir-nos na mente nem ſuſpeita !

LVIII.

Mas combine-ſe o dia, o tempo, a hora,
  Em que a alta Providencia aqui nos guia;
  Quando á ignorancia Chriſto o perdão ora;
  Quando morre na Cruz, no proprio dia:
Na bandeira do mar triunfadora
  Tremolamos as Chagas com fé pia,
  E nellas quiz á grei, que em ſombras langue,
  Vir neſte dia a offerecer ſeu ſangue.

LIX.

Goza de tanto bem, terra bemdita,
  E da Cruz do Senhor teu nome ſeja;
  E quanto a luz mais tarda te viſita,
  Tanto mais abundante em ti ſe veja:
Terra de Santa Cruz tu ſejas dita,
  Maduro fruto da Paixão na Igreja,
  Da fé renovo pelo fruto nobre,
  Que o dia nos moſtrou, que te deſcobre.

LX.

LX.

Dizendo aſſim ajoelha, e Cruz em tanto
Sublime n'hum oiteiro ſe colloca;
O Exercito formado ao ſinal ſanto
Se proſtra humilde, pondo em terra a boca:
Paſma o Gentio, e admira com eſpanto
A melodia, com que o Ceo ſe invoca,
Hymno entoando á Cruz pios Cantores,
E reſpondendo as trompas, e os tambores.

LXI.

Terra porém depois chamou a gente
Do Brazil, não da Cruz; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excellente,
Se lembra menos do que o foi da vida:
Aſſim ama o mortal o bem preſente;
Aſſim o nome eſquece, que o convida
Aos intereſſes da futura gloria,
Aos bens attento ſó da tranſitoria.

LXII.

Obſerva o bom Cabral todo o proſpéto
Da immenſa coſta, e pelo clima puro:
Pelo abordo tranquillo, e mar quieto,
Chama o ſeio, em que entrou Porto Seguro:
E olhando com ſaudade o doce objecto
Do ſeu deſtino, ſe lamenta eſcuro,
Que pela empreza a que mandado fora,
Não permitte na Armada outra demora.

LXIII.

LXIII.

Manda depois ao Luſo Dominante
Hum aviſo do clima deſcuberto;
Nem tarda Manoel então Reinante
A enviar hum Coſmografo, que experto
Da eſcola fora, que o famoſo Infante (3)
Para a Nautica ſciencia tinha aberto,
E Americo diſpõe, que ao Brazil parta,
De quem deo nome ao continente a Carta.

LXIV.

E por ter quem aos noſſos interpréte
Do ignorado idioma a eſcura ſorte,
Alguns em terra condemnados mette,
Devidos por delicto á crua morte:
A vida como premio lhe promette,
Quando com peito ſe atreveſſem forte
A eſperar no Sertão nova viagem,
Aprendendo os rodeios da linguagem.

LXV.

Com acenos depois á gente bruta
Os ſeus que lhe deixava, recommenda,
E no claro perigo, em que os reputa,
Arma lhe deixa, que na guerra offenda:
Dá-lhe a eſpecie, que alli bem ſe commuta,
Em que poſsão tratar por compra, e venda;
Eſpelhos, caſcaveis, anzoes, cutélos,
Campainhas, fuzís, ſerras, martélos.

LXVI.

Nem ſe demora mais a forte Armada;
E convidando o vento, eſtende a véla,
Corre a barbara gente amontoada
Ao embarque nas náos da Tropa bella:
E, ao que póde entender-ſe, magoada
Por ſaudade, que tem de mais não vella,
Com acenos, e voz enternecida
Fazião a ſeu modo a deſpedida.

LXVII.

Mais ſaudoſos os triſtes deſterrados,
Correndo immenſo riſco a lingua aprendem,
Recebendo alimentos commutados
Pelas eſpecies, que ao Gentio vendem:
Talvez os tem co-a cithara encantados;
Talvez com caſcaveis todos ſuſpendem;
Mas o objecto que a viſta mais lhe aſſombra
He ver dentro do eſpelho a propria ſombra:

LXVIII.

Extatico qualquer notando admira,
Dentro ao terſo cryſtal a horrivel cara:
Pergunta-lhe quem he, como ſe ouvíra;
E crendo eſtar no inverſo o que enxergára,
De huma parte a outra parte o eſpelho víra;
E não topando o vulto na luz clara,
Tal ha que o vidro quebra, por ver dentro
Se a imagem acha, que obſervou no centro.

LXIX.

LXIX.

Mas em quanto eſtes errão vagabundos,
  Americo Veſpucci, e o ſorte Coelho,
  A longa coſta, e os ſeios mais profundos
  Demarcavão no Nautico conſelho:
Deſcubridor tambem dos novos Mundos
  Foi Jaques na Marinha experto, e velho,
  De quem já demarcado em carta ouvimos
  Eſſe ameno reconcavo, que vimos.

LXX.

Eu depois deſtes na occaſião preſente,
  Quanto o vaſto Sertão nos encubria,
  Deſcubri, pondo em fuga a bruta gente,
  O reconcavo interno da Bahia:
Notei na vaſta terra a turba ingente,
  Que mais Europa toda não teria,
  Se da grã cordilheira ao mar baixando,
  Deſde a Prata ao Pará ſe for contando.

LXXI.

Dá principio na America opulenta
  As Provincias do Imperio Luſitano,
  O Grã Pará, que hum mar nos repreſenta,
  Emulo em meio á terra do Oceano:
Foi deſcuberto já (como ſe intenta)
  Por ordem de Piſſarro, de Arelhano;
  Paiz, que a linha Equinocial tem dentro,
  Onde a Torrida Zona eſtende o centro.

LXXII.

LXXII.

Em nove leguas ſó de comprimento,
Vinte ſeis de circuito ſe eſpraia
No vaſto Maranháo d'agoa opulento,
Huma Ilha bella, que ſe eſtende á praia:
Regáo-lhe quinze rios o aureo aſſento,
E hum breve eſtreito, que lhe fórma a raia,
Póde paſſar por Iſthmo, que a encadea
A' terra firme por mui breve arêa.

LXXIII.

O Ceará depois, Provincia vaſta,
Sem pórtos, e commercio jaz inculta;
Gentio immenſo, que em ſeus campos paſta,
Mais fero que outros o Eſtrangeiro inſulta:
Com violento curſo ao mar ſe arraſta
De hum lago do Sertáo, de que reſulta,
Rio, onde peſcáo nas profundas minas
As brazilicas perolas mais finas.

LXXIV.

Da fertil Paraíba náo occorre
Que informe a gente voſſa, ſendo empreza
Do commercio Francez, que alli concorre
A lenhos carregar, que a Europa preza:
Náo mui longe da coſta, que alli corre
Huma Ilha vedes de menor grandeza,
Que amena, fertil, rica, e povoada
He d'Itamaracá de nós chamada.

LXXV.

LXXV.

A oito gráos do Equinocio ſe dilata
  Pernambuco, Provincia delicioſa,
  A pingue caça, a peſca, a fruta grata,
  A madeira entre as outras mais precioſa:
O proſpecto, que os olhos arrebata
  Na verdura das arvores frondoſa,
  Faz que o erro ſe eſcuſe a meu aviſo,
  De crer que fora hum dia o Paraiſo.

LXXVI.

Serzipe entáo d'ElRei: logo o terreno
  De que viſte a belleza, e perſpectiva;
  Nem cuido que outro viſſes mais ameno,
  Nem donde com mais goſto a gente viva:
Clima ſaudavel, Ceo ſempre ſereno,
  Mitigada na nevoa a calma activa;
  Palmas, mangues, mil plantas na eſpeſſura,
  Náo ha depois do Ceo mais formoſura.

LXXII.

A quinze gráos do Sul na foz extenſa
  De hum vaſto rio, por ilheos cortado,
  Outra Provincia de cultura immenſa,
  Tem dos proprios ilheos nome tomado:
Depois Porto Seguro, a quem compenſa
  O eſpaço da Provincia limitado,
  Outra de ambito vaſto, que ſe aſſoma,
  E do Eſpirito Santo o nome toma.

LXXVIII.

LXXVIII.

Nhiteroi dos Tamoyos habitada,
 Por largas terras ſeu dominio eſtende,
 Famoſa região pela enſeada,
 Que huma grã barra dentro em ſi comprende:
Eſta praia dos voſſos frequentada,
 Que pomo de diſcordia entre nós pende,
 Cuſtará, ſe preſago não me engano,
 Muito ſangue ao Francez, e ao Luſitano.

LXXIX.

S. Vicente, e S. Paulo os nomes derão
 A's extremas Provincias, que occupamos;
 Bem que ao Rio da Prata ſe eſtendêrão
 As que com proprio marco aſſinalamos:
E por memoria de que noſſas erão,
 De *Marco* o nome no lugar deixamos,
 Povoação, que aos vindouros ſignifica,
 Onde o termo Heſpanhol, e o Luſo fica.

(1) *Lapa.* Efta he a célebre Igreja da Lapa, em que parece que a Natureza preparou á Graça hum admiravel edificio. Veja-fe Sebaftião da Róçha Pitta.

(2) *Sevilha.* Então Corte de Hefpanha.

(3) *Do famofo Infante.* A efcola Nautica, e Mathematica, fundada em Sagres pelo Senhor Infante D. Henrique, deo os ultimos lumes a Colon, Americo Vefpucci, e outros Cofmografos eftranhos, que em nenhuma outra Região da terra podião achar eftudos áquelle tempo tão célebres, como os de Portugal.

CANTO VII.

I.

ERa o tempo, em que o Sol na vaſta Esfera
O claro dia com a noite iguala,
E o velho Outono, que o calor modera;
De ſeus pampanos tece a verde gala:
E quando todo o monte Baccho altera,
E os capazes toneis na adega abala,
Tocava a Franca náo do claro Sena
Na delicioſa fóz a praia amena.

II.

Na grá Lutecia, Capital do Eſtado,
A ligeira falúa dava fundo,
E eſſe Orbe na Cidade abbreviado,
Enchia Diogo de hum prazer jucundo:
Templos, torres, palacios, caſas, prado,
O famoſo Atheneo meſtre do Mundo,
A Corte mais auguſta, que ſe aviſta,
Enche-lhe o coração, e aſſombra a viſta.

III.

Paraguaçú porém, que já mais víra
Eſpectaculo igual, ſuſpenſa pára;
Nem falla, nem ſe volta, nem reſpira,
Immovel a peſtana, e fixa a cara:
E cheia a fantaſia do que admira,
Cauſa-lhe tanto paſmo a visão rara,
Que eſtupida parece ter perdido
O diſcurſo, a memoria, a voz, e o ouvido.

IV.

Qual pende o tenro Infante ao collo da ama,
Se hum novo, e bello objecto tem preſente,
Que nem a doce mãi, que ao peito o chama,
Nem os mimos do pai paſmado ſente:
Tod' a alma no que vê fixo derrama,
E ſó parece pelo olhar vivente:
Não foi da Americana o ar diverſo,
Vendo em Paris a ſumma do Univerſo.

V.

Por fama que ſe ouvio da novidade
A admirar o eſpectaculo ſe ajunta,
Curioſa do ſucceſſo a grã Cidade,
E hũ ſe admira, outro o conta, algũ pergunta:
Creſce o vago rumor ſobre a verdade;
E a plebe, que a Diogo acode junta,
Delle, e da Eſpoſa divulgada tinha,
Que era o Rei do Brazil, e ella a Rainha.

VI.

VI.

E já aviſtavão do Palacio Auguſto
Em bella perſpectiva o Regio eſpaço,
E o atrio vendo de troféos onuſto,
Entrão do Franco Rei no excelſo Paço:
Cinge as portas exercito robuſto,
Brilhante guarda, de que o invicto braço
Ao lado ſempre da Real Peſſoa,
Suſtenta as Liſes, e defende a Croa.

VII.

Era alli Chriſtianiſſimo Reinante
Entre os Francezes o ſegundo Henrique,
Méta então do Germano fulminante,
Que oppôz de Carlos ás victorias dique:
Orthodoxo Monarca, da Fé amante,
Que faz que em toda a França immovel fique
O antigo culto, e Religião paterna,
Que invadio de Calvino a Furia Averna.

VIII.

Senta-ſe ao Regio lado a grã Princeza,
Formoſa Lis, que do Arno Florentino
Trouxe a França hum theſouro de belleza,
E outro maior no engenho peregrino:
Formoſo par, que a ſábia Natureza
Não ſem inſtincto conjugou Divino;
Porque roubando Henrique a dura morte,
Suſtente França Catharina a Forte.

IX.

IX.

Ao Throno Chriſtianiſſimo proſtrado
A Regia Máo dos dous Monarcas beija
O bom Diogo, tendo a Eſpoſa ao lado,
E faz que attenta toda a Corte eſteja:
E havendo por tres vezes humilhado
A fronte aos Reis, que reſpeitar deſeja,
He fama, que com géſto reverente
Fallára deſte modo ao Rei potente.

X.

Tendes a voſſos pés, Sire, invocando
No throno da grandeza a Mageſtade,
Eſtes dous peregrinos, que ſurcando
Do proceloſo mar a immenſidade,
No Imperio, que regeis com ſabio mando,
Buſcáo aſylo na Real piedade;
E a vós, e ao voſſo Reino ſe dirigem,
Donde tem Portugal o nome, e a origem.

XI.

O Brazil, Sire, infunde-me a confiança,
Que alli renaſça o Portuguez Imperio,
Que eſtendendo-ſe ao Cabo da Eſperança,
Tem deſcuberto ao Mundo outro hemisferio:
Tempo virá, ſe o vaticinio o alcança,
Que o cadente eſplendor do nome Heſperio
O ſeculo, em que eſtá, recobre de ouro,
E lhe cinja o Brazil mais nobre louro.

XII.

XII.

E Tu, que ao Luſo Reino hum germe Auguſto
No grão Burgundo a propagar mandaſte,
Contẽpla, ó França Heróica, o Imperio juſto,
Como ramo do teu, que alli plantaſte:
E ſe o inculto Brazil, ſe o Cafre aduſto
Por teus famoſos Netos ſubjugaſte,
Admitte ao throno do Solar primeiro
Eſte teu não indigno aventureiro.

XIII.

E eſta, que ao lado meu teu Sceptro beija,
Princeza do Brazil, que hum tempo fora,
No ſeio da Chriſtã piedoſa Igreja,
Como Mãi pia regenera agora.
He bem que a Mãi primeira o Brazil veja,
Donde a gente naſceo, que lhe he Senhora;
E quando a Luſitania lhe he Rainha,
Tome o Brazil a França por Madrinha.

XIV.

Diſſe o Heróe generoſo, e o Rei potente,
Recordando os annaes de antiga Hiſtoria;
Com viſta mageſtoſa, mas clemente,
Deo ſinal de agradar-lhe eſta memoria:
Com ſuſurro entre tanto a aulica gente
Celebra, como propria, a Luſa gloria;
E impondo-lhe ſilencio alto reſpeito,
Reſpondem com os olhos, e co' peito.

XV.

XV.

Mongomerí, que ſerve na aſſembléa
De interprete do Rei, fallou benigno;
Conforme na reſpoſta á juſta idéa,
De que o bom Diogo ſe moſtrou tão digno:
Nem vendo a Lyſia de conquiſtas cheia
Lhe inſpira o impulſo da ambição maligno,
A invejar-lhe já mais troféos tamanhos,
Que em prole ſua não reputa eſtranhos.

XVI.

Ide, diſſe a Rainha, o par ditoſo,
Que o banho ſanto, donde a culpa amára,
Se apague neſſe peito generoſo,
Comigo a França apadrinhar prepara.
E quando o Sol ſeu curſo luminoſo
Tres vezes repetir na Esféra clara,
Será das nodoas do Tartareo abyſmo
Lavada a bella Dama no Baptiſmo.

XVII.

Era o dia, em que he fama, que o homem feito
De terra, foi na Eſtatua precioſa,
Em que Deos lhe infundira no ſeu peito
Do Soberano ſer cópia formoſa.
Dia do noſſo rito ao culto eleito
De Simão, e Thaddeo, quando formoſa
Entrou Praguaçú com feliz ſorte
No banho Santo, rodeando-a a Corte.

XVIII.

XVIII.

A' roda o Real Clero, e grão Jerarca
  Fórma em meio á Capella a Auguſta linha;
  Entre os Pares ſeguia o bom Monarca,
  E ao lado da Neofyta a Rainha.
Vê-ſe cópia de lumes nada parca,
  E a turba immenſa, que das guardas vinha;
  E dando o nome a Auguſta á nobre Dama,
  Põe-lhe o ſeu proprio, e Catharina a chama.

XIX.

Banhada a formoſiſſima Donzella
  No Santo Criſma, que os Chriſtáos confirma;
  Os Deſpoſorios na Real Capella
  Com o valente Diogo amante firma:
Catharina Alvres ſe nomea a bella, (1)
  De quem a gloria no troféo ſe affirma,
  Com que a Bahia, que lhe foi Senhora,
  N'outro tempo, a confeſſa, e fundadora.

XX.

Prepara-ſe hum banquete com grandeza,
  Em que a cópia compita co'-a elegancia;
  E aos dous Conſortes ſe diſpõe a meza
  No magnífico Paço em Regia eſtancia:
Nem ſe dedigna a Soberana Alteza,
  Depois de os regalar com abundancia,
  De dar Rainha e Rei, de ouvir curioſos,
  Huma audiencia privada aos dous Eſpoſos.

XXI.

XXI.

Depois (diſſe o Monarca) que informado
De meus Miniſtros tenho a Hiſtoria ouvido,
Como foſte das ondas agitado,
Como da gente barbara temido:
Sabendo que os Sertões tens viſitado,
E o centro do Brazil reconhecido,
Quero das terras, dos viventes plantas,
Que a Hiſtoria contes de Provincias tantas:

XXII.

Mandas-me, Rei Auguſto, que te exponha,
(Diz cheio de reſpeito o Heróe prudente)
E aos olhos teus em hum compendio ponha
A Hiſtoria natural da occulta gente:
Se eſperas de mim, Sire, que componha
Exacta narração da cópia ingente,
Empreza tanta he, quando obedeça,
Que faz que o tempo falte, e a voz falleça.

XXIII.

Mil e ſincoenta e ſeis legoas de Coſta,
De valles, e arvoredos reveſtida,
Tem a terra Brazílica compoſta
De montes de grandeza deſmedida:
Os Guararapes, Borborema poſta
Sobre as nuvens na cima recreſcida,
A ſerra de Aimorés, que ao pólo he raia,
As de Ibo-ti-catú, e Itatiaia.

XXIV.

Nos vaſtos rios, e altas alagoas
  Mares dentro das terras repreſenta;
  Cuberto o Grão Pará de mil canoas
  Tem na eſpantoſa fóz legoas oitenta.
Por dezeſete ſe deſagoa boas
  O vaſto Maranhão; legoas quarenta
  O Jaguaribe diſta; outro ſe engroſſa
  De S. Franciſco, com que o mar ſe adoça.

XXV.

O Serzipe, o Real de licor puro,
  Que com vinte o Sertão regando correm,
  Santa Cruz, que no Porto entra ſeguro,
  Depois de trinta, que no mar concorrem:
Logo o das Contas, o Taigipe impuro,
  Que abrindo a vaſta fóz no Oceano morrem,
  O Rio Doce, a Cananea, a Prata,
  E outros ſincoenta mais, com que arremata.

XXVI.

O mais rico, e importante vegetavel
  He a doce cana, donde o aſſucar brota,
  Em pouco as noſſas canas comparavel;
  Mas nas do milho proporção ſe nota:
Com manobra expedita, e praticavel,
  Eſpremido em moenda o ſucco bota,
  Que acaſo a antiguidade imaginava,
  Quando o nectar, e ambroſia celebrava.

XXVII.

XXVII.

Outra planta de muitos deſejada,
Por fragrancia que o olfacto activa ſente,
Herva ſanta dos noſſos foi chamada,
Mas tabaco depois da Hiſpana gente.
Pelo Franco Nicot manipulada
Expelle a bile, e o cerebro cadente
Soccorre em modo tal, que em quem o tome,
Parece o impulſo de o tomar que he fome.

XXVIII.

He ſuſtento commum, raiz prezada,
Donde ſe extrahe, com arte util farinha,
Que ſaudavel ao corpo, ao goſto agrada,
E por delicia dos Brazis ſe tinha.
Depois que em *bolandeiras* foi ralada, (2)
No *Tapiti* ſe eſpreme, e ſe convinha,
Fazem a *puba* então, e a *tapioca*,
Que he todo o mimo, e flor da mandioca.

XXIX.

Chama o Agricultor raiz goſtoſa
Aipi por nome; e em goſto ſe parece
Com a molle caſtanha ſaboroſa,
De que tira o Paiz vario intereſſe.
Optimo arroz em cópia prodigioſa,
Sem cultura nos campos apparece,
No Pará, Cuiabá, por modo feito,
Que iguala na bondade o mais perfeito.

XXX.

XXX.

Ervilhas, feijão, favas, milho, e trigo,
Tudo a Terra produz, se se transplanta;
Fruta tambem, o pomo, a pera, o figo
Com bifera colheita, e em cópia tanta:
Que mais que no Paiz que o dera antigo,
No Brazil fructifica qualquer planta;
Assim nos deo a Persia, e Libya ardente,
Os que a nós transplantamos de outra gente.

XXXI.

Nas comestiveis hervas he louvada
O Quiabo, o Giló, os Maxixeres,
A Maniçoba peitoral prezada,
A Taióba agradavel nos comeres:
O palmito de folha delicada,
E outras mil hervas, que se usar quizeres,
Acharás na opulenta natureza
Sempre com mimo preparada a meza.

XXXII.

Sensivel chama-se herva pudibunda,
Que quando a mão chegando alguẽ lhe ponha,
Parece que do tacto se confunda,
E que fuja o que o toca por vergonha.
Nem torna a si da confusão profunda,
Quando ausente o aggressor se lhe não ponha,
Documento á alma casta, que lhe indica,
Que quem cauta não foi, nunca he pudica.

XXXIII.

XXXIII.

D'hervas medicinaes cópia táo rara
Tem no mato o Brazil, e na campina;
Que quem toda a virtude lhe explorára,
Por demais recorrêra á Medicina.
Naſce a Gelapa alli, a ſene amara,
O Filopodio, a malva, o páo da China,
A Caroba, a Capeba, e mil que agora
Conhece a bruta gente, e a noſſa ignora.

XXXIV.

Tem mimoſos legumes, que náo cedem
Aos que uſamos na Europa mais prezados,
Gingibre, Gergelim, que os mais excedem
Mendubim, Mangaló, que usáo guizados:
Alguns medicinaes, com que deſpedem
Do peito eſtilicidios radicados;
Tem o Cará, o Inhame, e em cópia grata
Mangarás, mangaritos, e batata.

XXXV.

Das flores naturaes pelo ar brilhante
He com cauſa entre as mais rainha a Roſa,
Branca ſahindo a Aurora rutilante,
E ao meio dia tinta em côr luſtroſa:
Porém creſcendo a chamma rutilante,
He purpurea de tarde a côr formoſa;
Maravilha que a Clicie competíra,
Vendo que muda a côr, quando o Sol gyra.

XXXVI.

XXXVI.

Outra engraçada flor, que em ramos pende
(Chamão de S. João) por bella paſſa
Mais que quantas o prado alli comprênde,
Seja na bella côr, ſeja na graça:
Entre a copada rama, que ſe eſtende
Em viſtoſa apparencia a flor ſe enlaça;
Dando a ver por diante, e nas eſpaldas,
Cachos de ouro com verdes eſmeraldas.

XXXVII.

Nem tu me eſquecerás, flor admirada,
Em quem não ſei, ſe a graça, ſe a natura
Fez da Paixão do Redemptor Sagrada
Huma formoſa, e natural pintura:
Pende com pomos mil ſobre a latada,
Aureos na côr, redondos na figura,
O âmago freſco, doce, e rubicundo,
Que o ſangue indica, que ſalvára o Mundo.

XXXVIII.

Com denſa cópia a folha ſe derrama;
Que muito á vulgar Era he parecida,
Entreſachando pela verde rama
Mil quadros da Paixão do Author da vida:
Milagre natural, que a mente chama
Com impulſos da graça, que a convida,
A pintar ſobre a flor aos noſſos olhos
A Cruz de Chriſto, as Chagas, e os abrolhos.

XXXIX.

He na fórma redonda, qual diadema
De pontas, como eſpinhos, rodeada;
A columna no meio, e hum claro emblema
Das Chagas ſantas, e da Cruz ſagrada:
Vem-ſe os tres cravos, e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada,
A côr he branca, mas de hum roxo exſangue,
Salpicada recorda o pio ſangue.

XL.

Prodigio raro, eſtranha maravilha,
Com que tanto myſterio ſe retrata!
Onde em meio das trévas a fé brilha,
Que tanto deſconhece a gente ingrata:
Aſſim do lado ſeu naſcendo filha
A humana eſpecie, Deos piedoſo trata,
E faz que quando a Graça em ſi deſpreza,
Lhe pregue co' eſta flor a natureza.

XLI.

Outras flores ſuaves, e admiraveis
Bordão com varia côr campinas bellas,
E em varia multidão por agradaveis,
A viſta encantão, tranſportada em vellas:
Jaſmins vermelhos ha, que innumeraveis
Cobrem paredes, tectos, e janellas;
E ſendo por miudos mal diſtintos,
Entretecem purpureos labyrinthos.

XLII.

As aſſucenas são talvez fragrantes,
Como as noſſas na folha organizadas;
Algumas no candor luſtrão brilhantes,
Outras na côr reluzem nacaradas.
Os bredos namorados rutilantes,
As flores de Courana celebradas;
E outras ſem conto pelo prado immenſo,
Que deixão quem as vê, como ſuſpenſo.

XLIII.

Das frutas do Paiz a mais louvada
He o Regio Ananas, fruta tão boa,
Que a meſma Natureza namorada
Quiz como a Rei cingilla da coroa:
Tão grato cheiro dá, que huma talhada
Surprende o olfacto de qualquer peſſoa;
Que a não ter do Ananas diſtincto aviſo,
Fragrancia a cuidará do Paraiſo.

XLIV.

As fragantes Pitombas delicadas
São, como gemmas d' ovos na figura;
As Pitangas com cores golpeadas
Dão refrigerio na febril ſeccura:
As formoſas Guaiabas nacaradas,
As Bananas famoſas na doçura,
Fruta, q̃ em cachos pende, e cuida a gente
Que fora o figo da cruel Serpente.

XLV.

Diſtingue-ſe entre as mais na fórma, e goſto,
Pendente de alto ramo o coco duro,
Que em grande caſca no extrior compoſto,
Enche o vaſo intrior de hum licor puro:
Licor, que á competencia ſendo poſto,
Do antigo nectar fora o nome eſcuro;
Dentro tem carne branca, como a amendoa,
Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

XLVI.

Não são menos que as outras ſaboroſas
As várias frutas do Brazil campeſtres,
Com gala de ouro, e purpura viſtoſas,
Brilha a Mangabá, e os Mocujes ſilveſtres:
Os Mamões, Moricis, e outras famoſas,
De que os rudes Caboclos forão Meſtres,
Que enſinárão os nomes, que ſe eſtillão,
Janipapo, e Cajú vinhos diſtillão.

XLVII.

Nas precioſas arvores ſe conta
O cacáo, droga em Heſpanha tão commua,
Pouco n'altura mais que arbuſto monta,
E rende novo fruto em cada Lua:
'A Bainilha nos ſipós deſponta,
Que tem no chocolate a parte ſua,
Naſce em bainhas, como páos de lacre,
De hum ſucco oleoſo, grato o cheiro, e acre.

XLVIII.

XLVIII.

Optimo anil de planta pequenina
  Entre as brenhas incultas ſe recolhe;
  Tece-ſe a roupa do algodão mais fina,
  Que em cópia abundantiſſima ſe colhe:
Que ſe a abundancia á induſtria ſe combina;
  Ceſſando a inercia, que mil lucros tolhe,
  Houvera no Algodão, que alli ſe topa,
  Roupa, com que veſtir-ſe toda a Europa.

XLIX.

O uruçú, fruto d'arvore pequena,
  Como lima, em pyramide elevada,
  De que hum extracto a diligencia ordena,
  Que a eſcarlata produz mais nacarada:
De immortal tronco a Tarajaba amena
  Rende a aurea côr dos Belgas deſejada,
  O páo Brazil, de que o engenhoſo Norte
  Coſtuma extrahir côr de toda a ſorte.

L.

Ha de balſamos arvores copadas,
  Que por legoas, e legoas ſe dilatão;
  Folhas cinzentas, como a murta, obradas,
  E em grato aroma os troncos ſe deſatão:
Se nelles pelas Luas são ſangradas:
  E uſo vario fazendo os que contratão,
  Lavrão remedios mil, e obras luſtroſas,
  Contas de cheiro, e caixas precioſas.

LI.

A Copaiba em curas applaudida,
Que a Médica Sciencia eſtima tanto,
A Bicuiba no oleo conhecida,
A Almecega, que ſe uſa no quebranto.
A precioſa madeira appetecida,
Que o nome nos merece de Páo ſanto,
O Salſafraz cheiroſo, de que as Praças
Se vem cubertas com formoſas taças.

LII.

Quaes ricas vegetaveis amethyſtas
As agoas do Violete em varia caſta,
O aureo Pequiá com claras viſtas,
Que n'outros lenhos por matiz ſe engaſta:
O vinhatico páo, que quando aviſtas,
Maſſa de ouro parece extenſa, e vaſta;
O duro páo, que ao ferro competíra,
O Angelim, Tataipeva, o Supopira.

LIII.

Troncos varios em côr, e qualidade,
Que inteiriças nos fazem as canoas,
Dando a groſſura tal capacidade,
Que andáo remos quarenta, e cem peſſoas:
E ha por todo o Brazil em quantidade
Madeiras para fabricas táo boas,
Que trazendo-as ao mar por vaſtos rios,
Póde encher toda a Europa de navios.

LIV.

LIV.

Nutre a vaſta Região raros viventes
Em número ſem conto, e em natureza
Dos noſſos animaes tão differentes,
Que enchem a viſta da maior ſurpreza:
Os que tem mais communs as noſſas gentes,
Ignora eſta porção da redondeza;
O boi, cavallo, a ovelha, a cabra, e o cão;
Mas levados alli ſem conto são.

LV.

Todo o animal he fero alli; levado
Donde tinha o ſeu paſto competente;
Nem era lugar proprio ao noſſo gado,
Que fora o bruto manſo, e fera a gente:
Como entre nós he o Tigre arrebatado,
Cruel a Onça, o Javali fremente,
Feras as Antas são Americanas,
E proprias do Brazil as Suraranas.

LVI.

Vem-ſe Cobras terriveis monſtruoſas,
Que affugentão co'a viſta a gente fraca;
As Giboias, que cingem volumoſas
Na cauda hum touro, quando o dente o ataca:
Voa entre outras com forças horroroſas,
Batendo a aguda cauda a Jararaca,
Com veneno, a quem fere tão preſente,
Que logo em convulsão morrer ſe ſente.

LVII.

Entre outros bichos, de que o boſque abunda,
Vê-ſe o eſpelho da gente, que he remiſſa,
No animal torpe de figura immunda,
A que o nome puzemos da Preguiça:
Moſtra no aſpecto a lentidão profunda;
E quando mais ſe bate, e mais ſe atiça,
Conſerva o tardo impulſo por tal modo,
Que em poucos paſſos mette hum dia todo.

LVIII.

Vê-ſe o Camaleão, que não ſe obſerva,
Que tenha, como os mais, por alimento
Ou folha, ou fruto, ou nota carne, ou herva,
Donde a plebe affirmou, que paſta em vento:
Mas ſendo certo, que o ambiente ferva
De infinitos inſectos, por ſuſtento
Creio bem que ſe nutra na Campanha
De quantos delles, reſpirando, apanha.

LIX.

Gyra o Sarehué, como pirata,
Da creação domeſtica inimigo;
A' Canção da Guariba ſempre ingrata
Reſponde o Guaſſinin, que o ſegue amigo:
Da varia caça, que o Caboclo mata,
A Narração por longa não proſigo,
Veados, Capivaras, e Coatiás,
Pacas, Teús, Periás, Tatus, Cotias.

LX.

O mono, que a eſpeſſura habita aſtuto,
De hum ramo n'outro buliçoſo ſalta;
E para não ſe crer que naſceo bruto,
Parece que o fallar ſómente falta:
O riſo imita, e contrafaz o luto;
E a tanto ſobre os mais o inſtincto exalta,
Que onde a eſpecie brutal chegar lhe véda,
Tem arte natural, com que o arremeda.

LXI.

Entre as volateis caças mais mimoſa,
A Zabelé, que os Francolins imita,
He de carne ſuave, e delicioſa,
Que ao Tapuia voraz a gula incita:
Logo a Enha-popé, carne precioſa,
De que a titela mais o goſto irrita,
Pombas verás tambem neſſes paizes,
Que em ſabor fórma, e goſto são perdizes.

LXII.

Juritiz, Pararis, tenras, e gordas,
A Hiraponga no goſto regalada,
As Marrecas, que ao rio enchem as bordas,
As Jacutingas, e a Aracan prezada:
E ſe do lago na ribeira abordas
De Galeirões, e patos habitada,
Verás, correndo as agoas na canoa,
A turba aquatil, que nadando voa.

LXIII.

LXIII.

Negou ás aves do ar a Natureza,
  Na maior parte a Musica harmonía;
  Mas compensa-se a vista na belleza,
  Do que póde faltar na melodia:
A penna do Tocano mais se preza,
  Que feita de ouro fino se diria,
  Os Guarazes pelo ostro tão luzidos,
  Que parecem de purpura vestidos.

LXIV.

Vão pelo ar loquazes papagaios,
  Como nuvens voando em cópia ingente,
  Iguaes na formosura aos verdes Maios,
  Proferindo palavras, como a gente:
Os Periquitos com iguaes ensaios,
  O Canindé, qual Iris reluzente;
  Mas fallão menos da pronúncia avaras,
  Gritando as formosissimas Araras.

LXV.

Como melros são negros os bicudos,
  Mais déstros, e agradaveis no seu canto,
  Na terra os Sabiás sempre são mudos;
  Mas junto d'agoa tem a voz, que he encanto:
Os Coleirinhos no entoar agudos,
  As Patatibas, que o saudoso pranto
  Imitão, requebrando com sons varios,
  Os Colibres, e harmonicos Canarios.

LXVI.

LXVI.

Das eſpecies maritimas de preço
  Temos perolas netas precioſas,
  Nem melhores aljofares conheço,
  Que os das oſtras Brazilicas famoſas:
Ambar Griz do melhor, mais denſo, e eſpeſſo,
  Nas coſtas do Ceará ſe vê eſpaçoſas,
  Madres-perolas, conchas delicadas,
  Humas parecem de ouro, outras prateadas.

LXVII.

Piſcoſo o mar de peixes mais mimoſos,
  Entre nós conhecidos rico abunda,
  Linguados, Saveis, Meros precioſos,
  A Agulha, de que o mar todo ſe inunda:
Robalos, Salmonetes delicioſos,
  O Xerne, o Voador, que n'agoa affunda,
  Peſcadas, Gallo, Arraias, e Tainhas,
  Carapáos, Encharrocos, e Sardinhas.

LXVIII.

Outros peixes, que proprios são do clima,
  Berupirás, Vermelhos, e o Garopa,
  Pampanos, Corimás, que o vulgo eſtima,
  Os Dourados, que préza a noſſa Europa:
Carepebas, Parus, nem deſeſtima
  A grande cópia, que nos mares topa,
  A múltidão vulgar do Chareo vaſto,
  Que ás pobres gentes ſubminiſtra o paſto.

LXIX.

LXIX.

De Junho a Outubro para o mar ſe alarga,
Qual gigante maritimo a Balêa,
Que palmos vinte ſeis conta de larga,
Setenta de comprido, horrenda, e feia:
Opprime as agoas com a horrivel carga,
E de oleoſa gordura em roda cheia,
Convida o peſcador, que ao mar ſe deite,
Por fazer, derretendo-a, util azeite.

LXX.

Tem por eſpinhas oſſos deſmarcados,
O ferro as duras pélles repreſentão,
Donde pendem mil buſios apegados,
Que de quanto lhe chupão ſe ſuſtentão:
Não parecem da fronte ſeparados
Os vaſtos córpos, que na arêa aſſentão,
Entre os olhos medonhos ſe ergue a tromba,
Que ondas vomita, como aquatil bomba.

LXXI.

Na boca horrivel, como vaſta gruta,
Doze palmos comprida a lingua pende,
Sem dentes; mas da boca immenſa, e bruta
Barbatanas quarenta ao longo eſtende:
Com ellas para o eſtomago tranſmuta,
Quanto por alimento n'agoa prende,
O peixe, ou talvez carne, e do elemento
A fez immunda, que lhe dá ſuſtento.

LXXII.

Duas azas nos hombros tem por braços,
  Que aos lados vinte palmos se diffundem,
  Com aza, e cauda os liquidos espaços
  Batendo remão, quando o mar confundem:
E excitando no pélago fracaços,
  Chorros d'agoa nas náos de longe infundem;
  E andando o monstro sobre o mar boiante,
  Crê que he Ilha o inexperto navegante.

LXXIII.

Brilha o materno amor no monstro horrendo,
  Que, vendo prevenida a gente armada,
  Matar se deixa n'agoa combatendo,
  Por dar fuga, morrendo, á prole amada:
Onde no filho o arpão cação mettendo,
  Com que attrahindo a mái dentro á Enseada,
  Desde a longa canoa se alancêa,
  Ao lado de seus filhos a balêa.

LXXIV.

Sobre a costa o marisco appetecido
  No arrecife se colhe, e nas ribeiras
  As Lagostas, e o Polvo retorcido,
  Os Lagostins, Santólas, Sapateiras:
Ostras famosas, Camarão crescido,
  Caranguejos tambem de mil maneiras,
  Por entre os Mangues, donde o tino perde
  A humana vista em labyrintho verde.

Tro-

(1) *Troféo.* Allude-ſe á Imagem de Catharina Alvres, pintada ſobre a caſa da polvora na Bahia.

(2) *Bolandeiras*, e *Tapitis.* Inſtrumentos, com que ſe fabríca a farinha de Mandioca. Puba (ou fubá) he a flor da meſma farinha.

CANTO VIII.

I.

TRes vezes tinha o Sol no gyro obliquo
A carreira dos Tropicos voltado,
E tres de Europa pelo Clima aprico,
Tinha as plantas o Abril resuscitado:
Depois que do Brazil se tinha rico,
A' França o nobre Diogo transportado,
Buscando nas viagens meio, e lume,
Com que reforme o barbaro costume.

II.

Mas da misera gente na lembrança,
Que lhe excita da Esposa a cara imagem,
Meditava deixar a amiga França,
Repetindo a Brazilica viagem:
Na generosa empreza não descança
De instruir a rudeza do salvagem,
E cuida com razão que he humanidade,
Amansar-lhe a cruel barbaridade.

III.

Em quanto náo, e embarque negocea,
Do amigo Du-Pleſſis ſolicitado,
Foi-lhe do Rei Francez propoſta a idéa,
De erguer as Lizes no paiz buſcado:
Terás (lhe diſſe, e he facil que ſe crea,
Que lho dizia do ſeu Rei mandado,)
Terás da França auxilio, e Tropa immenſa,
E maior que o ſerviço a recompenſa.

IV.

Que ſe o empenho te occupa generoſo
De amanſar do Gentio a mente impía,
Trazendo a França hum povo numeroſo,
Melhor ſe amanſará na companhia:
Que engano fora a Europa perniicioſo,
Quando Colonias derramando envia,
Extinguir ſem remedio a infeliz gente,
E deſpovoar-ſe com a Tropa auſente.

V.

Deſta arte Roma o Imperio ſeu fazia,
Que as Colonias pelo Orbe derramando,
Do paiz conquiſtado outras unia,
Com que hia a falta propria reparando:
N'hum ſeculo, que o barbaro vivia,
Na grá Roma Romano hia ficando,
E neſte arbitrio de penſar profundo,
Foi Mundo Roma, e foi Romano o Mundo.

VI.

VI.

Eſte meio por tanto eu te ſuggiro, (1)
Que ſe a tua prudencia hoje executa,
Verás em pouco tempo, como aſpiro,
Franceza pelo trato a gente bruta:
Vive ſempre brutal no ſeu retiro,
Quem ninguem communica, e nada eſcuta,
Nem o Salvagem tiráras da toca,
Se outro paiz não trata, e o ſeu não troca.

VII.

E em tanto que o terreno noſſo habita,
Tranſmigrada a infeliz Gentilidade,
A gente, que perdemos infinita,
Supprirá com commua utilidade:
Aſſim a Agricultura mais ſe excita,
Creſce a plebe no campo, e na Cidade,
E a turba inerte, que corrompe a terra,
Ou ſe deixa emendada, ou ſe deſterra.

VIII.

Diſſe o Francez prudente, e o nobre Diogo,
Leal á amada Patria reſpondendo,
Sábio projecto dás (replicou logo)
Sobre a população; nada o contendo:
Mas não poſſo convir no expoſto rógo,
Sendo fiel ao Rei, Portuguez ſendo,
Quando o Luſo Monarca julgo certo
Senhor de quanto deixa deſcuberto.

IX.

IX.

Vivendo ex lege hum povo na Anarquia,
Tem direito o vizinho a ſujeitallo,
Que a Natureza meſma inſpiraria,
Ao que foſſe mais proximo a amanſallo:
Deixo que o Ceo parece que o queria, (2)
Dando a Cabral o inſtinto de buſcallo,
E o ſer em caſo tal commum conceito,
Que quem primeiro o occupa, tem direito.

X.

E ſem que offenda a França a minha eſcuſa,
He bem que eſta conquiſta a Liſia faça;
Mas em quanto a Bahia o não recuſa,
Ser-vos-ha no commercio a melhor praça:
Cópia de drogas achareis profuſa,
E o lenho precioſo alli de graça;
E durando eu na Patria obediencia,
Serei Francez na obrigação, e agencia.

XI.

Admirou Du-Pleſſis no peito nobre
O generoſo ardor, e o patrio zelo,
Que a illuſtre condição no obrar deſcobre,
Novo motivo para mais querello:
Sem mais receio que o contrario elle obre,
Na nova expedição quer ſocio tello;
Mas antes de embarcar-ſe o heróe prudente,
Aviſa o Luſo Rei da empreza ingente.

XII.

Já pelo ſalſo Oceano navega
  A França náo, e o Cabo ſe diviſa,
  Donde á Europa no Occaſo ao termo chega,
  Tido do antigo nauta por baliſa:
A terra alli ſe vê, que o Minho rega,
  Correndo a coſta da feliz Galiſa;
  E o rumo então ſeguindo do Occidente,
  Ao meio dia ſe navega ardente.

XIII.

Não longe do Equador o mar cortava;
  Quando Paraguaçú, já Catharina,
  Como era ſeu coſtume, attenta orava,
  Implorando o favor da Mão Divina:
E eis-que a viſta da turba, que a obſervava,
  Em quanto adora a Mageſtade Trina,
  Em ſomno fica ſuſpendida, e abſorta,
  E algum cuida que dorme, outro q̃ he morta.

XIV.

Brilha no aſpecto hum ar do affecto interno;
  Mas em funda abſtracção com doce calma,
  Bem ſe lhe vê pelo ſemblante externo,
  Que occupa em grande objecto a feliz alma.
Vê-ſe nella arraiar do lume eterno,
  Que no Ceo goza, quem já logra a palma,
  Admiravel vislumbre, que ſuſpende,
  E infunde hũ pio affecto em quem o attende.

XV.

Aſſim por longas horas abſtrahida
Deixava o caro eſpoſo na anxiedade,
Se era ſomno, em que eſtava ſuſpendida,
Se era effeito de cruel enfermidade:
Ora ſuſpeita que perigue a vida,
Ora na Celeſtial tranquillidade
Crê que do claro Empyreo habitadora,
Immortal ſobre o Ceo reinando mora.

XVI.

Até que a ſi tornada docemente,
Corre a turba co'a viſta em grato gyro;
E como quem eſta aura ingrata ſente,
Rompe os longos ſilencios n'hum ſuſpiro:
Oh doce, (diſſe) oh Patria permanente!
Que eſcuro eſte ar parece, que reſpiro!
Feliz quem contemplando o Ceo formoſo;
Vive no ſeio do celeſte eſpoſo!

XVII.

Paſmado Diogo, e a multidão, que a ouvia,
Calão todos no aſſombro de admirados,
Nem já duvidão que visão ſería,
Em que ouvíra os myſterios revelados:
Quando occultos ſegredos Deos confia,
Não devem ſer (diz Diogo) propalados;
Mas ſe em parte, como eſte, he manifeſto,
Temerario não ſou, ſe inquiro o reſto.

XVIII.

XVIII.

Narra-nos, feliz alma, a visão bella,
 Quem ſabe ſe por ti nos manda aviſo
 A Providencia, que ao governo véla,
 Do mortal nos ſeus fins ſempre indeciſo:
Não nos cales em tanto o que revela
 Por noſſo lume, o excelſo Paraiſo,
 E a noſſos rogos com memoria prompta,
 Dizendo quanto viſte, tudo conta.

XIX.

Calárão todos com ouvido attento,
 Pendendo da expreſsão de Catharina;
 E tomando na poppa em roda aſſento,
 Dão-lho ſobre hũ canhão, q̃ ao bordo inclina:
Mandais-me (a Dama diſſe) que o portento
 Haja de expôr-vos da impreſsão divina:
 Quem poderá contar couſa tão alta,
 Quando o lume ceſſou, a ſciencia falta?

XX.

Nem inculco em meu ſonho hum ſacro inſtinto,
 Que tudo fingir póde a fantaſia;
 Porque a imagem talvez que n'alma pinto,
 Por força natural ſe fingiria:
Póde ſer, ſe preſagà a idéa ſinto,
 Que ſem extraordinaria profecia,
 Anteveja o ſucceſſo, o tempo, e o praſo;
 E depois não ſucceda, ou ſeja acaſo.

XXI.

Vi, não ſei s'era impulſo imaginario;
Hum globo de diamante claro, e immenſo;
E nos ſeus fundos figurar-ſe vario
Hum Paiz opulento, rico, e extenſo:
E applicando o cuidado neceſſario,
Em nada do meu proprio o differenço;
Era o aureo Brazil tão vaſto, e fundo,
Que parecia no diamante hum Mundo.

XXII.

Fixo os olhos attenta no eſtupendo
Milagroſo eſpectaculo, que via,
E em tres legoas de boca vi correndo
Por doze de diametro a Bahia.
Seis rios pelo golfo diſcorrendo,
Engenhos, povoações, que deſcubria,
Erão como ornamentos da Cidade,
De que ſe ergue no plano a Mageſtade.

XXIII.

Parecia em ſeis bairros dividida,
Com duas Praças de extensão formoſa;
Fortaleza alli vi na barra erguida,
Outra a parte de terra mageſtoſa:
A enſeada por oito defendida,
E outra em Taparica poderoſa;
Duas caſas de polvora, e na entrada
Vi-me a mim de huma dellas retratada.

XXIV.

XXIV.

Dentro a hum Templo magnífico ſe via
De ſeus Prelados turma numeroſa,
De que hum ás mãos dos barbaros morria,
Outro a eſpada cingia valeroſa:
Muitos de alta virtude os matos via,
Com caridade diſcorrer zeloſa, (to,
Sem poupar tẽpo, eſtudo, ou vida, ou gaſ-
Por propagar a Fé no Sertão vaſto.

XXV.

No grão palacio em tintas retratados
Os que o governo do Brazil tiverão,
Os Souſas na Bahia decantados,
Os nobres Coſtas, que depois vierão:
Mas entre outros na guerra celebrados,
Por troféos, que vencendo merecêrão,
Mendo de Sá de glorioſa fama,
Que Pai da Patria no Brazil ſe acclama.

XXVI.

Deſte era prole o intrepido Fernando,
Que alli vi fulminando a forte eſpada;
E contra a feroz gente peleijando,
Deixou a morte com valor vingada:
Mas da Bahia os olhos levantando,
Vi diſcorrer no mar potente Armada,
Que as Ilhas occupando, e a vaſta terra,
Movia no Brazil funeſta guerra.

XXVII.

XXVII.

Parecia-me a frota bellicoſa
 Franceza gente, que o Brazil tentava,
 Pedro Lopes de Souſa em furioſa
 Naval batalha o mar lhe conteſtava:
N'outra acção com Eſquadra numeroſa
 Luiz de Mello e Silva peleijava;
 Chriſtovão Jaques, que eſte mar corria,
 Dous navios lhe affunda na Bahia.

XXVIII.

Era de França ſim a adverſa gente;
 Mas por culto inimigo ao Rei contraria,
 E ao rito Calviniſtico adherente,
 Enviava ao Brazil Tropa adverſaria:
E protegida da facção potente
 Com as forças, e Armada neceſſaria,
 Querião para a infanda ceremonia
 Fabricar a Calvino huma Colonia.

XXIX.

Cavalheiro de Malta, e Franco nobre
 Era Villagalhon de forte peito,
 Soldado antigo, que o valor deſcobre,
 E entre os Hugnotes do maior reſpeito:
De mil promeſſas o Partido cobre,
 Havendo-o a empreza do Brazil eleito;
 E abonada de hum Chefe de eſperança,
 Dá-lhe a mão a Hereſia em toda a França.

XXX.

XXX.

Eſte vi navegando a Cabo-Frio,
 Seguido de outras náos na forte empreza;
 E que tratando affavel co' Gentio,
 Explorava do ſitio a natureza:
Moſtrava aos naturaes animo pio;
 E arguindo-lho a gente Portugueza,
 Induz a Naçáo bruta a que lhe aſſiſta
 Na empreza do commercio, e da conquiſta.

XXXI.

Voltou a França o Cabo diligente,
 Tendo de ricas drogas carregado;
 E convocando ás náos armada gente,
 Torna de turba ingente acompanhado:
Nem tarda do Sertáo cópia potente
 De hum povo, que nas armas alliado,
 Por amigo eſtimava mais ſincero,
 Menos inculto ſim, porém mais fero.

XXXII.

Alli Villagalhon, que o troço aloja,
 A's gentes do Sertáo ſe confedera;
 E toda a coſta a dominar ſe arroja,
 De donde os noſſos expulſar já eſpera:
Do ſeu commercio o Portuguez deſpoja,
 Na fertil Paraíba, em que util era;
 Nem ha na coſta do Brazil enſeada,
 Que o Hugonote náo tenha bloqueada.

XXXIII.

XXXIII.

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
Tres náos, que em guerra cuidadoſo armára,
Com oito de commercio tem comſigo,
Além das que em ſoccorro convocára:
E por ter força igual ás do inimigo,
Sobre longas canoas, que ajuntára,
Guia contra os Tamoios prepotentes
Do bravo Carijó turmas valentes.

XXXIV.

Nbighe-teroi ſe chama a vaſta enſeada,
Que eſtreita boca, como barra encerra,
Fechando em vaſto porto á grande Armada
Hum lago, que em redondo cinge a terra:
Vê-ſe Ilha penhaſcoſa ſobre a entrada,
Com fortaleza, que diſpoſta em guerra,
Por boca dos canhões rumor fazendo,
Fechava a barra ao valeroſo Mendo.

XXXV.

Era a Ilha de róchas guarnecida,
Que em torno tem por natural muralha,
Donde a força das balas rebatida,
Faz inutil dos Luſos a batalha:
Tres dias foi dos noſſos combatida,
Sem que o fogo inceſſante aos noſſos valha,
Até que fatigado o invicto Mendo,
Invade á eſcala viſta o forte horrendo.

XXXVI.

XXXVI.

Entre fréchas, e balas deſtemido
Na penha o Portuguez trepando ſalta;
E deixando o Francez eſmorecido,
Degolla, mata, fere, invade, e aſſalta:
Nem do antigo valor cede eſquecido
O Francez animoſo, até que falta
De ſangue a brava gente na contenda,
Faz a perda, e canſaço que a Ilha renda.

XXXVII.

Nem mais demora teve o invicto Mendo
Ao ver a gente adverſa diſſipada,
E a excelſa fortaleza desfazendo,
A coſta viſitou na forte Armada:
E tudo ao nome ſeu ſujeito havendo,
A' Bahia tornou, que illuminada
Entre o ſom do clarim, e alegre trompa,
Em triunfo a Mendo recebeo com pompa.

XXXVIII.

Mas a facção do Hugnote enfurecida
Villagalhon potente ao Brazil manda,
Que a Ilha recobrando já perdida,
Guerra intenta fazer por toda a banda:
Vê-ſe a noſſa Marinha combatida,
E a forte Eſquadra, q̃ o Francez commanda,
Dominante no Oceano por modo,
Que impedia o commercio ao Brazil todo.

XXXIX.

Mais não tolera a Lusa Monarquia,
Que ao Rei Christianissimo adherente,
Contra a rebelde heretica porfia,
Armada põe na America potente:
Chefe Estacio de Sá prudente envia,
De válidos galeões com forte gente,
Que o Herege expulsando da enseada,
Deixe nova Cidade alli fundada.

XL.

Obsequioso abraçava o claro Mendo
O valeroso Chefe seu conjunto,
As forças da Bahia unido tendo
As que trouxera sobre o mesmo assumpto:
Contra os esforços do Tamoio horrendo
Accommette o rebelde em liga junto,
Incorporando á Armada Lusitana
Vasto esquadrão da turba Americana.

XLI.

Chama-se Pão de assucar o penedo,
Em pyramide ás nuvens levantado,
Onde de hum salto tinha já sem medo
A turba militar desembarcado:
Nadava pelo mar vasto arvoredo
Do Gentio em canoas habitado;
E do ardente Francez luzida Tropa,
Que habil n'arte de guerra fez a Europa.

XLII.

XLII.

Deſtes o Luſo campo accommettido
De dardos, fréchas, balas ſe embaraça,
Em ſombra o ſeio todo eſcurecido,
As náos occultão nuvens de fumaça:
E ao echo dos canhões entre o ruido,
Tudo eſtá cego, e ſurdo em campo, e praça;
E no horrivel relampago das peças
Cahem por terra os buſtos ſem cabeças.

XLIII.

Voão as náos de chammas occupadas,
Enchendo a enſeada do infernal eſtrondo,
As canoas dos noſſos abordadas,
E os galeões, que em linha ſe vão pondo:
Os golpes, que retinem das eſpadas,
O golfo, que arde em chammas em redondo,
Erão na terra, e mar em ſangue tinto
Hum abyſmo, hũ inferno, hum labyrintho.

XLIV.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
Dura a batalha com commum perigo,
Ceſſando o impulſo do contrario fogo,
Todo o eſtrago apparece do inimigo:
Tinha cedido da contenda logo
Receoſo o Tamoio do caſtigo;
E os Francezes, que as náos mal ſuſtentavão,
Entre as penhas o aſylo procuravão.

XLV.

XLV.

Não ceſſa o bravo Sá contra o Gentio,
  E a forte tropa pelo mato avança;
  Porque abatendo o orgulho, e inſano brio,
  Se apartaſſe o Sertão da infame alliança:
Nem receia o Tamoio o deſafio,
  Tendo no ſeu valor tanta confiança,
  Que fugindo da aldea ao mato, e gruta,
  A liberdade ao Portuguez diſputa.

XLVI.

Era aſpero o combate, e lenta a guerra,
  E ſem effeito o aſſedio ao Francez poſto;
  E o barbaro, embrenhado dentro a terra,
  Tinha emboſcada ao Portuguez diſpoſto:
Mendo, que n'alma o grão cuidado encerra,
  Tendo de Eſtacio ſoccorrer propoſto,
  Faz levas, buſca nãos, e a gente incita,
  E em auxilio dos ſeus partir medita.

XLVII.

Já dobra o frio Cabo a eſquadra ingente,
  E á viſta do penhaſco lança a amarra,
  Paſma o rebelde, vendo a Armada á frente
  Occupar numeroſa a eſtreita barra:
Une-ſe a frota alli da Luſa gente,
  E os mutuos caſos vangloriofo narra,
  Irmão a irmão, e o filho ao Pai, feſtivo
  Por ter chegado ſão, e achallo vivo.

XLVIII.

XLVIII.

Chega aos braços de Eſtacio o forte Mendo;
  E por feſtiva ſalva eſtrepitoſa,
  Faz que vomite o bronze o fogo horrendo,
  Contra a Ilha, que aviſtão penhaſcoſa:
E largamente conſultado havendo
  Os dous Chefes da empreza glorioſa,
  Contra o penedo tentão no mais alto,
  A peito deſcuberto, hum fero aſſalto.

XLIX.

Vem-ſe entre as penhas formidaveis bocas
  De canhões, e moſquetes trovejando;
  E nas quebradas eſpantoſas rocas
  Do barbaro Tamoio o immenſo bando:
Muitos alli das aſperas barrocas
  Vão os noſſos fuzís precipitando,
  Outros da rota penha em meio ás gretas,
  Cubrião contra nós todo o ar de ſettas.

L.

Não ceſſava o rebelde bellicoſo
  Com vivo fogo o aſſalto rebatendo,
  Em quanto ſobe o Luſo valeroſo,
  Trepando em furia no penedo horrendo:
Quem no meio do impulſo impetuoſo,
  Cahe na ruina o proximo involvendo,
  Quem ferido da frécha, ou veloz bala,
  Do mais alto da penha ao mar reſvala.

LI.

Todo o penhaſco em fogo ſe fundia,
Em quanto o mar em roda em chámas ferve,
Entre o fracaço, e fumo que ſahia,
De nada o ouvido vale, e a viſta ſerve:
A terra toda em roda eſtremecia;
E ſem que a agoa do incendio ſe preſerve,
Parecia ferver do fogo inſano,
Eſcondendo a cabeça o Padre Oceano.

LII.

Qual do Veſuvio a boca pavoroſa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuoſa
Parte do vaſto monte involta em chamma:
A cinza cobre o Ceo caliginoſa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal eſpantado, e tremebundo,
Crê q̃ o Ceo caia, e que ſe funda o Mundo.

LIII.

Tal de Villagalhon na penha dura,
Do horrifico trovão freme a tormenta,
E a cháma entre a fumaça horrenda, e eſcura
Do infernal lago as furnas repreſenta:
Porém do proprio fumo na eſpeſſura
A pontaria, que o rebelde intenta,
Evita o Portuguez, que ataca incerto
A eſcala viſta, e a peito deſcuberto.

LIV.

LIV.

E já no grão penedo tremolavão
As Lusas Quinas pelo forte Estacio,
E as Lises do penhasco se arrancavão,
Donde a Villagalhon se ergue hum palacio:
Pela roca os Tamoios se arrojavão,
E o valor Luso dando inveja ao Lacio,
A guarnição Franceza investe á espada,
E obriga em duro choque á retirada.

LV.

O valente Francez, que a bellica arte
Já com valor na Europa professára,
O peito á fuga oppõe por toda a parte,
E faz que volte o fugitivo a cara:
E vendo Estacio só junto ao Estandarte,
Que por Chefe dos Lusos se declara,
Cuida de hum golpe terminar a empreza
No General da gente Portugueza.

LVI.

Não desfalece o Capitão valente;
E de hum, e de outro lado accommettido,
Rebate as balas sobre o escudo ingente,
E arroja-se ao rebelde enfurecido:
Lebrun despoja do mosquete ardente,
Com que muitos de hum golpe tem ferido,
Outros do ingreme posto ao mar despenha,
E alguns expulsa da soberba penha.

LVII.

LVII.

E já fugia a timida caterva,
Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
Donde a viſeira deſcuberta obſerva,
Lhe aponta deſde longe ardente bala.
Cahindo o heróe na eſpada, que conſerva,
Adora humilde a Cruz, e perde a falla:
Banha-ſe em ſangue o chão, e em tanta gloria
Regada a terra produzio victoria.

LVIII.

Porque em quanto em ſeguillo divertido,
Abandona o Francez a fortaleza,
Tinha parte do Exercito ſubido,
A dar fim com victoria á forte empreza:
Admira Mendo o braço eſclarecido;
E bem que do ſobrinho o valor preza,
No juvenil ardor notou magoado
O tomar Chefe as partes de ſoldado.

LIX.

A Patria (o nobre Sá diz lagrimando)
Victima irás da fé, da liberdade,
Vigor no ſangue heróico á terra dando,
Donde ſe erga immortal nova Cidade:
O caſo acerbo aos poſteros contando
Tenhão ſeus Cidadãos da heroicidade
Clara lição no Fundador primeiro,
Gloria eterna do Rio de Janeiro.

LX.

LX.

Tal nome deo á enſeada no recordo
Do mez, que illuſtre foi por caſo tanto,
E á Cidade deixou com juſto acordo
A clara invocação de hum Martyr Santo:
E havendo as Tropas recolhido a bórdo,
Deſcançadas do bellico quebranto,
Faz immortaes no tempo tranſitorio
Os Correas, e Sás no novo emporio.

LXI.

Em tanto do Tamoio a gente bruta,
Mais feroz ſempre na Marcial contenda,
Contra a nova Cidade em fera luta,
Movia guerra pelo mar tremenda:
Mas Mendo para a barbara diſputa
Faz que hum Chefe Tapuia o mar defenda,
Ararigboia aos ſeus nomea a fama,
Martim Affonſo por Chriſtão ſe chama.

LXII.

Principe foi nas Tabas reſpeitado,
Que ao nome Portuguez na guerra addicto,
Tinha com Mendo os ſeus capitaneado,
Sempre contra o Tamoio em campo invicto:
Quatro guerreiras nãos tinha avançado
O rebelde, depois do grão conflicto,
E em oito lanchas Ararig buſcando,
Do Cabo Frio a ponta hião dobrando.

LXIII.

Saltáo da noite no ſilencio eſcuro
  As bellicoſas mangas guarnecidas,
  De immenſas chuſmas do Tamoio duro,
  Que obrar deviáo na campanha unidas:
E em quanto tem o campo por ſeguro,
  Jaziáo pelas praias eſtendidas,
  Para inveſtir co'a luz, que já arraiava,
  A aldea de Ararig, que os eſperava.

LXIV.

Mas o bravo Tapuia bellicoſo
  Antevendo o deſcuido do inimigo,
  Buſca o manto da noite inſidioſo,
  Para inveſtillos no nocturno abrigo:
Convoca os ſeus guerreiros animoſo;
  E ſem dizer-lhes mais do ſeu perigo,
  Depois q̃ hum breve eſpaço os olhou mudo,
  Diſſe cheio de ardor, batendo o eſcudo.

LXV.

Sú, valeroſa, intrepida caterva;
  Que eſperamos no noſſo alojamento?
  Acaſo até que o campo em chuſma ferva,
  E nos buſque o Francez no proprio aſſento?
Sei por eſpia, que o ſeu campo obſerva,
  Que dorme ſobre as praias deſattento,
  Onde ſe o ſurprendermos de improviſo,
  Sentiráõ todo o damno antes do aviſo.

LXVI.

LXVI.

Baſta que em marcha procedais quieta,
E que invadindo a turba deſcuidada,
Não cuideis de empregar a bala, ou ſetta,
Mas que tudo leveis á pura eſpada:
E quando o vaſto campo ſe accommetta,
Deixando-lhe ás canoas livre entrada,
Antes que o ferro vibre os ſeus revezes,
Deſarmai, ſe puderdes, os Francezes.

LXVII.

Chamão corpo da guarda, onde o ſoldado
Coſtuma pôr as armas nas vigias;
Alli correi com impeto apreſſado,
Seguindo o paſſo ſempre das eſpias:
Que nada o Francez póde deſarmado,
E ſem as chammas que derrama impías,
Ficará deſde o impeto primeiro
Nas mãos da noſſa Tropa prizioneiro.

LXVIII.

Diſſe o aſtuto Ararig, e a lento paſſo
Cada hum pela brenha vai diſperſo,
Devendo a dado tempo, e a certo eſpaço
Qualquer unir-ſe em batalhão diverſo:
E achando em ſomno deſcuidado, e laſſo,
Sem ſentinellas ter, o campo adverſo,
Hum a hum, pé ante pé, em marcha tarda,
Aſſaltão juntos a ſopita guarda.

LXIX.

Juntas as armas de improviſo apanhão,
Matando as guardas meio adormecidas;
E depois que a armaria toda ganhão,
Quantos as vem buſcar perdem as vidas:
O ſomno com as mortes acompanhão;
E outros vendo ſem armas as partidas,
Porque a cauſa não ſabem do tumulto,
Buſcão as lanchas, por fugir do inſulto.

LXX.

Ararigboia, como hum raio ardente,
Huns dormindo degolla pela arêa,
Outros ſem armas, que rendidos ſente,
Prizioneiros com cordas encadea:
A fiel Tropa pela praia ingente
Toda deixa a campanha de horror chea,
Cubrindo de cadaveres o plano,
Alagado co'a eſpada em ſangue humano.

LXXI.

E já nos Ceos riſonha apparecia
A Eſtrella d'alva as trévas apartando,
E com tremula luz o incerto dia,
No extremo do Horizonte hia arraiando:
Quando o eſtrago da noite apparecia,
E prezo, ou morto o Franco demoſtrando,
Nem as lanchas ſe ſalvão, que a vaſante
Em ſeco as poz na mão do triunfante.

LXXII.

LXXII.

Náo ceſſava Martim contra a eſpantada
Multidáo de Tamoios, que ſe embrenha;
E deixando-lhe a aldea derribada,
Náo ſe lhe eſconde algũ no mato, ou brenha:
Muitos no Averno lança com a eſpada,
Fugindo outros ao mar n'agoa deſpenha,
Nem fulminando a maſſa a algum perdoa,
Occulto na cabana, ou na canoa.

LXXIII.

Fez eſte marte do Brazil conſtante
A' Naçáo dos Tamoios tanta guerra,
Que elle ſó com a eſpada fulminante
Lhe extingue o nome, e deſpovoa a terra:
Mais náo ouſa o rebelde mariante,
Em quanto Ararigboia no campo erra,
Deſembarcar na coſta, ſem que o bravo
O deixe cõbatendo, ou morto, ou eſcravo.

LXXIV.

Vi que do excelſo throno vinha em tanto
Huma Auguſta donzella adormecida,
De quem brilhava ſobre o aſpecto ſanto
A piedade, a abundancia, a ſciencia, a vida:
Do ſeio derramava do aureo manto
A opulencia no mundo appetecida;
E logo que foi viſta ſobre a terra,
Submergio-ſe no Averno a infauſta guerra.

LXXV.

Era a Divina paz, que o Ceo nos manda,
  Premio de hum ſceptro, que da fé zelante
  Propaga o ſanto culto, onde commanda,
  E as Leis defende da Juſtiça amante:
Sem os eſtragos de huma guerra infanda
  Gozará o Brazil de paz conſtante,
  Por ſetenta annos de hum governo juſto,
  Tendo tranquilla a terra, e o mar ſem ſuſto.

LXXVI.

Nem mais a eſpada, e bomba pavoroſa
  Se ouvirá na Marinha, e Sertão vaſto,
  A voz ſó do Evangelho poderoſa,
  Simples, ſem artificio, induſtria, ou faſto:
A ſemifera gente vicioſa
  No jugo conterá de hum temor caſto;
  E ás mãos dos ſeus Apoſtolos ſe aviſta,
  Com as armas da Cruz feita a conquiſta.

LXXVII.

Mas vi em tanto o Luſitano Imperio
  Na Libya ardente em ſangue ſubmergido,
  E o ſeu dominio no Indico hemisferio
  Do Batavo nas agoas invadido:
E ou por deſcuido do governo Heſperio,
  Ou de mil contra-tempos combatido,
  Cedeo no vaſto mar por toda a banda
  O Imperio do Brazil á fria Hollanda.

LXXVIII.

LXXVIII.

Dezeſeis longos ſeculos contando,
Com annos vinte quatro a vulgar Era,
Vi a Batava eſquadra o mar ſurcando,
Onde Wilhekens General modera:
Petre Petrid os mares aſſombrando,
Por Almirante aos nauticos ſe dera,
Poder que á India navegar fingia,
E contra a expectação veio a Bahia.

LXXIX.

A fronte deſcubri da excelſa Praça,
As armas governando o bom Furtado,
Que antevendo os effeitos da deſgraça,
Tudo diſpunha com valor fruſtrado:
Convoca quanto encontra, e tudo abraça
Por oppôr-ſe ao perigo ameaçado;
Mas diſſipa-ſe a gente ſem batalha,
Por faltar náo valor, mas vitualha.

LXXX.

Diſpunha aſſim o Batavo experiente,
Antevendo que a turba mal unida,
Sem cauta providencia que a ſuſtente,
Esfriando no ardor toma a fugida:
E vendo a multidáo menos frequente,
E a plebe na tardança eſmorecida,
Quando menos o eſpera a chuſma fraca,
Occupando hum caſtello, o povo ataca.

LXXXI.

Ruiter, e Duchs com legiáo potente
  A porta invadem de S. Bento em furia;
  Mas rebatidos de impreſsáo valente,
  Ceſsáo, fugindo da intentada injúria:
Mas táo funeſto horror concebe a gente,
  Que a guerra ignora com profunda incuria,
  Que quando faz que Ruiter não ſe arroje,
  Deixa o terreno, e do vencido foge.

LXXXII.

Furtado de Mendoça, que náo víra
  Já mais do medo vil a fronte eſcura,
  Com ſetenta ſómente a face vira,
  E ſem mais que o ſeu peito a praça mura:
O amor da Patria, que o furor lhe inſpira,
  Faz que da vida, deſprezando a cura,
  Se arroje o Luſo ao Batavo, que o inunda,
  E hum fira, hũ deſpedace, outro confunda.

LXXXIII.

Mas vendo na manhá, que o Ceo deſcobre
  A Cidade do povo abandonada,
  Nem mais que o peito de Furtado nobre
  Com poucos dos ſetenta na eſplanada:
Teme que n'hum ſó peito o valor ſóbre,
  E que deixando a empreza retardada,
  Soccorro venha, donde bom partido
  Ao bravo Chefe ſe offerecco rendido.

LXXXIV.

LXXXIV.

Não tarda a fama a divulgar voando
Da Capital Brazilica o ſucceſſo,
Em quanto o Belga, q̃ lhe occupa o mando,
Recolhe da victoria o immenſo preço:
Treme em Madrid o throno, receando
Que o Belgico Leão, com tanto exceſſo,
Proſtre o de Heſpanha, e como o vulgo narra,
No Mexico, e Perú lhe imprima a garra.

LXXXV.

Cobre-ſe o mar de Eſquadras numeroſas,
Move-ſe a Luſa, e Hiſpana Fidalguia,
Vão-ſe embarcando legiões famoſas,
Todo em nautica chuſma o mar fervia:
Fadrique as nãos Hiſpanas poderoſas,
Menezes as de Liſia prevenia,
Vendo-ſe terra, e mar no caſo incerto,
De petrechos, canhões, e armas cuberto.

LXXXVI.

Já pela barra entrava da Bahia,
Com ſeſſenta e ſeis nãos ſoberba a Armada,
Doze mil homens de alta valentia
Occupavão ſobre ellas a enſeada:
De tanto nome em militar porfia,
Que a guarnição da Praça de aſſombrada;
Bem que finja valor neſta Conquiſta,
Antes que ao ferro ſe lhe abate á viſta.

LXXXVII.

LXXXVII.

Diſpõe-ſe em meia lua a Armada inteira,
Cerrando a fuga ao Belga eſmorecido,
Occupa o forte exercito a ribeira
Em dous quarteis aos lados dividido:
Mas o Batavo Quif na acçáo primeira,
Tendo o campo a Fadrique accommettido,
Com ſortida deixou no ardor inſana
Suſpenſa a Luſa gente, e rota a Hiſpana.

LXXXVIII.

Cheio o Belga de orgulho na acçáo brava,
Porque mais prove pela Patria o zelo,
Contra a Eſquadra, que os muros varejava,
Em dous baixeis arroja hum mongibelo:
Crê que he fuga o Menezes, que obſervava,
E move toda a Eſquadra ſem prevello,
E parece que Deos o impulſo inſpira,
Com que do occulto incendio as náos retira.

LXXXIX.

Hum gyro a Lua fez na azul esfera,
Em quanto os Belgas de valor já faltos,
Ceder diſpunháo na contenda fera
Ao furor inceſſante dos aſſaltos:
E quando mais ſoccorro não ſe eſpera,
Vendo que os mares ſe empollaváo altos,
Cede o Batavo humilde ao Luſo Hiſpano
A Capital do Imperio Americano.

XC.

Fallando proſeguia Catharina,
  Tendo a aſſemblea no diſcurſo attenta,
  Quando com furia o bordo ao mar inclina
  A náo, batida de horrida tormenta:
Tudo á manobra o Capitão deſtina;
  E vendo que onda horrivel ſe apreſenta,
  Lança-ſe o marinheiro á véla em preſſa,
  Acode Diogo, e Catharina ceſſa.

Eſ-

(1) *Este meio.* Projecto admiravel de fazer uteis as Conquistas á população das Nações que as fazem, pois he certo que com esta politica se formou, e cresceo a antiga República de Roma.

(2) Note-se que Colon não foi o descubridor do Brazil, mas Pedro Alvres Cabral; que ao mesmo Colon então habitante na Madeira deo os roteiros, com que descubrio a America Francisco Sanches, o qual fazem huns Andaluz, outros Biscainho; mas o Hespanhol Gomara Author coevo, e que militou entre os soldados de Colon, attesta que era Portuguez. Não he por tanto occasião de notar-se a expressão: *dando a Cabral o instincto, &c.*

(3) *Os Correas, e Sás.* Esta he a rama nobilissima dos Condes de Penaguião, que passando ao Brazil, deo os primeiros Conquistadores áquelle Estado; familia, que existe com a antiga gloria na Excellentissima Casa de Asseca, e nos dous dignissimos ramos da mesma os Excellentissimos Senhores Sebastião Correa de Sá, e João Correa de Albuquerque, Fidalgos, que o Brazil deve considerar por seus perpetuos Pais, e Protectores.

CAN-

CANTO IX.

I.

DEpois que o tempo torna bonançoſo,
E a noite vem tranquilla em branda calma,
De ouvir o mais do ſonho portentoſo,
Se accende a todos o deſejo n'alma:
E no empenho do Belga bellicoſo,
Deſejando eſcutar quem teve a palma,
Supplicão Catharina, que proſiga
Na narração do ſonho, e tudo diga.

II.

Vi (proſegue a Matrona) em Marte duro
Confundir-ſe o Brazil, vagar potente
O Batavo feroz; e o Reino eſcuro
Encher Plutão da deſditoſa gente:
Vi deſcendo as Milicias do Ceo puro,
A' plebe inerme com o zelo ardente,
Infundir valor tal, que conte a hiſtoria
Por milagre do Ceo cada victoria.

III.

Petrid e Iolo raios da Marinha,
  Com Esquadras do pélago Senhoras,
  Qualquer do lado seu queimado tinha,
  Com chammas o Brazil desoladoras:
Petrid a frota que das Indias vinha
  Com procellas de fogo abrazadoras,
  E nas náos lavra de thesouros cheias,
  Ao infausto Brazil novas cadeas.

IV.

Máquinas move o Belga ambiciosas,
  Supprindo os gastos com a immensa prata;
  E armando em guerra Esquadras numerosas,
  Occupar Pernambuco ao Luso trata:
Nem ás forças da Hollanda poderosas
  Oppõem o Hispano com a nova ingrata,
  Tal soccorro, que a Praça na contenda
  Do grão poder dos Batavos defenda.

V.

Rege de Pernambuco a terra extensa
  O intrepido Albuquerque, a tudo attento:
  Guarnece a Praça, os Esquadrões condensa,
  Dispõe ao fogo o bellico instrumento:
Quando á maneira de floresta densa
  Se vio cuberto o líquido elemento,
  Onde proas setenta o mar rompião,
  E o Wandemburgo General seguião.

VI.

VI.

Chamão *Páo amarello* hum ſitio ao lado
Da Cidade, que a frota accommettia,
Commodo ao deſembarque, e mal guardado
De Albuquerque, que as praias defendia:
Alli com quatro legiões formado,
A' bella Olinda o Batavo ſe envia,
Onde com turmas de inexperta gente
Se oppoz o Luſo Chefe ao Belga ardente.

VII.

Nem muito dura ao fogo deſuſado
O tímido eſquadrão da gente Luſa,
Que do inſolito horror preoccupado,
A fuga emprehende em multidão confuſa:
Hum ſobre outro ao fugir precipitado,
Render-ſe ao fero Belga não recuſa;
E a Cidade infeliz deixando aberta,
Qualquer ſe ſalva donde mais o acerta.

VIII.

Entra o Hollandez na Praça abandonada;
E quando de riqueza a cuidou chea,
Em triſte ſolidão deſamparada;
E acha ſem premio a cubiçoſa idéa,
Vingão nos templos a intenção malvada,
E o Altar profanão com infamia fea,
Tratando o pio Rito, e o ſanto culto
Com ſacrilega mente, e horrendo inſulto.

IX.

Mas não soffre da fuga o torpe medo
O valente fortissimo Temudo;
E tendo ao lado o intrepido Azevedo,
A espada empunha, embaraçando o escudo:
Ao ver do saco no funesto enredo
A fórma do Hollandez turbar-se em tudo,
Une alguns, que odiando a vil fugida,
Dão por preço da gloria a heroica vida.

X.

O', disse, honra immortal do nome Luso,
Corações valerosos, que em tal sorte
Fazeis da doce vida o melhor uso,
Comprando a gloria com a invicta morte:
Vedes sem fórma o Batavo confuso,
Da valerosa espada exposto ao córte:
Corra-se ás armas, que se os não vencemos,
Sem a Patria vingar não morreremos.

XI.

Disse; e empregando a fulminante espada,
Huma Esquadra invadio que discorria,
Com calices da Igreja profanada,
Que com insulto em derisão mettia:
De huns a fronte no chão deixou truncada,
De outros o peito com o ferro enfia,
De alguns, que insano accómettendo freme,
Talhado o braço sobre a terra treme.

XII.

XII.

Azevedo entre os mais, que no chão lança,
Tendo das balas empregado o impulſo,
Com fero gólpe de alabarda alcança,
De Ruiter, q̃ o accommette, o horrivel pulſo:
Deſpoja-o da arma, e furioſo avança,
Deixando-o em terra com tremor convulſo,
Corneliſten derriba, e o ferro emprega
Em Blá, que todo o chão com ſangue rega.

XIII.

Com furia igual, e impulſo deſtemido
Invade contra o Batavo a caterva,
E bem que a legião em corpo unido,
Em roda ao Luſo diſparando ferva:
Reſiſte o Portuguez nunca rendido,
Em quanto a vida com vigor conſerva;
Até que ſobre os Belgas derribados,
Cahirão mortos ſim, porém vingados.

XIV.

Tem por nome Arrecife hum forte poſto,
Que hum Iſthmo ſeparou do Continente,
Donde o Caſtello de S. Jorge oppoſto,
Defende o paſſo ao tranſito imminente:
Alli fazia aos inimigos roſto
O bravo Lima, que do Belga ardente,
Sem mais que trinta inviƈtos defenſores,
Trezentos ſacrifica aos ſeus furores.

XV.

Paſma de aſſombro Wandemburgo inſano,
Nem póde crer, ſe o não convence a viſta,
Que com força tão pouca o Luſitano
De dous mil Belgas ao furor reſiſta:
Sahe com todo o poder, e occupa o plano,
E em fórma regular tenta a conquiſta,
E nem aſſim o Lima ao fogo cede,
Em quanto auxilio ao General não pede.

XVI.

Recobrava-ſe em tanto valeroſa
Do primeiro terror a Luſa gente,
Que inexperta da pugna bellicoſa,
Cedêra no improviſo do accidente:
E acompanhando em Tropa numeroſa
Do intrepido Albuquerque o ardor valente,
O Belga uſurpador pelas ribeiras
Cercárão com reductos, e trincheiras.

XVII.

Plantão depois hum forte acampamento,
Donde ſe inſulte o Batavo inimigo,
Nem deixavão que hum ſó pudeſſe iſento
Sahir ſem damno ao campo, ou ſem perigo:
Cortão-lhe o paſſo, e impedem-lhe o ſuſtento,
Nem lhe concedem no terreno abrigo;
E occupando-lhe o gyro dilatado,
O Belga cercador deixão cercado.

XVIII.

Dous mil dos ſeus guerreiros eſcolhidos
 Contra Albuquerque Wandemburg avança;
 Mas achavão os Luſos prevenidos
 Do ſeu valor na nobre confiança:
Cahião das trincheiras rebatidos
 Do fogo os Belgas, ou da eſpada, e lança;
 E ſem que combatendo a mais ſe arrojem,
 Em deſordem do campo á praça fogem.

XIX.

Com quatro Companhias n'huma Armada
 Soccorro de Lisboa recebendo,
 Foi outra vez a Tropa reforçada
 Com gente, e munições n'outra de Oquendo:
Mil moſqueteiros, Tropa exercitada,
 No duro jogo de Mavorte horrendo,
 S. Felice conduz Meſtre de guerra; (1)
 Mas menos apto na que uſava a terra.

XX.

Com ſoccorro maior de Hollanda armado
 Contra Itamaracá corre o inimigo;
 Duas vezes porém foi rechaçado
 Com perda o Belga para o noto abrigo:
A' Paraíba, e Rio Grande enviado
 Mudava de lugar, não de perigo;
 E já menos biſonha a Luſa Tropa,
 Põe em fuga o Hollandez, ſe em campo o topa.

XXI.

A Wandemburgo no Hollandez Imperio
Succedêra Rimbach em guerras noto,
Que eſtimando dos Belgas vituperio,
Ser cada dia pelos noſſos roto:
Em quanto celebrava attento, e ſério
A Paſcoa o campo em Procisſáo devoto,
Com todo o poder Batavo accommette,
E o campo em confusáo batendo, mette.

XXII.

Náo ſe interrompe a ceremonia auguſta,
Orando o Clero com o ſexo pio,
Sahe o Orthodoxo contra a turma injuſta,
Tomando por ſagrado o deſafio:
E fundando no Ceo confiança juſta,
Peleijáo com tal fé, com tanto brio,
Que matando Rimbach em feio eſtrago,
Deráo aos Belgas da blasfemia o pago.

XXIII.

Mas o Ceo, que o flagello deſtinava,
Poder táo grande aos Batavos concede,
Que nada a Vandeſcop, que os moderava,
Depois deſta campanha o curſo impede:
Fica Itamaracá de Hollanda eſcrava,
Desfaz-ſe o campo, a Paraiba cede,
Perde-ſe o Rio Grande, e n'outra empreza,
Rende o Luſo o Pontal, e a Fortaleza.

XXIV.

XXIV.

Salva-ſe o reſto da facção perdida,
Nas Alagôas, ſitio defenſavel,
Onde do fero Belga perſeguida,
Aſylo buſca a turba miſeravel:
Mas foi da Heſpanha em brève ſoccorrida
Com brava Tropa em frota reſpeitavel,
Roxas de Borja a Pernambuco enviado;
De Albuquerque o baſtão tomou deixado.

XXV.

Roxas prompto no obrar, poſto em batalha
De Vandeſcop as Tropas inveſtia;
Mas o Belga Arquichofe a marcha atalha
Com ſoccorro que valído trazia:
Com tenebroſa ſombra os lutos talha
A noite, que começa, á morte impia,
Diſpondo Roxas em defenſa armado,
Eſperar o ſoccorro convocado.

XXVI.

Mas logo que a manhã moſtrou formoſa
Da batalha inimiga a fórma unida,
Mais não ſocega a chamma generoſa,
E inveſte ardente a Batava partida:
Cobre os Ceos a fumaça tenebroſa, (vida,
Perde o Hiſpano, e Hollandez na empreza a
E nem eſte, nem o outro alli vencêra,
Se o temerario Roxas não morrêra.

XXVII.

S. Felice na guerra Meſtre aſtuto ,
Succede no governo ao bravo Hiſpano,
E Brazilico Fabio em tanto luto
Salvou na retirada o Luſitano:
Foi das palmas Batavicas produto
Governar o Paiz Pernambucano
O Conde de Naſſau, que o Belga envia,
General das Conquiſtas que emprendia.

XXVIII.

Era Naſſau nas armas celebrado,
Com que illuſtrava o excelſo naſcimento,
Principe então no Imperio reſpeitado ,
Nutrindo igual ao ſangue o penſamento:
Entrou de forte Armada acompanhado,
E no Arrecife ſituando o aſſento,
Levantou fortes, e em paizes bellos
Guarneceo as Colonias com Caſtellos.

XXIX.

Mas aſpirando a empreza memoravel ,
Todo o exercito, e Armada prevenia,
E achando Pernambuco defenſavel ,
Invadio no reconcavo a Bahia:
S. Felice com reſto miſeravel
Alli novo ſoccorro ao Rei pedia,
Quando ao bravo Naſſau diſpunha a ſorte
Hum Chefe nelle oppor prudente, e forte.

XXX.

XXX.

Tudo diſpunha o Conde em fórma, e arte
De rebater do Batavo a interpreza,
Diſpõe pela Cidade em toda a parte
Os meios, e inſtrumentos da defeza:
Faz groſſas levas, e eſquadrões reparte,
E tudo preparando á forte empreza,
Nada eſqueceo de quanto na Milicia
Inventa a militar sábia pericia.

XXXI.

Entrava em tanto pela vaſta enſeada
Naſſau, que as praias enche da Bahia,
Com a terrivel mageſtoſa Armada,
Que com quarenta náos linha fazia:
E ao ſom da trompa Marcial tocada
Em gratos écos de horrida harmonia,
Enche a horrenda procella em taes enſaios
A enſeada de trovões, e o Ceo de raios.

XXXII.

Em tanto o claro Silva que occupava
Do ſupremo governo o excelſo mando,
A S. Felice o poſto renunciava,
Ficando por ſoldado ao ſeu commando:
Heróica acção, que pela Patria obrava,
Maior pericia em outrem confeſſando,
E merecendo nella em tanta empreza
Da Corte acclamações, do Rei grandeza. (2)

XXXIII.

XXXIII.

Desembarca Naſſau com turba ingente
Junto de Tapagipe, e emprende o oiteiro,
Que nomear coſtuma a vulgar gente
Do antigo habitador, *Padre Ribeiro*:
Mas S. Felice, que o antevio prudente,
De poſto o bate, que occupou primeiro;
E depois que ſeiscentos deſtro mata,
Em grande parte o Belga disbarata.

XXXIV.

Largos dias Naſſau bate a trincheira,
Que lhe oppoz ao Quartel Banholo á frente;
Mas o Belga em batalha verdadeira
Por muitos dias ſe avançava ardente:
Cobre-ſe a terra em horrida maneira
De hum monte de cadaveres ingente,
Vendo os Belgas cahir, ſem que deſiſta
Naſſau com tanto ſangue da conquiſta.

XXXV.

E já desfeito o exercito ſe via,
Ferido o Official, e a gente morta,
Sem que ceſſaſſe o ardor nos da Bahia,
Que o S. Felice rege, e o Silva exhorta:
Pede tregoas Naſſau neſta porfia,
E tudo com a Tropa as náos tranſporta,
Fugindo do perigo o infauſto effeito,
Com perda igual de gente, e de conceito.

XXXVI.

XXXVI.

Dous dias na enſeada por vingança
  Bate a Eſquadra a Cidade ſem perigo,
  Com balas, e granadas, que em vão lança,
  Parecendo mais ſalva, que caſtigo:
Sobreveio ao Brazil nova eſperança
  De expugnar com mais forças o inimigo;
  Mas foi o effeito das promeſſas vario,
  Impedindo o ſoccorro o mar contrario.

XXXVII.

Vi neſte tempo em confusão paſmoſa
  A Monarquia em Liſia dominante,
  E a Caſa de Bragança glorioſa
  Nos quatro Imperios triunfar reinante:
A Bahia com pompa mageſtoſa
  Feſtejar o Monarca triunfante,
  E o Pernambuco de deſgraças farto,
  Invocar Pai da Patria D. João Quarto.

XXXVIII.

Tratava o novo Rei com fé provada
  A Batavica paz, que ſem juſtiça,
  Deixava ao meſmo tempo quebrantada
  O Belga injuſto pela vil cubiça:
Occupa o Maranhão Batava armada, (ça,
  E outra Eſquadra em Serſipe o incendio ati-
  Pertendendo occupar com falſo engano
  Toda Africa, e Brazil ao Luſitano.

XXXIX.

Cede do ſeu governo de affrontado
  O General Naſſau, tornando a Hollanda,
  Tendo o conſelho do Arrecife armado
  Mil artificios de calumnia infanda:
Nem contra os habitantes moderado
  O duro freio no governo abranda,
  Onde a plebe aggravada que o experimenta,
  O jugo ſacudir com gloria intenta.

XL.

João Fernandes Vieira foi na empreza
  O inſtrumento da Patria liberdade,
  Heróe, que ſoube uſar da grã riqueza,
  Libertando o Brazil deſta impiedade:
De amigos, e parentes na defeza
  Tentou furtivamente a ſociedade,
  E como a pedra a Eſtatua de Nabuco,
  O Belga derribou de Pernambuco.

XLI.

Nomeou Cabos, Tropas, Companhias,
  Pedio ſoccorros, e invocou prudente,
  Expondo do Hollandez as tyrannias
  O Governo Brazilico potente:
Aviſa ſem demora Henrique Dias, (3)
  Capitão dos Ethiopes valente,
  E o forte Camarão, q̃ em guerra tanta, (4)
  Com os ſeus Carijós o Belga eſpanta.

XLII.

XLII.

Ouve o Hollandez com ſuſto o movimento;
E querendo opprimir naſcente a chamma,
Com dous mil homens prevenia attento
A nova guerra, que o Vieira inflamma:
Deixára o Luſo Chefe o alojamento,
E os Belgas, que á cilada occulto chama,
Empenhou de hum lugar nas duras rocas,
A que o monte chamárão das Tabocas.

XLIII.

Entre arbuſtos, e canas de improviſo
Diſpara o Luſo ſobre a incauta gente;
E precedendo o damno antes do aviſo,
Disbarata o Hollandez com furia ardente:
Suſpende a marcha o Batavo indeciſo,
E ſem ver o inimigo, o golpe ſente,
Até que vendo o eſtrago dos ſoldados,
Cedem o campo, e fogem deſtroçados.

XLIV.

Hollanda era potente, e o Luſo afflito,
Onde enchendo Lisboa de ameaças,
Por ter noticia do infeliz conflito,
Meditava ao Brazil novas deſgraças:
Mas por guardar os ſeus o Rei invicto,
Diſpoz piedoſo nas Provincias laſſas,
Providencias, que á paz chamar pudeſſem
O tumulto, em que os noſſos permanecem.

XLV.

XLV.

Vão com dous Regimentos deſtacados
O Moreno, e Negreiros da Bahia
A dar paz (ſe he poſſivel) deſtinados
Na guerra, que o Vieira então movia:
Virão veigas, e campos abrazados,
E o colono infeliz, que perecia,
Com laſtima da Tropa, que obſervára,
Todo o eſtrago, que o Belga alli cauſára.

XLVI.

Aviſtado o Negreiros, e o Vieira,
Venho (diſſe o primeiro) a prizão dar-vos,
Por haver provocado a ira eſtrangeira
A huma guerra, que acabe de aſſolar-vos:
He juſto que eu tambem prender-vos queira,
Mas ſerá (diſſe o heróe) com abraçar-vos;
E aſſim dizendo alegre move o paſſo,
E os dous recebe com feſtivo abraço.

XLVII.

Outro tanto fazia a Tropa unida
Ao invicto Eſquadrão Pernambucano;
E applaudindo a victoria conſeguida,
Deteſtão do Hollandez o enorme engano:
Nem muito tarda a gente fementida,
Que não abraze a Eſquadra ao Luſitano,
Onde embarcado pela paz chegára,
Como o Batavo proprio o convidára.

XLVIII.

XLVIII.

Ouvem-ſe em tanto os miſeros clamores
De turba feminina, que invocava
O ſoccorro dos ſeus libertadores
Contra o Belga cruel, que as cativava:
Mais náo ceſſa o Vieira, e ſem rumores
O Engenho, aonde incauto deſcançava
O Belga General cercado; bate,
E rendendo-o á prizáo, vence o combate.

XLIX.

Henrique Hus do Arrecife Commandante
Era o Cabo dos Belgas prizioneiro,
Blac rendido tambem, Chefe importante,
Subalterno nás armas do primeiro:
Foge do Luſo o Batavo arrogante,
Eſpalhando os fuzis no gráo terreiro,
E a chamma teme, q̃ no horrendo empenho,
Lançára o Vieira pelo vaſto engenho.

L.

Com fama de victoria táo brilhante
Toma as armas a plebe, e o Belga invade,
Serinhaem tomou, Villa poſſante,
O partido commum da liberdade:
Segue Iramaracá com fé conſtante,
Porto Calvo, e os contornos da Cidade,
Deixando no Arrecife ſem remedio,
Encerrado o Hollandez com duro aſſedio.

LI.

Mas não ceſſa na Hollanda a companhia,
E ao numeroſo exercito, que ordena,
Sigiſmundo Van-Scop por Chefe envia,
Munido em guerra de potencia plena:
Do experto General, que deſconfia
O premio ao valeroſo, ao fraco a pena,
E emprendendo com forças o combate,
O inimigo Vieira ou prenda, ou mate.

LII.

Abordando o Arrecife então cercado,
A inercia dos ſeus Chefes reprehende,
Nem muito tarda, que no campo armado,
Não ſaia a Olinda, que expûgnar emprende:
Em aſſalto a accommette duplicado,
E a brava Tropa, que ao preſidio attende,
Com tanto alento o Batavo rechaça,
Que ferido Van-Scop ſe acolhe á Praça.

LIII.

Sem que deſiſta da paſſada inſtancia,
Tenta de novo a empreza da Bahia;
Mas notando nos Luſos a conſtancia,
Que injúria do poder lhe parecia:
Conſome do Reconcavo a abundancia
Com frequentes ſortidas, que emprendia;
E porque creſça na Cidade o tédio,
Occupa Taparica, e põe-lhe o aſſedio.

LIV.

LIV.

Telles em tanto, que expulſar pertende,
Sem igual força o Batavo contrario, (de,
Contra o cómum conſelho o ataque empren-
E tudo expõe no impulſo temerario:
Mas vendo o Luſo Rei, que a nada attende,
O Belga nos ſeus pactos ſempre vario,
Manda Armada ao Brazil, que poderoſa
A Batava Naçáo dome orgulhoſa.

LV.

Teme o golpe Van-Scop, e deſampara,
Por guardar o Arrecife, Taparica,
Antevendo que a Eſquadra ſe prepara
Contra a Praça, que auxilio lhe ſupplíca:
Barreto de Menezes, que chegára
De novo General patente indica,
E em Pernambuco ſublimado ao mando,
Com prudencia, e valor foi governando.

LVI.

Nove mil homens, Tropa valeroſa,
E com frequentes palmas veterana,
Manda o Batavo a empreza perigoſa,
Que á guerra ponha fim Pernambucana:
Occupa o mar Armada poderoſa;
E dominando a praia Americana,
Uſurpa em mar, e terra alto dominio,
Ameaçando dos Luſos o exterminio.

LVII.

LVII.

Põe-ſe em campanha o Batavo terrivel,
Com ſete mil de veterana Tropa,
Vão denſos bandos do Gentio horrivel,
Com deſtro gaſtador vindo da Europa:
E eſtimando a potencia irreſiſtivel,
Cede ao Belga a Barreta, e quanto topa, (5)
Em quanto em defenſiva o Luſo fica,
E o campo contra o Belga fortifica.

LVIII.

Sigiſmundo porém, que os baſtimentos
Em Moribeca aſſegurar procura,
Diſpunha alli tomar alojamentos,
Eſtimando a victoria já ſegura:
Mas Barreto, e Vieira a tudo attentos,
Na juſtiça, que a cauſa lhe aſſegura,
Confião que na empreza o Ceo lhe valha,
E tudo vão diſpondo a huma batalha.

LIX.

Nem com tanto poder Van-Scop recuſa,
Decidir n'huma acção toda a contenda,
Antevendo, ſe a perde a gente Luſa, (da:
Que outra força não tem q̃ a guerra empren-
E já na marcha a multidão confuſa,
A acção começa pelo fogo horrenda,
E turbando dos Belgas toda a fórma,
Combatem com valor, porém ſem norma.

LX.

LX.

Nos montes Guararapes ſe alojava
Formado o Portuguez, que o Belga eſpera;
E a eſcaramuça, que emprendêra brava,
Traz a ſitio o Hollandez, que adverſo lhe era:
Deſde alto monte o Luſo fogo obrava,
Com ruina dos Batavos táo fera,
Que ou ſeja ao lado, ou na eſpaçoſa fronte,
Se cubrio de cadaveres o monte.

LXI.

Reune os batalhões Van-Scop irado,
E á fronte com valor da linha poſto,
Tenta deſalojar do alto occupado
O invicto Camaráo, que lhe faz roſto:
Mas com chuva de balas rechaçado,
Perde tres vezes o ganhado poſto;
E já ferido com mil mortos cede,
Em vil fuga, que a noite lhe concede.

LXII.

Noventa dos ſeus perde o Luſitano;
E em quanto o Belga ſe retira incerto,
Deſcobre a aurora todo o monte, e plano
De bandeiras, canhões, e armas cuberto:
Muitos alli do Batavo tyranno,
Perdidos pela noite em campo aberto,
Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
Nas máos da noſſa Tropa prizioneiros.

LXIII.

Horroriza-ſe Hollanda, paſma Europa,
Exalta Portugal, canta a Bahia,
Vendo-ſe triunfar tão pouca Tropa
Da terrivel Potencia, que a invadia:
Nada de humano o penſamento topa,
Que em tudo a mão de Deos clara ſe via;
Pois ſempre elege para os ſeus portentos
Os mais fracos, e humildes inſtrumentos.

LXIV.

Tinha exhauſta a ambição, mas não cançada
A cubiçoſa Hollanda em tal conquiſta;
E para novo empenho apparelhada,
Eſcolhe os Capitães, e a gente aliſta:
Mas do Britanno ás armas provocada,
Sobre intereſſe que mais alto aviſta,
Suſpende o influxo na famoſa empreza,
Deixando em Pernambuco a guerra acceza.

LXV.

Brinc a eſte tempo, Coronel valente,
Impetra de Van-Scop tropa luzida,
Com petrechos, e número potente,
Que em batalha cruel tudo decida:
Sinco mil homens de eſcolhida gente,
De canhões, e petrechos guarnecida,
Põe no campo aſſombrado da Potencia,
Igualando o valor co'a diligencia.

LXVI.

LXVI.

Com dous mil e ſeiscentos veteranos
Faz-lhe frente Barreto, e o Belga invade,
Correm de toda a parte os Luſitanos
A ſuſtentar á Patria liberdade:
Aloja o Luſo ſobre os meſmos planos,
Onde fora a paſſada mortandade;
O Belga na montanha ſe diſtingue,
Hum q̃ o eſtrago renove, outro q̃ o vingue.

LXVII.

Mas Brinc a tudo attento deſde o cume
Com pericia guerreira occupa o monte,
Onde ſeguindo o militar coſtume,
Dá fórma á retaguarda, e ordena a fronte:
Nem tão ouſado o Portuguez preſume,
Que em vantajoſo poſto o Belga affronte,
Eſperando a occaſião dalli opportuna,
De poder atacar com mais fortuna.

LXVIII.

Reconhece Barreto o ſitio, e fórma;
E vendo o ardor da Luſitana gente,
Que, habil no paſſo, da ſubida o informa,
Faz que o bravo Vieira ataque ardente:
E cubrindo a invasão com ſábia norma,
Com o fogo protege o aſſalto ingente,
Até que por mil caſos duvidoſos,
Vê ſobre o monte os campeões brioſos.

LXIX.

Nova batalha alli com fogo vivo
Move impavido o Belga, e firme insiste;
E por mais que o Vieira invada activo,
Onde hum corpo vacilla, outro resiste:
Tal ha que ainda combate semivivo;
Tal que cadaver já na morte triste,
A terra morde, e em raiva enfurecida,
Blasfemando do Ceo, despede a vida.

LXX.

A toda a parte voa o Grão Barreto,
E hum anima, outro ajuda, outros exhorta;
E excitando no Luso o Patrio affecto,
Incita o forte, o invalido conforta:
Bramava o fero Brinc em sangue infeto,
Entre a Batava turba oppressa, e morta,
Assalta horrendo hum batalhão potente,
E outros reprime com ferocia ardente.

LXXI.

Mas o invencivel Camarão, que o nota
Hum forte troço da reserva abala;
E suspendendo a misera derrota,
Lança o Belga por terra de huma bala:
Logo o Almirante da soberba Frota,
Vendo invalido Brinc cahir sem falla,
Occupa o mando, que já vago estima,
E o Batavo á peleija altivo anima.

LXXII.

LXXII.

Não ſoffre Henrique Dias, que obſervava
Do novo Chefe a intimação conſtante;
E de hum tiro, que fero lhe apontava,
Derriba morto o intrepido Almirante:
Sem Commandante o Belga trepidava,
E de hum, e de outro lado vacillante,
Huma vil fuga tímido declara,
E o campo com deſordem deſampara.

LXXIII.

O eſtandarte ſoberbo dos Eſtados,
Tendas, peças, bandeiras numeroſas,
Mil e trezentos mortos numerados,
Prizioneiros, bagagens precioſas:
Muitos centos na fuga degollados,
A caixa militar, armas cuſtoſas,
Forão neſta occaſião de tanta gloria
O merecido premio da victoria.

LXXIV.

Cinge o Arrecife de hum aſſedio eſtreito
Com prompta cura o Chefe Luſitano;
Mas tendo longa guerra o Belga feito,
Era contínuo ſim, mas mutuo o damno:
Até que Jaques ao commando eleito
No campo ſe aviſtou Pernambucano,
Conduzindo em fortuita derrota
Para o Luſo commercio a uſada Frota.

LXXV.

Por mar, e terra ſitiada a Praça,
Depois do longo aſſedio de nove annos,
Com mil deſaſtres fatigada e laſſa,
Cedeo todo o Brazil aos Luſitanos:
Mercê clara do Ceo, patente graça,
Que a táo poucos, e miſeros paizanos
Cedeſſe huma Naçáo, que enchia em guerra,
De Armadas todo o mar, de eſpanto a terra.

LXXVI.

Aſſim modera o Padre Omnipotente
Do ignorante mortal a incerta ſorte,
Por fazer com taes caſos evidente (te:
Que náo he quem mais póde o q̃ he mais for-
Tudo rege na terra a Máo potente;
Delle a victoria pende, a vida, a morte;
E ſem o ſeu favor, que o diſtribue,
Todo o humano poder nada conclue.

LXXVII.

Triunfou Portugal; mas caſtigado,
Teve em tal permiſsáo ſevero enſino,
Que ſó ſe lograrà feliz reinado,
Honrando os Reis da terra ao Rei Divino:
E que o Brazil aos Luſos confiado,
Será, cumprindo os fins do alto deſtino,
Inſtrumento talvez neſte Hemisferio,
De recobrar no Mundo o antigo Imperio.

LXXVIII.

Vi no ſonho mil caſos differentes,
Que no curſo vírão de outras idades:
Vi Provincias notaveis, e potentes,
Vi naſcer no Brazil aureas Cidades:
Famoſos Vice-Reis, e illuſtres gentes,
Tantos ſucceſſos, tantas variedades,
Que ſómente pintado, como em ſombra,
Confunde o penſamento, a viſta aſſombra.

LXXIX.

Prelados vi de excelſa Jerarquia,
E entre outros da maior celebridade
O claro Lemos, que enriqueça hum dia
De novas Sciencias a Univerſidade:
Elle ornará depois a Academia
Com conſtrucções de excelſa mageſtade,
E em doutrina a fará com ſabio modo
O Atheneo mais famoſo do Orbe todo.

LXXX.

Deo Catharina fim, e arrebatada
N'hum extaſe ficou, vibrando ardores;
Corrião pela face em luz banhada
Lagrimas bellas, como orvalho em flores:
Fica a pia aſſemblea eſperançada
De outros ſucceſſos eſcutar maiores;
E dando tempo ao ſomno milagroſo,
No abraço a deixão do celeſte Eſpoſo.

S.

(1) *S. Felice.* He o célebre Conde de Banholo, Official pratico, mandado de Hefpanha para exercitar, e difciplinar as noffas Milicias.

(2) *Do Rei grandeza.* Por efta acção generofa, que falvou a Bahia, foi creado por Filippe IV. primeiro Conde de S. Lourenço.

(3) *Henrique Dias.* Negro valerofiffimo, e Commandante dos Ethiopes, que tiverão grande parte na reftauração do Brazil.

(4) *Camarão.* D. Antonio Filippe Camarão, Americano de origem, e nação, braviffimo Capitão dos Carijos, que fe fez terrivel aos Hollandezes em frequentes combates, que lhes deo.

(5) *Barreta.* Fortaleza importante dos noffos junto ao Arrecife.

CANTO X.

I.

CHeia de aſſombro a turba a Dama admira
Tornada a ſi da ſuſpensão paſmoſa ;
E da nova visão, que alli ſentíra,
Proſegue a ouvir-lhe a narração goſtoſa :
Mais bella que eſſe Sol, que o Mundo gyra,
E com côr (diſſe) de purpurea roſa,
Vi formar-ſe no Ceo nuvem ſerena,
Qual naſce a Aurora em madrugada amena.

II.

Vi luzeiros de chamma rutilante
Sobre a esfera tecer claro diadema,
De materia mais pura que o diamante;
Que obra parece de invenção Suprema.
Luzia cada eſtrella tão brilhante,
Que parecia hum Sol, precioſo emblema
De admiravel belliſſima peſſoa,
Que á roda da cabeça cinge a coroa.

III.

De ouro fino os cabellos pareciáo,
  Que huma aura branda aos ares eſpalhava,
  E huns dos outros talvez ſe dividiáo,
  E outra vez hum com outro ſe enredava:
Frechas voando, mais náo feririáo,
  Do que hum ſó delles n'alma penetrava;
  Cabellos táo gentís, que o Eſpoſo amado
  Se queixa, que de hum delles foi chagado.

IV.

A frente bella, candida eſpaçoſa,
  Cheia de celeſtial ſerenidade,
  Vislumbres dava pela luz formoſa
  Da immortal ſoberana claridade:
Vê-ſe alli manſidáo reinar piedoſa,
  E involta na modeſtia a ſuavidade,
  Com graça, a quem a olhava táo ſerena,
  Que excitando prazer, deſterra a pena.

V.

Dos dous olhos náo ha na terra idea,
  Que aſtros, flores, diamantes eſcurecem;
  Ou na belleza de mil graças chea,
  Ou nos agrados, que brilhando offrecem:
N'hum olhar ſeu toda alma ſe encadea,
  E mil votos á roda lhe apparecem,
  Dos que a ſeu culto glorioſo aliſta,
  Outorgando o remedio n'huma viſta.

VI.

VI.

Das faces bellas, ſe na terra houvera
Imagem competente que a pintára,
Ás flores mais gentís da Primavera
Pelo encarnado, e branco eu comparára:
Mas flor não naſce na terrena esfera;
Não ha eſtrella no Ceo tão bella, e clara,
Que não ſeja, ſe a oppôr-ſe-lhe ſe arriſca,
Menos que á luz do Sol breve faiſca.

VII.

Da boca formoſiſſima pendente
Paſma em ſilencio todo o Ceo, profundo:
Boca, que hum *Fiat* pronunciou potente,
Com mais effeito, que ſe creaſſe hum Mundo:
Odorifero cheiro em todo o ambiente
Do labro ſe eſpalhava rubicundo;
Fragrancia celeſtial, que amante, e pia
No Filho com mil oſculos bebia.

VIII.

Todos ſuſpende em paſmo reſpeitoſo
O amavel formoſiſſimo ſemblante;
E mais nelle ſe oſtenta poderoſo
O Soberano Author do Ceo brilhante:
Pois quanto tem o Empyreo de formoſo,
Quanto a angelica luz de rutilante,
Quanto dos Serafins o ardente incendio,
De tudo aquelle roſto era hum compendio.

IX.

Nas brancas mãos, que angelicas se estendem,
Hum desmaiado azul nas veias tinto,
Faz parecer aos olhos, quando o attendem,
Alabastros com fundos de jacinto:
Ambas com doce abraço ao seio prendem
Formosura maior, que aqui não pinto;
Porque para pincel me não bastára,
Quanto Deos já creou, quanto creára.

X.

Mas se não se dedigna o Verbo Santo
Por nosso amor, de hum symbolo rasteiro;
Dentro parece do Virgineo Manto,
Pascendo em brancos lirios hum Cordeiro:
Os olhos com suavissimo quebranto
Lhe occupa hum doce somno lisongeiro,
A' roda os Serafins, que o estrondo impedem,
Para o não dispertar silencio pedem.

XI.

Aos pés da Mãi piedosa superada
Vê-se a antiga Serpente insidiosa,
De que a fronte na culpa levantada,
Quebra a planta Virginea gloriosa:
E enroscando os mortaes já quebrantada,
Ao éco só da Virgem poderosa,
No mais fundo do abysmo se submerge,
E o feral antro do veneno asperge.

XII.

XII.

Ao ver belleza tanta o penſamento,
Que a linda Imagem ſorprendia abſorto,
Ouve no centro d'alma hum doce accento,
Que o peito enchia de vital conforto:
E como infunde ás plantas novo alento
O matutino orvalho em fertil horto,
Tal dos doces influxos na abundancia
Dentro d'alma eu ſenti nova conſtancia.

XIII.

Catharina (me diz) verás ditoſa
Outra vez do Brazil a terra amada;
Faze que a Imagem minha glorioſa
Se reſtitua de vil mão roubada:
E aſſim dizendo, nuvem luminoſa,
Como véo, cobre a face deſejada;
E faz que na memoria firme exiſta
Entre amor, e ſaudade a doce viſta.

XIV.

Aſſim conclue Catharina, enchendo
De duvidoſo aſſombro a companhia:
Que Imagem foſſe aquella, hião dizendo,
Ou qual delles acaſo a roubaria?
Se a Mãi de Deos myſterios involvendo,
D'outra copia intrior o entenderia?
Ou queria talvez que em ſanto trato
Se reſtitua n'alma o ſeu retrato.

XV.

XV.

Mas véla em tanto appareceo boiante,
  Que junto da Bahia o mar cortava,
  Onde em bandeira, que lançou flammante,
  O Leão das Hespanhas tremolava:
Vem á falla com salva fulminante;
  E a Franca não, que á terra velejava,
  Posto á capa o Hespanhol, cortez visita,
  E o claro Diogo a visitallo incita.

XVI.

E depois que em festivo amigo abordo
  O bom Gonzales o Hospede festeja,
  Excitou-se nos dous claro recordo,
  De quem o Hispano foi, quem Diogo seja:
Ambos nos braços, de commum acordo,
  Hum a outro mil ditas se deseja;
  Reconhecendo o Luso o nobre Hispano
  Por hum dos companheiros de Arelhano.

XVII.

Carlos o grande, o Imperador famoso
  Grato por mim a saudar-te envia
  (Disse a Diogo o Hispano generoso,
  Soccorrido a outro tempo na Bahia):
Ouvio o invicto Cesar, gracioso
  O teu obsequio á Hispana Monarquia,
  E o serviço, que grande considera,
  Por mim no seu agrado remunera.

XVIII.

E porque poſſa em caſo equivalente
Retribuir-te aquella acção piedoſa,
Salva aqui te offereço a infauſta gente,
Perdida neſſa praia deſditoſa:
De cativeiro barbaro, e inclemente
Vivia na opprefsão laborioſa,
Até que deſtas armas protegida,
Remio na liberdade a infauſta vida.

XIX.

Garcés então da gente Luſitana
O mais diſtinto, que o diſcurſo ouvia,
Confeſſa o beneficio á força Hiſpana,
E a hiſtoria de ſeus caſos principia.
Depois que a gente abandonaſte inſana,
Com teu aviſo, a Luſa Monarquia
Gentes aqui mandou, náos poderoſas,
Que as Nações ſujeitaſſem bellicoſas.

XX.

Foi Pereira Coutinho o deſtinado
A fazer da Bahia a grã conquiſta;
Heróe no Indico Imperio celebrado,
Em quem nova eſperança o Luſo aviſta.
Tudo tinha o bom Chefe preparado,
Formoſas náos ajunta, e gente aliſta,
E á grã população, que meditava
De hum ſexo, e d'outro as gentes convidava.

XXI.

E ſem demora as praias occupando,
Foi dos Tupinambás, com teu recordo,
As potentes aldeas visitando;
Com amiga alliança em firme acordo.
Do Sertão vasto em numeroso bando
Desciáo, festejando o nosso abordo,
Os Carijós, Tapuias, e outras gentes,
Por fama do teu nome obedientes.

XXII.

Gupeva, e Taparica celebrados
Entre os Tupinambás, Nação, que habita
Os campos da Bahia dilatados,
Antes de outros Coutinho solicita:
E por vellos comtigo emparentados,
Povoar o Reconcavo medita
Da gente, que o teu nome reconhece,
Onde de dia a dia o povo cresce.

XXIII.

Todo o fertil terreno utilizando,
Donde riqueza se offerece tanta,
Engenhos vai de assucar fabricando,
Aldeas, casas, máquinas levanta:
E as drogas preciosas commutando,
A mandioca, arroz, e a cana planta;
Nem duvída que seja em tempo breve
A Colonia melhor, que Europa teve.

XXIV.

Eſcolha faz nas Tabas numeroſas
Dos que acha no trabalho mais activos;
Mas guarda para emprezas bellicoſas
Os que em ferocia reconhece altivos:
A todos com maneiras amoroſas
Propõe da Fé Chriſtã claros motivos;
E a condição notando em cada raça,
Huns doma com terror, outros com graça.

XXV.

Sabe que em gente tal nada ſe colhe,
Depois de endurecer na idade adulta,
Onde na puericia os mais eſcolhe,
Por dar-lhe em breve a educação mais culta:
Nem dos pais violento algum recolhe;
Mas do proveito, que de alguns reſulta,
Induz a gente barbara que o ſegue,
Que a prole á educação goſtoſa entregue.

XXVI.

Em cuidadoſa eſcola o temor ſanto,
Antes das Artes a qualquer ſe enſina;
Dão-lhe lições de ler, contar, de canto,
E o Cateciſmo da Chriſtã Doutrina:
Vendo-os o rude Pai, concebe eſpanto,
E pelo filho a Mãi á Fé ſe inclina,
Nem de meio entre nós mais apto ſe uza,
Que aquella gente barbara reduza.

XXVII.

E eſtes ſeráõ, ſe a idéa não me engana,
Meios á grande empreza neceſſarios,
Que em breve a gente rude fora humana,
Com Eſcolas, e Regios Seminarios:
Foge, ſem ſe domar a gente inſana,
Se em forças, e poder nos vê contrarios;
Mas educada em tenra mocidade,
Dilataria o Reino, e a Chriſtandade.

XXVIII.

Mas no meio das bellas eſperanças,
Com que a nova Colonia florecia,
Move a Serpe infernal deſconfianças
Entre os Tupinambás, e os da Bahia:
Foi a cauſa infeliz deſtas mudanças
Hum intereſſe vil de gente impia,
Que os póvos offendendo em paz amigos,
Cobríráõ toda a terra de inimigos.

XXIX.

Gupeva foi dos ſeus abandonado;
Taparica foi morto; a Luſa gente
Do Gentio nos matos rebellado,
Contínua perda nas lavouras ſente:
Queimada a planta foi, perdido o gado,
E cercado o arraial emcontinente,
Vio Coutinho por barbara violencia
Perdido o ſeu theſouro, e diligencia.

XXX.

XXX.

Na geral afflicção do Luſo povo
A lugar ſe recorre mais tranquillo;
Buſcamos nós Ilheos hum ſitio novo
Contra a turba feroz, ſeguro aſylo:
E já Coutinho ſe diſpõe de novo,
Vendo manſo o Gentio, a reduzillo,
Fabricando Colonia de mais dura,
Menos fecunda ſim, mas mais ſegura.

XXXI.

Mas os Tupinambás, melhor cuidando,
Com promeſſas os noſſos convidavão,
Com mil amigas provas proteſtando
De conſervar a paz, que antes guardavão.
Creo o infeliz Coutinho celebrando
Pactos, que ſegurança a todos davão;
E ſem temor de mais, voltar queria
Ao Reconcavo antigo da Bahia.

XXXII.

E já no mar a frota ſe eſquipava,
E cada hum de nós na empreza abſorto,
Sem temor, ou receio ſó cuidava
Em fazer ao Reconcavo tranſporto:
Navegámos o eſpaço, que diſtava;
E tendo á viſta o deſejado porto,
Com furia o mar aos Aſtros ſe levanta,
Em cerração do Ceo, que á viſta eſpanta.

XXXIII.

O ar caliginoso, e em nevoa impuro
 Tirou-nos toda a vista, e sem destino
 Batemos cegos n'hum penhasco duro,
 Sem termos do lugar noticia, ou tino:
Neste momento horrivel, transe escuro,
 Supplicando o favor do Ceo Divino,
 Vemos a náo, com horridos fracaços,
 Desfazer-se na penha em mil pedaços.

XXXIV.

Ficámos, como o entendes, alagados,
 Nadando em meio da procella horrenda;
 Huns das ondas se affogão devorados,
 Outros na praia em confusão tremenda:
E eis-que os crueis Tupís encarniçados
 Com frechas se empenhárão na contenda,
 Por levar-nos da arêa semivivos
 A' sorte dos seus miseros cativos.

XXXV.

Muitos vimos dos barbaros comidos,
 Alguns dispostos ao funesto occaso,
 Afflictos todos nós, e esmorecidos,
 E esperando qualquer seu triste praso:
Mas de ti sobre tudo condoidos,
 Triste Coutinho, que no acerbo caso,
 Depois de triunfar d'Asia assombrada,
 Perdeste infelizmente a vida amada.

XXXVI.

Tu, que mil vezes no remoto Oriente
Levantaste troféos de gloria onustos;
A quem cedêra o Malabar potente
Em Armadas, e Exercitos robustos:
Tu, que foste o terror da Indica gente,
Que da Lisia humilhaste aos Reis Augustos;
Lá estava em tanto a tua sorte escrita
De vires a acabar nesta desdita.

XXXVII.

Mais proseguir náo pode suffocado
O bom Garcez em amargoso pranto;
E condoeo-se Diogo, recordado
De ver-se em outro tempo em caso tanto:
E havendo os naufragantes consolado:
Náo sou (diz) insensivel, que sei quanto
Acerbo o caso he, cruel o artigo,
E a piedade aprendi no meu perigo.

XXXVIII.

Recebei entre tanto valerosos
Com magnanimo peito a adversidade;
Conseguireis por transes perigosos
Fazer-vos dignos da immortalidade.
Deixareis monumentos gloriosos
A huma longa, e feliz posteridade;
E ganhando obtereis com tanta gloria
Hum nome eterno nos padrões da Historia.

XXXIX.

Disse o piedoso Herói, reconhecêndo
  Ao Hispano Monarca pelo Enviado
  O distinto favor, e á mercê tendo
  Achar memoria no real agrado:
A' náo depois os socios recolhendo,
  No Reconcavo entrava desejado,
  Onde a vista formosa da Bahia
  Com perspectiva amena apparecia.

XL.

A ver na estranha náo, que gente aporte,
  Desde o interior Sertáo turba recrece,
  E bem que differente em trage, e porte,
  Catharina dos seus se reconhece:
Entre applausos recebe a Naçáo forte
  O gráo Caramurú, como merece,
  Mostrando pelo amor, e reverencia
  No antigo affecto a nova obediencia.

XLI.

Carrega em tanto o lenho desejado
  A náo de Du-Plessis; que Diogo estuda,
  Que seja em toda a terra obsequiado;
  Dando-lhe ao talho da madeira ajuda:
Hum Carijó porém nisto empregado,
  Em quanto a carga em toda a náo se muda,
  Huma Imagem roubou formosa, e bella,
  Que a náo venera na intrior Capella.

XLII.

XLII.

Obſervou-a Diogo na cabana
Tratada dos Tupís com reverencia ;
Eſtimando-a por couſa mais que humana,
Que excedia dos ſeus a intelligencia :
Sorprendeo-ſe da Imagem ſoberana
O Luſitano Heróe : e á competencia
Com elles venerando a Mái Divina,
Chama a vella a piedoſa Catharina.

XLIII.

Poz-lhe os olhos a Dama ; e tranſportada :
Eſta he (diſſe) *he eſta a Grã Senhora*,
Que vi no doce ſonho arrebatada,
Mais que o Sol pura, mais gentil q̃ a aurora :
Eis-aqui ! eſta he a Imagem venerada :
Eſte era aquelle roubo : entendo agora :
Oh minha grande ſorte ! Oh immenſa dita !
Iſto me quiz dizer a Mái bemdita.

XLIV.

Dizendo aſſim com anſia fervoroſa,
Poſtrada abraça a Imagem veneranda :
Beija, aperta-a, e de goſto lagrimoſa
Mil ſaudoſos ais ao Ceo lhe manda :
Aqui vos venho achar, Mái piedoſa,
No meio (diſſe) deſta gente infanda !
Infanda, como eu fui, ſe o voſſo lume
Não me emendára o barbaro coſtume.

XLV.

Olha em tanto ſuſpenſa a gente bruta;
E os exceſſos, que vê, cuidando, admira;
Nem concebe nas vozes, que lhe eſcuta,
Se prazer ſeja, ſe de dór ſuſpira:
Mas como a Imagem celeſtial reputa;
Quanto á Dama piedoſa obrando víra,
Qualquer á imitação fazer deſeja;
E eſte a adora, outro a abraça, e aquelle a bei-
(ja.

XLVI.

O Luſitano, e Franco Religioſo
Venerárão com fé prodigio tanto,
Lembrando-ſe do ſonho portentoſo
Com claro indicio do preſagio ſanto:
Em quanto o brutal povo numeroſo
Tudo nota em hum extaſe de eſpanto,
Até que a hum Templo em pompa veneranda
A pia multidão a Imagem manda.

XLVII.

Por ſanta invocação foi acclamada
A Senhora da Graça, e com fé pia
Foi deſde aquelle dia venerada
Singular Protectora da Bahia:
Igreja primitiva dedicada
Em meio as trévas deſſa gente impía,
Memoravel (ſe a fama he verdadeira)
Porque em todo o Brazil fora a primeira.

XLVIII.

XLVIII.

Neſte feſtejo a plebe ſe entretinha,
 E eis-que huma ſalva ſe ouve eſtrepitoſa
 De grande Armada, que eſtendendo vinha
 Galhardetes, e flammulas luſtroſa:
Tudo ao rumor da frota ſe encaminha,
 Vendo a bandeira tremolar famoſa,
 Que no brazáo das Quinas repreſenta
 A redempçáo, que o Ceo na terra intenta.

XLIX.

Era Thomé de Souſa o Commandante,
 Que alli Governador fora mandado
 Com multidáo de gentes abundante,
 Para dar fórma ao povo começado:
N'hum ſitio com mil mangues verdejante,
 Que o gráo Caramurú tinha habitado,
 Da Colonia, que ás Tabas ſe aſſemelha,
 O nome nos ficou de Villa-Velha.

L.

Alli por Principal conſtituido
 Foi dos Tupinambás o claro Diogo;
 Das Tabas do Sertáo reconhecido,
 Como Dragáo do mar, filho do fogo:
Catharina por ſangue eſclarecido
 Herda de ſeus Avós o Imperio logo, (1)
 Convocando á Bahia neſta idéa
 Dos ſeus Tupinambás toda a aſſembléa.

LI.

LI.

A' Taba de Gupeva já habitada;
Onde hoje he Villa-Velha, a turba corre;
Das outras Tabas toda a gente armada
Com os ſeus Principaes a ouvir concorre:
Toda a Cidade em corpo congregada
A' grande caſa concorreo da Torre:
Paço de Catharina, que na empreza
Preſidia aos Tupís, como Princeza.

LII.

A ſeu lado Diogo, e Souſa armado,
A' Camara preſide da Bahia: (2)
O Clero ſanto a Deos tendo invocado,
Ouvio-ſe dos clarins doce harmonia:
A Tropa Portugueza occupa hum lado;
Todo o outro eſpaço o Barbaro cubria:
E em meio a cada caſta alli preſente,
Brilha emplumado o Principal potente.

LIII.

De Varões Apoſtolicos hum bando
Tem de innocentes o eſquadrão diſpoſto,
Que hião na Santa Fé diſciplinando;
Todos aſſiſtem com modeſto roſto:
O Catecíſmo em cantico entoando,
No idioma Brazilico compoſto
Do Exercito, que Ignacio á Igreja aliſta,
Para emprender a barbara conquiſta.

LIV.

LIV.

Sentio da Patria o público proveito,
  O Monarca piiſſimo, que impera;
  E eſtes Varões famoſos tinha eleito
  A inſtruir o Brazil na Fé ſincera:
Elles toda a conquiſta houverão feito,
  E o immenſo Gentio á Fé viera,
  Se cuidaſſe fervente o ſanto zelo, (3)
  Sem humano intereſſe em convertello.

LV.

São deſta eſpecie os Operarios ſantos,
  Que com fadiga dura, intenção reta,
  Padecem pela Fé trabalhos tantos;
  O Nobrega famoſo, o claro Anchieta:
Por meio de perigos, e de eſpantos,
  Sem temer do Gentio a cruel ſetta,
  Todo o vaſto Sertão tem penetrado,
  E a Fé com mil trabalhos propagado.

LVI.

Muitos deſtes alli, velando pios,
  Dentro ás tocas das arvores occultos,
  Soffrem riſcos, trabalhos, fomes, frios,
  Sem recear os barbaros inſultos:
Penetrão matos, atraveſsão rios,
  Buſcando nos terrenos mais incultos
  Com immenſa fadiga, e pio ganho
  Eſſe perdido miſero rebanho.

LVII.

Mais de hum verás pela campanha vasta
Derramar pela Fé ditoso sangue;
Quem morto ás chammas o Gentio arrasta,
Quem deixa a setta com o tiro exsangue:
Vellos-has discorrer de casta em casta,
Onde o rude Pagão nas trévas langue;
E ao Ceo lucrando as miseraveis almas,
Carregados subir de inclitas palmas.

LVIII.

Com Corte tanta no sublime Paço,
Que a grã Casa da Torre se appellida,
Orando Catharina hum breve espaço,
O throno occupa, e as attenções convida:
Tinha emplumada a fronte, e o forte braço,
Como insignia de Imperio conhecida,
Hum marraque por sceptro sustentava,
Que toda a turba com respeito olhava.

LIX.

Venturosos Paizanos, que o Ceo ama,
(Disse a Dama Real) povo disperso,
Que elle ao rebanho seu piedoso chama,
Desde o antigo diluvio em sombra immerso:
Hoje vos quer livrar da Averna chamma,
Vendo arrastrar-vos do Dragão perverso,
Esse Grão Deos, que de huma Cruz sublime
A pena satisfaz, e a culpa opprime.

LX.

LX.

Da antiga Lusitania o Rei potente,
Acompanhando o Sol no gyro immenso,
Vai rodeando todo o Globo ingente,
Desde o aurifero Tago ao China extenso:
Por elle a Fé recebe todo o Oriente,
O Mouro cede de pavor suspenso,
E Europa admira pelo mar profundo,
Que o seu Reino menor subjugue hũ Mundo.

LXI.

Deste grande Monarca he tanto o Imperio,
Que aonde a propria luz não se encaminha,
Nos limites extremos do hemisferio
O Lusitano Exercito caminha.
A Africa, e Ilhas, o Arabe Cimerio,
Duas vezes passando a immensa linha,
Possue tantos póvos, que a contallos
São mais que os Portuguezes seus Vassallos.

LXII.

Este Rei glorioso foi o eleito
Por Providencia da eternal Bondade,
A fazer do Brazil hum povo acceito,
E digno de a gozar na Eternidade:
Pudera desta gente o forte peito,
Tendo n' Asia opulenta immensidade,
Estes nossos Sertões trocar incultos
Por Nações ricas, e terrenos cultos.

LXIII.

LXIII.

Pudera com as forças, que aqui manda,
Com pouca utilidade, ou mais que fora,
Domar o roxo mar por toda a banda,
E o Reino todo poſſuir da Aurora.
Mas a piedade faz, com que commanda,
Que antepondo o Brazil a tudo agora,
Moſtre aos homens, q̃ o impulſo q̃ o domina,
He propagar no Mundo a Fé Divina.

LXIV.

Generoſo penſar! ſagrada empreza!
Longe da vã Politica de Eſtado,
Que ſe a Milicia, ſe o Commercio preza,
Não tem da Santa Fé menor cuidado.
Mas o que rege a vaſta redondeza,
E a ſorte dos Imperios tem fixado,
Lá virá tempo em fim que o zelo pague,
E em ouro o Tago do Brazil ſe alague.

LXV.

Hum Rei, ſenão me engana oculto inſtinto,
Quando o Quarto remir as Luſas Quinas,
Depois do Sexto Affonſo, e Pedro extinto,
Abrirá no Sertão famoſas Minas:
Fará de ouro Lisboa D. João Quinto,
Altas diſpoſições do Ceo Divinas!
Pois no tremor, e incendio, que a ameaça,
Prepara eſte ſubſidio á grã deſgraça.

LXVI.

LXVI.

Tempo virá, que Dama mageſtoſa
  Por Soberana a Liſia reconheça,
  Epoca illuſtre, inſigne, e venturoſa,
  Em que tenha huma Santa por Cabeça.
Deſcerá ſobre o Reino a paz formoſa,
  E com a paz fará que a gloria deſça;
  Atlantes tendo do ſeu Regio Eſtado,
  Quatro Sabios, e hum inclito Prelado.

LXVII.

E tu, Monarca Juſto, do Ceo vindo,
  Venha-te a palma ſobre o Empyreo tarda,
  E Pai da Patria ao Reino preſidindo,
  Com zelo a antiga Fé nos noſſos guarda:
Enche o gráo nome, as portas reprimindo
  Do monſtro Averno: que nos fundos arda;
  Que deixe Portugal, que na Fé medrá,
  E Chriſto firma ſobre a immovel pedra.

LXVIII.

Eſta inſigne Progenie o Ceo promette,
  Brazil agora rude, aos teus vindouros,
  O cóllo humilde em tanto ao Rei ſobmette,
  E offerece-lhe contente os teus theſouros:
E entre tantas Nações, que ao jugo mette
  A' ſombra Portugal dos verdes louros,
  Sem provares da Guerra o furor vario,
  Chega ao Throno a humilhar-te voluntario.

LXIX.

LXIX.

E ſe Princeza me chamais ſublime
Dos voſſos Principaes naſcida herdeira,
Se ao Grão Caramurú, que o raio imprime,
Juraſtes vaſſallagem verdadeira:
Elle da ſujeição tudo hoje exime,
Cedendo ao Throno Luſo a poſſe inteira;
E eu do Monarca na Real Peſſoa
Cedo todo o direito, e entrego a Croa.

LXX.

Dizendo aſſim a Dama generoſa,
Deſce do Throno, e o eſplendido Diadema
Entrega ao Souſa; e toma mageſtoſa
Hum baixo aſſento com modeſtia extrema:
Paſma o Tupinambá, vendo a formoſa
Nobre Paraguaçú de claro Eſtema,
Que o ſeu Regio Marraque ao Souſa dando,
Deſpia a pompa do Real Commando.

LXXI.

Logo o Caramurú na lingua, e eſtilo
Dos naturaes fallando ao Chefe novo,
Poſto tudo em ſilencio para ouvillo,
O eſcudo da Bahia moſtra ao povo.
A pomba de Noé, que ao noto aſylo
Com ramo de oliveira vem de novo,
Dando a entender a paz, que á crúa gente
Com a Fé diſpenſava o Rei Clemente.

LXXII.

LXXII.

Eſte he o titulo (diſſe) verdadeiro,
Com que occupa o Brazil neſta Anarquia
O muito Alto Senhor D. João Terceiro,
A fim que em paz ſe tenha a turba impía:
Porque ao ſupremo Ser, e Ente primeiro
Reconheça o Sertão, ſirva a Bahia;
E porque propagada a Fé ſe veja
No novo Imperio, que conquiſta á Igreja.

LXXIII.

Diſſe Diogo, e as Quinas tremolando,
Real, *Real* com voz clama expreſſiva,
Por D. João Monarca venerando,
Principe do Brazil, que fauſto viva.
Reſponde a turba os vivas replicando,
Com tão alto clamor, que o ouvido priva,
E ao rumor dos canhões, e das cornetas
Correſpondem as bellicas Trombetas.

LXXIV.

Então ſentado ſobre o Solio ingente,
Que já deſoccupára a Dama bella,
Como Governador da Luſa gente
Thomé de Souſa cortejado della;
Toma poſſe legitima, e patente
Da Bahia, e Sertão, e ſem querélla
Do habitante, que os campos deſoccupa,
Em nome dos ſeus Reis a terra occupa.

LXXV.

Depois ao povo, e illuſtre Magiſtrado
Por Leis do novo Imperio manifeſta,
Que ſeja o Nome ſanto venerado,
Que ceſſe nos Sertões a guerra infeſta;
Que o Homicidio ſe veja caſtigado,
Que Antropófago atroz, que a Lei deteſta,
Que a Embaixada Evangelica, que envia,
Se ouça com paz; q̃ ſe honre o q̃ a annuncia.

LXXVI.

Que o indigena ſeja alli empregado,
E que á ſombra das Leis tranquillo eſteja;
Que viva em liberdade conſervado,
Sem que opprimido dos Colonos ſeja:
Que ás expenſas do Rei ſeja educado
O Neofito, que abraça a Santa Igreja;
E que na ſanta empreza ao Miſſionario
Subminiſtre ſubſidio o Regio Erario.

LXXVII.

Por fim publica do Monarca reto,
Em favor de Diogo, e Catharina,
Hum Real honorifico Decreto,
Que ao ſeu merecimento honras deſtina:
E em recompenſa do leal affeto,
Com que a coroa a Dama lhe conſina,
Manda honrar na Colonia Luſitana
Diogo Alvares Correa de Viana.

De

(1) *De ſeus Avós.* Vê-ſe ainda hoje a Inſcripção da ſua ſepultura, que intitula *Princeza do Brazil.*

(2) *A Camara.* Ainda hoje por aſſento feito em Camara ſe faz na Bahia o Anniverſario a Catharina Alvares, com eſta memoria.

(3) *O ſanto zelo.* Não referimos eſta expreſsão aos ſujeitos, de que ſe falla, que fora huma contradicção; mas vagamente a quem houveſſe ſido cauſa de decahirem aquellas Miſsões.

F I M.

Vende-ſe na loja de João Joſé Du Beux, defronte da Igreja de N. Senhora dos Martyres.

03775
1862

C781
D95lc